

2.º CICLO DE ESTUDO

Mestrado em Linguística

Um estudo semântico de apreciações críticas de livros: relações retóricas e análise de sentimento

Joana Filipa da Silva Ferreira

M

2019



Joana Filipa da Silva Ferreira

**Um estudo semântico de apreciações críticas de livros:
relações retóricas e análise de sentimento**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Purificação Silvano

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

novembro de 2019

Um estudo semântico de apreciações críticas de livros: relações retóricas e análise de sentimento

Joana Filipa da Silva Ferreira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Maria da Purificação Moura Silvano

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria de Fátima Henriques da Silva
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria da Purificação Moura Silvano
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Aos meus pais.

Sumário

Declaração de Honra	9
Agradecimentos	10
Resumo	11
Abstract.....	12
Índice de ilustrações	14
Índice de tabelas (ou de quadros)	15
Introdução	17
Capítulo 1 – Breve nota sobre o género <i>apreciação crítica</i>	21
1.1. Noção de género textual.....	21
1.2. Modelo de análise de Bronckart (1996).....	23
1.3. Avaliação crítica: algumas características	25
1.4. Avaliação crítica de filmes.....	26
1.5. Sumário	28
Capítulo 2 – Relações Retóricas	29
2.1. Hobbs (1985)	29
2.2. Mann & Thompson (1987)	31
2.3. Asher & Lascarides (2003)	34
2.4. Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010)	38
2.5. Sumário	40
Capítulo 3 – Análise de sentimento	42
3.1. Breve introdução à análise de sentimento	42
3.2. <i>Appraisal Theory</i> , de Martin & White (2005)	45
3.3. <i>Semantic Orientation CALculator</i>	48
3.4. Desafios na análise de sentimento	49
3.5. Relações retóricas na análise de sentimento	53
3.6. Sumário	55
Capítulo 4 – Breve caracterização semântica dos adjetivos e dos advérbios em português europeu	57
4.1. Adjetivos	57
4.1.1. Características gerais dos adjetivos	57

4.1.2. Tipologia de adjetivos adotada.....	60
4.1.3. Graduação de adjetivos	63
4.2. Advérbios	66
4.2.1. Características gerais dos advérbios.....	66
4.2.2. Tipologia de advérbios adotada.....	69
4.2.3. Relação entre advérbios e adjetivos	71
4.3. Sumário	72
Capítulo 5 – Análise do <i>corpus</i>	74
5.1. Descrição do <i>corpus</i>	75
5.2. Apresentação do percurso metodológico	80
5.3. Análise global do <i>corpus</i>	81
5.3.1. Condições de produção	81
5.3.2. Infraestrutura interna: os seus elementos	83
5.3.3. Os elementos de apreciação crítica do <i>corpus</i>	88
5.4. Análise das relações retóricas em segmentos avaliativos	90
5.4.1. Definição das relações retóricas relevantes.....	90
5.4.2. Frequência das relações retóricas	92
5.4.3. Inferência das relações retóricas: alguns elementos/estruturas linguísticos	100
5.4.4. Exemplo da estrutura retórica de um segmento avaliativo	103
5.5. Análise de Sentimento em segmentos avaliativos: o caso dos adjetivos e advérbios	105
5.5.1. Algumas características dos adjetivos.....	106
5.6. Interação entre a análise de sentimento e as relações retóricas: o caso da relação de contraste	120
5.6.1. Papel da relação de Contraste na polaridade das frases	121
5.6.2. Papel da relação de Contraste na polaridade dos adjetivos	124
5.7. Sumário	126
Conclusão	128
Referências Bibliográficas.....	137

Declaração de Honra

Declaro que a presente tese é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

[Porto, novembro de 2019]

[Joana Filipa da Silva Ferreira]

Agradecimentos

«The truth may be puzzling. It may take some work to grapple with. It may be counterintuitive. It may contradict deeply held prejudices. It may not be consonant with what we desperately want to be true. But our preferences do not determine what's true.»

(Carl Sagan, Skeptical Enquirer)

Muito especialmente, em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, aos meus avós e ao meu irmão, Diogo, pelo apoio constante e por me encorajarem sempre a lutar por aquilo que mais quero, não tendo medo de enfrentar as adversidades que as minhas escolhas possam trazer. Devo tudo o que tenho e a pessoa que sou a vós. A vossa energia é a minha força e a minha fonte para fazer sempre mais e melhor.

Gostaria de agradecer ao Carlos, que me acompanhou em todos os momentos deste projeto, nunca desistindo de me encorajar e não deixando esmorecer a vontade quando aumentavam as fraquezas. Foi ele que sofreu silenciosamente comigo, as ansiedades e inquietudes, lembrando sempre o essencial... acreditar em mim mesma.

Um especial agradecimento à Tatiana, à Regina, à Vanessa, ao Tiago, à Ana, ao Igor e ao Thomas pela amizade, pelos conselhos e pelo apoio incondicional mesmo antes do início desta jornada. Em especial, a minha gratidão à Andreia e à Raquel, as minhas companheiras durante estes 4 anos de crescimento intelectual, que tornaram tudo mais “easy going”, não só pelo humor e pelas brincadeiras, mas também, pelas conversas, pelas discussões, pela entajada, pelo companheirismo e pelas experiências por que passamos juntas.

Quero mostrar, igualmente, a minha gratidão aos meus professores de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo enormíssimo contributo que me deram enquanto estudante, enquanto profissional e enquanto pessoa. Devo a todos os professores o meu eterno interesse pela Linguística.

Finalmente, expresso o meu profundo agradecimento à minha orientadora, a professora doutora Purificação Silvano. Obrigada por me acompanhar nesta caminhada, pela disponibilidade, pela constante motivação, pelas risadas, pelos conselhos e pela orientação atenta e rigorosa. Muito obrigada!

Resumo

O presente estudo insere-se na área da semântica, tendo por finalidade contribuir para a caracterização semântica do género *apreciação crítica*. Embora este género textual tenha vindo a ser objeto de estudo de vários trabalhos sobretudo aplicados à crítica cinematográfica, não encontramos nenhuma investigação que, por um lado, se concentre nas características de apreciações críticas de livros e, por outro lado, o faça no quadro teórico das relações retóricas e da análise de sentimento. Com efeito, consideramos que um estudo mais aprofundado não só sobre as relações retóricas presentes neste género textual, como também sobre a orientação do sentimento de elementos linguísticos, como os adjetivos, que são fundamentais na expressão da opinião, é relevante para um melhor entendimento da forma como se estruturam as apreciações críticas, em particular as de livros feitas por agentes não-profissionais.

Nesse sentido, na base da nossa análise estiveram os seguintes objetivos: (i) determinar sumariamente aspetos da infraestrutura textual deste tipo de textos, na linha de Bronckart (1996); (ii) demarcar as relações retóricas mais frequentes em segmentos avaliativos das apreciações; (iii) averiguar a orientação do sentimento (positivo ou negativo) e a intensidade dessa orientação através da anotação da polaridade dos adjetivos nos segmentos avaliativos, no âmbito dos estudos da análise de sentimento; (iv) correlacionar a relação de Contraste com a mudança de polaridade (nas frases e nos adjetivos). Para tal, tratamos um *corpus* constituído por 50 apreciações críticas publicadas em dois blogues (*O sabor dos meus livros* e *Mente literária*) e um *site* (*Goodreads*) e escritas por críticos não-profissionais.

Os resultados do estudo realizado permitem tirar algumas conclusões relativamente aos diferentes parâmetros de análise. Quanto à infraestrutura textual, observa-se que os elementos comuns entre os blogues e o *site* são o título do livro, o corpo de texto, uma avaliação numérica, o autor da crítica e a data de publicação. Relativamente às relações retóricas, as mais recorrentes nos segmentos avaliativos são Continuação, Explicação e Contraste. No âmbito da análise de sentimento, verifica-se que os adjetivos têm um papel essencial na expressão da avaliação, assim como os advérbios, na medida em que podem contribuir para a mudança de polaridade dos adjetivos. Por último, apurou-se que a relação de Contraste influencia a polaridade da frase, mas não dos adjetivos.

Palavras-chave: Semântica, Apreciações críticas de livros, Relações retóricas, Análise de sentimento.

Abstract

The present study has a semantic nature and its main aim is to contribute to a semantic characterization of the reviews genre. Although this genre has been the object of study of several works (mainly concerning film reviews), we did not find any research that, on the one hand, focuses on the characteristics of books reviews and, on the other hand, adopts a rhetorical relations and sentiment analysis approach. Indeed, we consider that a deeper study, not only about the rhetorical relations present in this genre, but also about the orientation of the sentiment encoded by linguistic elements, such as adjectives, which are fundamental to the expression of opinion, is relevant for a better understanding of the way reviews are structured, in particular those of books made by non-professional agents.

With this in mind, several objectives were drawn, namely: (i) to determine aspects of the textual infrastructure of this genre, in line of Bronckart (1996); (ii) to identify the most frequent rhetorical relations in evaluative segments of the reviews; (iii) to ascertain the orientation of sentiment (positive or negative) and the intensity of that orientation by annotating the polarity of adjectives and adverbs in the evaluative segments, within the scope of sentiment analysis studies; (iv) to correlate the Contrast relation with polarity change (in sentences and adjectives). In order to achieve them, we constituted a *corpus* of 50 reviews published on two blogs (*O sabor dos meus livros* and *Mente literária*) and a website (*Goodreads*) and written by non-professional critics.

The results of this study point out to some conclusions regarding each parameter of analysis: (i) regarding the textual infrastructure, it is observed that the common elements between the blogs and the site are the book's title, the body of the text, a numerical evaluation, the critic's name and the date of publication; (ii) regarding rhetorical relations, the most recurrent ones in the evaluative segments are Continuation, Explanation and Contrast. With respect to sentiment analysis, it was found that (i) adjectives play an essential role in the expression of evaluation, as do adverbs, as they can contribute to polarity change of adjectives and (ii) the Contrast relation influences the polarity of the sentence, but not of the adjectives.

Keywords: Semantics, Book reviews, Rhetorical relations, Sentiment analysis.

Índice de ilustrações

Figura 1: Esquema de relação multinuclear (ou paratática)	32
Figura 2: Esquema de relação núcleo-satélite (ou hipotática).....	32
Figura 3: Diagrama do exemplo (8) (Mann & Thompson,1987: 12)	33
Figura 4: Exemplo de uma estrutura retórica	37
Figura 5: The Appraisal Framework (adaptado de Martin & White, 2005: 38)	45
Figura 6: Esquema de rede do sistema de Graduação (Martin & White, 2005: 154)	47
Figura 7: Tipologia de adjetivos proposta por Veloso & Raposo (2013).	61
Figura 8: Subdivisão da classe dos advérbios (Raposo, 2013).....	70
Figura 9: Apreciação crítica do livro correspondente ao texto 5 do nosso corpus – configuração das apreciações no blogue Mente literária	84
Figura 10: Apreciação crítica do livro correspondente ao texto 25 do nosso corpus – configuração das apreciações no site Goodreads.	85
Figura 11: Apreciação crítica do livro correspondente ao texto 43 do nosso corpus – configuração das apreciações no blogue O sabor dos meus livros	86
Figura 12: Estrutura retórica de um segmentos avaliativo do texto 17	104
Figura 13: Informações sociolinguísticas pedidas aos informantes	109
Figura 14: Configuração do questionário.....	111

Índice de tabelas (ou de quadros)

Tabela 1: Definição das classes de relações retóricas propostas por Asher & Lascarides (2003)	38
Tabela 2: Caracterização geral dos textos retirados do blogue Mente literária.....	76
Tabela 3: Caracterização geral dos textos retirados do site Goodreads	78
Tabela 4: Caracterização geral dos textos retirados do blogue O sabor dos meus livros.....	79
Tabela 5: Condições de produção das apreciações críticas do corpus	82
Tabela 6: Configuração das apreciações críticas nas diferentes fontes.....	87
Tabela 7: Elementos que são objeto de crítica na apreciação do livro.....	90
Tabela 8: Definição das relações retóricas relevantes.....	91
Tabela 9: Frequência das relações retóricas relevantes.....	92
Tabela 10: Número de ocorrências dos conectores que marcam a relação de Contraste nos segmentos avaliativos.....	96
Tabela 11: Número de ocorrências dos valores dos conectores que marcam a relação de Contraste	97
Tabela 12: Elementos e estruturas linguísticos que marcam as relações retóricas	102
Tabela 13: Análise quantitativa de algumas características dos adjetivos em segmentos avaliativos.....	107
Tabela 14: Grelha com os resultados da análise de expressões advérbio+adjetivo	116
Tabela 15: Contagem de ocorrências de operações de mudança da polaridade em expressões advérbio+adjetivo.....	120
Tabela 16: Mudança de polaridade dos constituintes ligados pela relação de Contraste	122
Tabela 17: Tipo de reversão causada pela relação de Contraste	123
Tabela 18: Análise dos adjetivos em constituintes ligados pela relação de Contraste.....	125

Introdução

A apreciação crítica caracteriza-se por um conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional próprios, pressupondo não só uma avaliação, que pode ser favorável ou desfavorável em relação a um determinado objeto ou tema, mas também a uma fundamentação dessa avaliação, o que requer o recurso a elementos e estruturas linguísticos adequados à expressão de uma valoração positiva ou negativa e da respetiva justificação. Dado o seu carácter avaliativo, o locutor, que pode ser um crítico especializado, ou não, modela o seu discurso através de estratégias discursivas de persuasão que operam sobre o dialogismo, a subjetividade, a expressividade, a polémica e a singularidade, para estimular comportamentos de adesão ou de rejeição do recetor em relação ao objeto avaliado (livros, filmes, quadros, entre outros). Este género textual tem sido alvo de algumas investigações de índole semântica, não só no que diz respeito às relações retóricas, mas, mais recentemente, no que concerne à análise de sentimento ou à correlação destes dois temas (Taboada, 2008, 2011; Asher *et al.*, 2009; Trnavac *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2015, 2018a; entre outros).

É nesta sequência que este estudo se insere, procurando observar a correlação entre as relações retóricas (de agora em diante, RR) e a análise de sentimento (doravante, AS) em segmentos avaliativos de apreciações críticas de modo a contribuir para um melhor entendimento deste género textual, mas também dos dois tópicos em se foca. A decisão de apenas analisar os segmentos avaliativos das apreciações críticas advém do facto de eles serem o *locus* onde se faz a apreciação propriamente dita e onde aparece um maior número de palavras avaliativas, tal como refere Taboada (2011):

“The results of a log-likelihood analysis show a statistically significant difference between Description and Evaluation stages, with the latter containing more evaluative words and phrases, in particular adjectives.”

(Taboada, 2011: 264)

“Evaluation stages in the reviews would contain more evaluative or subjective words and expressions that what I have characterized as Description stages, i.e., all other stages that describe the content of the movie, the plot, the characters, or the background within the content of the author, thinks the movie should be interpreted.”

(Taboada, 2011: 259)

Para o efeito, decidimos enveredar pela observação dos aspetos mencionados no parágrafo anterior num conjunto de 50 textos escritos em português europeu por críticos não-

profissionais, extraídos de três fontes da *Internet* diferentes: *Goodreads*, *Mente literária* e *O sabor dos meus livros*. Decidimos analisar apreciações críticas, por um lado, de livros e, por outro, escritas por não-profissionais por não haver, tanto quanto sabemos, estudos para o português europeu.

Como se verá ao longo deste trabalho, as RR são cruciais para entender a forma como o texto se estrutura, ou seja, como os autores/leitores estabelecem as relações de sentido entre os segmentos de uma frase e de um texto e é nessa importância que assenta o interesse científico pelas RR. Para além disso, um estudo que nos permita perceber de que forma se faz a atribuição positiva ou negativa de uma palavra, segmento ou frase, desperta-nos o interesse pela AS. No entanto, tanto quanto é do nosso conhecimento, para o português europeu, não existem estudos significativos que correlacionem as RR e a AS, em particular, em críticas de livros de blogues e *sites*.

Desta feita, o nosso objetivo geral é contribuir para uma caracterização semântica do género apreciação crítica de livros. Para o efeito, definiram-se como objetivos específicos:

- i. determinar sumariamente aspetos da infraestrutura textual;
- ii. identificar e caracterizar as RR mais frequentes nos segmentos avaliativos;
- iii. avaliar a relevância dos adjetivos na expressão de opinião;
- iv. determinar a orientação do sentimento (positivo ou negativo) e a intensidade dessa orientação dos adjetivos;
- v. aferir o papel dos advérbios na modificação dos adjetivos em segmentos avaliativos;
- vi. verificar a contribuição da relação de Contraste para a mudança de polaridade das frases em que ocorre e dos adjetivos que surgem no âmbito dessa relação.

Para realizar este estudo, no que toca à apreciação crítica enquanto género textual, baseamo-nos nos pressupostos apresentados por Barros (2008), Taboada (2011), Topa-Bryniarska (2017) e Silva *et al.* (2018b).

Quanto à infraestrutura textual, adotamos os estudos de Bronckart (1996) e Silva *et al.* (2018b).

Como base teórica da nossa análise das RR, selecionamos a *Segmented Discourse Representation Theory* (SDRT), de Asher e Lascarides (2003), ainda que com estipulações

adicionais, apresentadas por Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010). Importa referir que, desta proposta, nos cingiremos apenas às *relações de conteúdo* (Asher & Lascarides, 2003).

Seguindo Oliveira, Cunha & Silvano (2010: 278), e tendo em consideração os objetivos inicialmente expostos para a consecução deste estudo, optamos pela SDRT pelas razões que se seguem:

- i. é uma teoria atual de interpretação do discurso no âmbito da semântica dinâmica;
- ii. resolve determinados problemas da *Discourse Representation Theory*, de Kamp e Reyle (1993);
- iii. incorpora contributos de outras áreas, como a Pragmática, fundamentais à interpretação do discurso.

Por seu turno, relativamente à AS, adotamos os estudos que emanam essencialmente de Martin & White (2005), apoiando-nos em investigações suplementares como Taboada (2008), Mejova (2009), Taboada *et al.* (2011) e Trnavac *et al.* (2015).

Com vista a atingir os objetivos a que nos propusemos, estruturamos o presente estudo da forma que passamos a descrever.

No capítulo 1, fazemos uma breve abordagem sobre o género apreciação crítica. Assim sendo, em 1.1., apresentamos a noção de género textual, tendo em conta Bronckart (1996) e, logo de seguida, em 1.2., expomos o modelo de análise do mesmo linguista (Bronckart, 1996). Em 1.3., apresentamos algumas características da apreciação crítica enquanto género textual e, em 1.4., exibimos as características semânticas da apreciação crítica de filmes. Por último, fazemos um breve sumário do capítulo (1.5.).

O capítulo 2 faz uma abordagem teórica das RR, mostrando a evolução das teorias acerca das mesmas. Deste modo, em 2.1. fazemos uma introdução ao conceito de RR tendo em conta o estudo de Hobbs (1985), em 2.2., seguimos Mann & Thompson (1987). Já em 2.3., fazemos uma apresentação dos pressupostos da SDRT, de Asher & Lascarides (2003). Em 2.4., expomos as estipulações adicionais a esta teoria, de Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010). E, por fim, realizamos um sumário do capítulo (2.5.).

O terceiro capítulo deste estudo aborda o tema da AS. Em 3.1., fazemos um enquadramento teórico sobre AS, com base nos estudos que emanam essencialmente de Taboada (2008), Mejova (2009), Taboada *et al.* (2011) e Trnavac *et al.* (2015). Em 3.2., expomos a *Appraisal Theory*, de Martin & White (2005), subseqüentemente adotada para o nosso estudo. Em 3.3., damos a conhecer um sistema computacional de anotação de sentimento,

o SO-CAL. Por outro lado, em 3.4., demonstramos os vários desafios que a anotação de sentimento apresenta. Para tal, adotamos a análise de Mohammad (2017). A secção 3.5. mostra alguns estudos que têm correlacionado as RR com a AS. Novamente, em 3.6., fazemos um breve sumário daquilo que foi falado durante todo o capítulo.

O capítulo 4 foi dedicado a uma descrição da classe dos adjetivos e dos advérbios. Em 4.1. apresentamos as características fundamentais dos adjetivos, a tipologia adotada e, por fim, damos conta da graduabilidade dos adjetivos. Em 4.2., fazemos uma descrição da classe dos advérbios, na mesma linha que em 4.1., ou seja, primeiro fazemos uma caracterização geral dos advérbios, depois expomos a tipologia adotada. Em 4.2.3., mostramos a relação existente entre advérbios e adjetivos. A secção 4.3. é dedicada a um sumário do capítulo.

No capítulo 5, a apresentação dos resultados da análise dos dados é subdividida em várias subsecções, destinando-se: a primeira à descrição do *corpus* (5.1.); a segunda à exposição do percurso metodológico seguido; (5.2.); a terceira à análise global do *corpus* (5.3.), tendo em vista as condições de produção (5.3.1.), a infraestrutura textual dos textos (5.3.2.) e os elementos das apreciações críticas (5.3.3.); a quarta a uma análise das RR (5.4.), contendo a definição das RR relevantes (5.4.1.), a frequência com que ocorrem (5.4.2.); alguns elementos e estruturas linguísticos que marcam cada uma das RR (5.4.3.) e, um exemplo da análise das RR num segmento avaliativo; a quinta à análise de sentimento (5.5.), com a descrição de algumas características dos adjetivos usados na expressão de opinião (5.5.1.) e com o estudo da polaridade de expressões compostos de um adjetivo avaliativo precedido por um advérbio (5.5.2.); e a sexta (5.6.) à discussão da interação entre a relação de Contraste e a polaridade das frases (5.6.1.) e dos adjetivos (5.6.2.). A secção 5.7. resume todo o percurso feito durante o capítulo da análise.

Por fim, na conclusão, tecemos considerações sumárias, dando destaque aos dados e resultados mais relevantes expostos durante análise.

Capítulo 1 – Breve nota sobre o gênero *apreciação crítica*

Neste capítulo, em primeiro lugar, apresentamos sucintamente a noção de gênero textual e fazemos uma breve descrição das noções básicas do gênero textual *apreciação crítica*, tendo em conta os autores Bakhtin (1986) e Bronckart (1996).

De seguida, apresentamos o modelo de análise de Bronckart (1996), modelo adotado neste estudo.

Posteriormente, apresentamos algumas características do gênero *apreciação crítica*, que será objeto de análise neste trabalho. Por fim, por não termos encontrado literatura que trate especificamente a *apreciação crítica* de livros, decidimos apresentar as características inerentes à *apreciação crítica* de filmes, porque, pertencendo ao gênero base *apreciação crítica* de um objeto, ambos partilham as mesmas características essenciais. Para isso recorreremos aos autores agora mencionados: Barbare (2004), Barros (2008, 2009), Marcuschi (2008), Taboada, (2011), Silva *et al.* (2015, 2018b) e Topa-Bryniarska (2017).

1.1. Noção de gênero textual

A noção de gênero¹ é um aspeto central dos estudos linguísticos sobre o texto e o discurso. Evidenciando uma articulação estreita entre fatores situacionais e fatores linguísticos, associados, evidentemente, a diferentes aspetos da organização textual, este conceito atravessa diversos enquadramentos teórico-epistemológicos, como a abordagem sistémico-funcional e o interacionismo sociodiscursivo, e áreas disciplinares, como a linguística de texto, a análise do discurso e a semântica.

A maioria das definições sobre o gênero estão ligadas ao trabalho realizado por Mikhail Bakhtin, que refere que a linguagem é realizada através de enunciados individuais concretos pelos falantes nas diversas áreas da atividade humana, “but each sphere in which language is used develops its own relatively stable types of these utterances. These we may call speech genres.” (Bakhtin, 1986: 60).

Na mesma linha de Bakhtin (1986), Bronckart (1996) considera que todo o texto empírico “est le produit d'une action langagière (...) [et il] est réalisé par emprunt a un genre, et il relève donc lui-même toujours d'un genre” (Bronckart, 1996: 111). No entanto, o autor

¹ Neste trabalho, não nos detemos sobre a problematização do conceito de *gênero*, porquanto não é o nosso objetivo central tratar este tema. No entanto, vejam-se os trabalhos seguintes, nos quais fundamentamos a nossa análise: Bronckart (1996), Coutinho (2007), Adam (2008) e Marcuschi (2008). Para além disso, assumimos a *apreciação crítica* como gênero, não entrando na discussão se é gênero ou subgênero por não ser o foco do nosso estudo.

acrescenta que o texto empírico evidencia uma adaptação do *genre-modèle* aos valores atribuídos pelo falante à sua situação, ou seja, “coexistem géneros estabilizados e conjuntos de textos sem fronteiras fixas” (Coutinho, 1999: 93) e, nesse sentido, além de apresentar as características comuns ao género emprestado, o texto empírico não deixa de denotar propriedades singulares que definem o seu próprio estilo (Bronckart, 1996: 111).

Portanto, e adotando Coutinho (1999: 95), a escolha do género é determinada, entre outros, em função não só da especificidade de uma dada esfera da interação verbal, mas também das necessidades da temática e do conjunto constituído pelos participantes na interação.

Assumindo, tal como Bakhtin (1986), a plasticidade e liberdade que caracteriza as formas do género textual nas quais moldamos o nosso discurso, Bronckart (1996) considera também que na sua composição os géneros integram especificidades ou, nas palavras de Coutinho (1999: 94), “configurações” que podem ser identificadas através de regularidades linguísticas, “e que constituem um conjunto limitado (permitindo por isso mesmo as possibilidades ilimitadas dos géneros).” (Coutinho, 1999: 94) A essas unidades linguísticas, Bronckart chama tipos de discurso.

Os tipos de discurso, sendo dependentes das particularidades de uma determinada língua, “vão de par com a construção de mundos virtuais distintos do “mundo normal”” (Coutinho, 1999: 94). Além disso, algumas dessas representações variam face à tarefa de produzir um texto, fazendo-se inevitavelmente sentir as representações associadas tanto ao contexto de produção como ao conteúdo temático (Coutinho, 1999: 94-95). Assim sendo, note-se que a cada mundo discursivo corresponde um tipo de discurso.

De acordo com Bronckart (1996: 155), os mundos discursivos distinguem-se entre mundos da ordem do expor e mundos da ordem do narrar, podendo ser subdivididos tendo em conta os traços *implicação* e *autonomia*, e estão estreitamente relacionados com os tipos de discurso considerados por Bronckart – o discurso interativo, o discurso teórico, o relato interativo e a narração –, na medida em que estes constituem segmentos nos quais se elaboram mundos discursivos específicos (Coutinho, 2004: 10).

No plano do que se poderá considerar os quatro tipos de discurso como tipos linguísticos, Coutinho comenta o seguinte:

“No conjunto do modelo proposto, cabe aos tipos de discurso um destaque particular. Tratando-se de segmentos de texto em que se elaboram mundos discursivos específicos, são identificáveis pelas unidades linguísticas que neles ocorrem – isto é, por unidades que

fazem parte de um ‘pacote’ de possibilidades de ocorrência. É essa regularidade linguística que torna viável a tipificação, assumindo-se assim os tipos de discurso, em número limitado e dotados de estabilidade linguística, como tipos linguísticos – a distinguir dos gêneros de texto, que resistem a qualquer inventariação que se pretenda estável e não se deixam identificar por características linguísticas (Bronckart, 1999, p. 138).”

(Coutinho, 2004: 10)

1.2. Modelo de análise de Bronckart (1996)

A adoção do modelo de Bronckart (1996) como opção analítica para a descrição do nosso *corpus*, requer, em decorrência dessa preferência, uma exposição dos princípios fundamentais que subjazem este modelo.

A nossa análise terá, portanto, por base, os parâmetros da funcionalidade, da composicionalidade e do estilo de Bronckart (1996). Esta opção deriva do facto de este método contemplar um conjunto de regularidades linguístico-discursivas (Coutinho, 2004: 10) que permite, desta forma, melhor entender a natureza e o funcionamento dos textos inscritos neste género textual, ou seja, na apreciação crítica.

Bronckart (1996), no quadro da abordagem teórico-epistemológica que designa como *interacionismo sociodiscursivo*², restringe como modelos de análise os contextos de produção e a arquitetura textual.

No atinente aos contextos de produção, considera-se como o conjunto de parâmetros suscetíveis de influenciar a forma como o texto está organizado. Temos, portanto, que considerar três critérios de análise: o contexto físico (literário, científico, jornalístico, entre outros), o quadro de interação comunicativa e o conteúdo temático, que, por exemplo, tanto pode ser uma receita culinária como um romance policial (Bronckart, 1996: 76).

Relativamente aos contextos de produção, considera-se o conjunto de parâmetros suscetíveis de influenciar a forma como o texto está organizado. Temos, portanto, que considerar três critérios de análise: o contexto físico (literário, científico, jornalístico, entre

² O estudo de um texto sob a perspectiva interacionista, como referem Koch & Cunha-Lima (2004: 284-289), apresenta as características que agora delineamos:

1) o processamento textual não resulta apenas de operações cognitivas, mas também da interação de várias tarefas conjuntas desenvolvidas pelos falantes;

2) essas tarefas são rotinas que resultam do desenvolvimento cultural do indivíduo que interagem com as suas atividades mentais;

3) o contexto não preexiste a interação, todavia desenvolve-se na própria interação;

4) o texto é visto como o próprio lugar da interação;

5) um tratamento privilegiado de temas como: a) os diferentes tipos de progressão, a saber, a progressão textual, temática e tópica; b) a *deixis* textual; c) o processamento sociocognitivo do texto; d) os gêneros.

outros), o quadro de interação comunicativa e o conteúdo temático, que, por exemplo, tanto pode ser uma receita culinária como um romance policial (Bronckart, 1996: 76).

Quanto à arquitetura textual, modelo que dá conta do modo de organização interna de um texto (Silva *et al*, 2015: 5; Silva *et al*, 2018b: 435), Bronckart (1996: 94) considera três níveis: 1) a *infraestrutura do texto*, que corresponde à estrutura interna do texto; 2) os *mecanismos de textualização*, que atribuem coerência temática ao texto e “íntegram os mecanismos de coesão, conexão nominal e coesão verbal” (Silva *et al*, 2018b: 435); 3) os *mecanismos enunciativos* que são responsáveis pela manutenção da sua coerência interativa “e [que estão] subdivididos em gestão de vozes e modalizações.” (*op. cit.*)

De referir ainda que a infraestrutura geral do texto, para Bronckart (1996: 121), é também constituída por três dimensões essenciais, a saber: 1) o plano global do texto, 2) os tipos de discurso, 3) as sequências textuais.

No que se refere ao primeiro nível, o plano global do texto, ele “concerne l'organisation d'ensemble du contenu thématique (,,,) et peut être codifié dans un résumé” (Bronckart 1996: 121).

Por seu lado, os tipos de discurso, tal como referido na secção anterior, “désigne les sortes de segments que comporte le texte” (Bronckart, 1996: 121), sendo ainda definidos como “formes linguistiques attestables dans les textes et traduisant la création de mondes discursifs spécifiques” (*ibidem*: 151).

Já no que concerne às sequências textuais, elas são formas de planificação textual convencional que são em número limitado e podem ser asseveradas no interior de um tipo de discurso, estabelecendo uma outra dimensão da infraestrutura textual “qui est celle de l'organisation séquentielle ou linéaire de son contenu thématique” (Bronckart, 1996: 219). O autor considera seis sequências prototípicas: narrativa, descritiva, dialogal, explicativa, argumentativa e injuntiva³.

Terminamos esta parte com uma explicação de Bronckart sobre como funciona uma sequência no âmbito da configuração textual, tendo em consideração que elas são apoiadas em operações dialógicas:

“Sous-tendues par des opérations à caractère dialogique, elles organisent une partie ou la totalité des énoncés relevant d'un type, selon un plan linguistiquement marqué, qui se superpose à la linéarité première de tout segment de texte. Ce plan comporte un nombre n

³ Para mais informação sobre estudos feitos sobre este tópico cf., por exemplo, Bronckart (1996) e Adam (1992).

de phases (ou «paquets» d'énoncés), explicitement délimitées et donc identifiables, et qui se succèdent dans l'ordre requis par l'objectif spécifique que l'agent producteur poursuit à l'égard de ses destinataires.”

(Bronckart, 1996: 256)

1.3. Apreciação crítica: algumas características

A apreciação crítica é um gênero textual que tem sido estudado por autores de diferentes quadros teóricos e com objetivos diversos, “ainda que, na sua globalidade, se manifeste como denominador comum a preocupação com a caracterização do gênero, quer em termos das suas condições de produção, quer no âmbito da sua composicionalidade e textualização” (Silva *et al.*, 2018b: 433-434; cf., por exemplo: Barbare, 2004; Barros, 2008, 2009; Taboada, 2011; Silva *et al.*, 2015; Topa-Bryniarska, 2017).

A apreciação crítica está marcada por um conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional próprios, pressupondo não só uma avaliação – favorável ou desfavorável de um determinado objeto –, mas também a fundamentação dessa avaliação, o que implica o recurso a elementos e estruturas linguísticos adequados à expressão de uma valoração positiva ou negativa e da respetiva justificação.

Assim, a apreciação crítica, onde cabe o juízo sobre diferentes objetos culturais, quer sejam filmes ou livros (como a que analisamos neste trabalho), ou outros, “constitui um instrumento para a realização de ações de linguagem, correspondendo cada uma destas ações a um texto empírico, que é contextualmente situado” (Silva *et al.* 2018b: 434), proporcionando-lhe, como já referido acima, a sua natureza singular e única. A este respeito, Silva *et al.* comentam o seguinte, baseado em Coutinho (2011):

“Cada texto empírico é, portanto, um exemplar do gênero apreciação crítica de filmes, cujo modelo, em função das propriedades da situação em que é produzido, o locutor adota e adapta, num movimento simultâneo de identidade, centrado na sua reprodução, mas também de diferença, pelas suas possibilidades de variação.”

(Silva *et al.*, 2018b: 434)

Ora, tendo em conta o que se depreende do texto reproduzido, existe uma relação de interdependência entre o texto concreto, a categoria de gênero ao qual pertence – de forma mais dependente ou mais livre – e a atividade em que ambos se enquadram (Coutinho, 2006: 6), o que lhe confere, conseqüentemente, uma natureza mais flexível e adaptável em função das

práticas sociais em que se inscreve e determina (Silva *et al.*, 2018b: 435). Porém, isto não significa que não se possam agrupar os fatores que circunscrevem a “(relativa) estabilidade de cada género, na (relativa) estabilidade (social e epocal) da atividade a que está associado” (Coutinho, 2006: 6).

A apreciação crítica assume, conforme transmite Marcuschi (2008), uma função relevante tanto no domínio da receção quanto no da produção, contribuindo, por conseguinte, para o desenvolvimento de competências diversas e convocando saberes declarativos e processuais variados e complexos.

1.4. Apreciação crítica de filmes

Como referimos acima, a apreciação crítica pode ser sobre diferentes objetos culturais, filmes, livros, quadros, entre outros. Apesar disso, há características linguístico-discursivas que são necessariamente idênticas independentemente do tipo de objeto que é apreciado. Por isso, nesta secção fazemos uma breve referência à literatura sobre algumas das propriedades da apreciação crítica e, dado que, tanto quanto sabemos os estudos realizados são apenas sobre filmes, restringimos a nossa revisão a este tipo de apreciação crítica.

Para Topa-Bryniarska (2017: 2), a apreciação crítica de filmes é vista como uma atividade sociolinguística de natureza interativa, isto é, pragmática e retórica, cuja análise se pode realizar em termos de *pathos* e *ethos*. Desta forma, observa-se que a crítica de filmes envolve mudanças de natureza cognitiva, estilística e pragmática, o que revela semelhanças com a persuasão publicitária, orientada para o princípio fático de condicionar os estados de crença, as atitudes e o comportamento do público, visto, como se sabe, como alvo e destinatário do discurso (Topa-Bryniarska 2017: 2). Portanto, este é um género textual atualizado numa situação de comunicação social e culturalmente determinada, com a particularidade de a avaliação do objeto ser precedida por uma análise crítica realizada pelo emissor.

Além do mais, o conteúdo e a forma como é concebida a mensagem que o emissor pretende transmitir vão depender de vários fatores, tais como os que se seguem: o público alvo, o tipo de suporte, a linha editorial do jornal/revista, o nível de especialização, os objetivos dos editores, entre outros (Barros, 2008: 55).

O emissor modela a sua avaliação através de estratégias discursivas de persuasão que operam sobre o dialogismo, a subjetividade, a polémica, a expressividade e a singularidade, para reforçar ou enfraquecer a opinião do recetor em relação ao objeto avaliado, enquanto se

estabelece uma relação de confiança entre o transmissor e os seus destinatários (Topa-Bryniarska, 2017: 4). Entre os meios mais utilizados nos processos acima referidos, Topa-Bryniarska (2017: 4-6) destaca:

1. Expressões com uma forte vocação afetiva do familiar, da gíria ou do registo popular;
2. Atos interrogativos sob a forma de perguntas retóricas;
3. Atos diretivos;
4. Pronomes coletivos (*nós* inclusivo) e quantificadores genéricos.

Para além do carácter argumentativo e da função persuasiva, que, segundo Silva *et al.* (2018b: 437), se traduz numa tentativa de estimular comportamentos de adesão ou de rejeição dos potenciais leitores em relação ao objeto em foco (cf., entre outros, Topa-Bryniarska, 2017: 2), a apreciação crítica de filmes cumpre também uma função informativa, que procura fornecer ao leitor dados sobre as personagens, a história, os atores, o próprio filme, o realizador, entre outros (Silva *et al.* 2018b: 437). Como nos diz Barbare (2004: 45), trata-se de “observar detalhes, identificar as características típicas da obra, compará-las com outras do mesmo género, criticar e elogiar o [objeto]”.

É do conhecimento geral que a apreciação crítica de filmes é um tipo de avaliação sob um ponto de vista crítico, que pode ser realizado por profissionais ou por não-profissionais (cf. Barros, 2008; Taboada, 2011; Topa-Bryniarska, 2017).

Tendo em consideração que locutores dos textos que constituem o nosso *corpus* são não-profissionais, apenas procederemos a uma breve abordagem sobre algumas características da escrita por este tipo de autores. Neste sentido, segundo Taboada (2011: 251), o facto de a apreciação crítica ser escrita por não-profissionais faz com que haja mais liberdade na produção de um texto e, portanto, que haja mais proeminência das suas opiniões, contrastando com a falta de informações detalhadas sobre determinado tema e manifestando-se mais acentuadamente a experiência pessoal e emocional destes críticos.

No âmbito do estudos das RR⁴, Taboada (2011) estuda a apreciação crítica *online* de filmes. Destacamos a seguir as principais conclusões desse estudo: 1) estádios específicos deste género: estádio descritivo sobre *Subject Matter*, *Plot*, *Characters* e *Background* e o estádio em que se faz a avaliação do objeto; 2) a descrição e a avaliação podem ser distinguidas através de palavras avaliativas e conetores; 3) em termos de conetores, a descrição contém mais

⁴ Para uma análise mais detalhada do conceito de Relações Retóricas, veja-se o capítulo 2.

marcadores temporais do que a avaliação, que inclui mais conectores causais; 4) na parte avaliativa ocorrem mais relações de causa, resultado, concessão, condição e contraste, RR propostas por Mann & Thompson (1987))⁵.

Já Silva *et al.* (2018b), que centram a sua investigação nas marcas linguísticas para a determinação da polaridade (positiva ou negativa) da apreciação neste género textual, notaram que esta valoração pode ser dada tanto lexicalmente através de adjetivos, verbos ou nomes, como composicionalmente através de sintagmas adjetivais, sintagmas verbais ou sintagmas nominais. Observaram, ainda, que a polaridade da apreciação tende a ser muito negativa nos filmes avaliados por uma estrela e muito positiva nos filmes avaliados por quatro estrelas.

1.5. Sumário

Neste primeiro capítulo, num momento introdutório ao capítulo, fizemos uma revisão muito sumária do conceito género textual, nas linhas de Bakhtin (1986) e de Bronckart (1996). Constatamos a existência de uma correlação entre o texto concreto, a categoria de género e, ainda, a atividade em que ambos se enquadram (Coutinho, 2006: 6).

A segunda parte destinou-se a uma breve apresentação do quadro de análise do género textual proposto por Bronckart (1986), que considera na sua análise as condições de produção e a arquitetura textual dos textos, que teremos em conta na descrição do *corpus*.

Num terceiro momento, fizemos uma exposição sobre as características da apreciação crítica enquanto género textual, salientando o facto de esta ser marcada por um determinado conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional que o tornam singular, pressupondo não só uma avaliação, mas, sobretudo, a fundamentação dessa avaliação.

Seguidamente, procedemos a uma revisão da literatura sobre apreciações críticas de filmes, dado que os estudos existentes sobre este género textual são apenas relativos a estes objetos cinematográficos (cf. Barros, 2008; Taboada, 2011; Silva *et al.* 2015; Topa-Bryniarska, 2017; Silva *et al.* 2018). Verificamos que a apreciação crítica de filmes, que tanto podem ser escritas por profissionais como por não-profissionais, tem uma natureza argumentativa, informativa e, sobretudo, persuasiva. Mais, constatamos que nos segmentos avaliativos predominam marcadores causais (Taboada 2011) e que, de acordo com o estudo de Silva *et al.* (2018a,b), há uma relação entre a polaridade positiva ou negativa de palavras avaliativas e o número de estrelas atribuído.

⁵ Para uma visão mais detalhada da teoria de Mann & Thompson (1987), veja-se a secção 2.2.

Capítulo 2 – Relações Retóricas

As RR (também chamadas de relações de coerência (Hobbs, 1985) e relações de sentido (Mann & Thompson, 1987, entre outros) são conexões que estabelecem sentido entre situações descritas num determinado discurso e têm sido integradas em várias propostas teóricas, sujeitas a reformulações, adições ou críticas diversas ao longo dos anos.

Neste capítulo, é nosso objetivo, dar conta de algumas das propostas mais relevantes no domínio das relações retóricas, nomeadamente, as de Hobbs (1985), Mann & Thompson (1987) e Asher & Lascarides (2003). De seguida, expomos as estipulações adicionais à *Segmented Discourse Representation Theory* (Asher & Lascarides, 2003), propostas essencialmente por Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010).

2.1. Hobbs (1985)

Hobbs, no âmbito dos estudos sobre o discurso, foi um dos primeiros teóricos a afirmar que um texto é uma unidade composta por estrutura, posto que, quando interpretamos um texto, conseguimos identificar as suas partes integrantes inteiramente organizadas através de, por exemplo, paralelismos, contrastes, sequências temporais, explicações, entre outros.

Estas estratégias de construção textual, que o autor designa como “relações de coerência”, ligam fragmentos de texto e, por consequência, essa junção dos fragmentos de texto constituem o texto na sua globalidade.

Uma condensação ilustrativa que sustenta o que acabamos de dizer ocorre nas palavras do próprio autor que transcrevemos abaixo:

“Let us begin with a fact: discourse has structure. Whenever we read something closely, with even a bit of sensitivity, text structure leaps off at us. We begin to see elaborations, explanations, parallelisms, contrasts, temporal sequencing, and so on. These relations bind contiguous segments of text into a global structure for the text as a whole.”

(Hobbs, 1985: 1)

Hobbs (1985) assenta a sua proposta nas seguintes subteorias: (i) *logic notation* ou *knowledge representation*; (ii) *syntax and semantic translation*; (iii) *knowledge encoding*; (iv) *deductive mechanisms*; (v) *discourse operations* ou *specification of possible interpretations*; (vi) *specification of the best interpretation*. Estas subteorias fornecem as ferramentas necessárias para que se possa fazer a análise de um texto e, naturalmente, atribuir a relação de coerência mais adequada para cada caso.

Hobbs (1985) faz ainda a divisão das relações de coerência em quatro categorias distintas, a saber:

- i. *relações de ocasião* que surgem quando uma mudança de estado pode ser inferida a partir da asserção da primeira oração, cujo estado final pode ser inferido através da segunda oração e vice-versa (*ibidem*: 10). Confira os exemplos abaixo, adaptados de Hobbs (*op. cit.*).
 - (1) Saia pela porta deste edifício
 - (2) Vire à esquerda;
- ii. *relações de avaliação* que ocorrem quando a segunda oração informa sobre o que foi dito na primeira oração e vice-versa (*ibidem*: 12).
 - (3) The funniest thing happened to me. (A story); (Hobbs, 1985:12)
- iii. *relações que evocam o conhecimento do ouvinte*, de que fazem parte a relação de Explicação e de Enquadramento, relacionam o discurso com conhecimento já adquirido pelo ouvinte (*ibidem*: 12).
 - (4) He was in a full humor.
He hadn't slept well that night.
His electric blanket hadn't worked. (*ibidem*: 14) – Relação de Explicação
 - (5) T is a pointer to the root of a binary tree. ... The following algorithm visits all the nodes of the binary tree in inorder, making use of an auxiliary stack A.
T1: Initialize. Set stack A empty and set the link variable P to T. (*ibidem*: 13) – Relação de Enquadramento;
- iv. *relações de expansão* que “[expand] the Discourse in place, rather than carrying it forward or filling in background” (*idem*, 1985: 14). Além disso, este tipo de relações pode ser classificado em termos de movimentos entre afirmações específicas e gerais e a interação desses movimentos com a negação. Damos como exemplo os seguintes trechos:
 - (6) We have nothing to say to Ron Ziegler, and Al Haig's never been in politics. (*ibidem*: 17) – Relação de Paralelismo
 - (7) Go down First Street.
Just follow First Street three blocks to A Street. (*ibidem*: 18) – Relação de Elaboração.

Embora o trabalho de Hobbs (1985: 33) tenha sido seminal para os estudos do discurso com base nas RR, o próprio autor admite que muito ficou por dizer e que este seria apenas uma

parte de uma teoria maior que “tem como objetivo explicitar o vínculo entre a interpretação de um texto e o conhecimento e as crenças que circunscrevem o texto” (Coelho, 2015: 46).

Mais recentemente, as RR têm sido integradas em teorias semânticas, explicando diferentes fenómenos linguísticos, nomeadamente, o das relações temporais (cf. Kehler, 2002; Asher & Lascarides, 2003; Silvano, 2010, 2013; entre outros).

2.2. Mann & Thompson (1987)

Um outro momento importante no caminho para a conceptualização das RR como noção fundamental para o estudo do texto foi a *Rhetorical Structure Theory* (em diante, RST), proposta por Mann & Thompson (1987, 1988; cf. também Taboada & Mann, 2006). Esta teoria permite identificar as partes de um texto, que tipos de ligações existem entre essas partes e como é que essas partes são organizadas umas em relação às outras para constituir um todo coerente.

Para Mann & Thompson (1987: 2), a RST possibilita uma maneira de descrever as relações entre unidades que podem variar consoante os objetivos da análise num determinado texto, “whether or not they are grammatically or lexically signalled”. Deste modo, a RST é uma ferramenta que auxilia o processo de relacionar “the meaning of conjunctions, the grammar of clause combining, and non-signalled parataxis” (Mann & Thompson, 1987: 2).

Esta teoria fornece um conjunto de combinações de traços muito úteis para o estudo do discurso, dos quais destacamos:

- i. a identificação de uma estrutura hierárquica do texto;
- ii. a descrição de possíveis relações entre as partes do texto, identificando o ponto de transição de uma relação e a extensão dos itens relacionados;
- iii. o melhoramento na descrição da análise dos segmentos;
- iv. a análise de textos de diferentes tamanhos.

Com efeito, para estes investigadores, na sua base, a organização de textos na RST é descrita principalmente em termos de relações que se mantêm entre dois (ou, por vezes, mais) extensões de texto que não se sobrepõem (Trnavac *et al.*, 2015: 6).

Para Mann & Thompson (1987), as relações podem ser multinucleares (paratáticas) ou refletir uma relação núcleo-satélite (hipotáticas), cada uma representando uma parte significativa de um texto.

De forma resumida, as relações são paratáticas quando uma porção de texto é independente de outra, sendo cada uma dessas porções um núcleo distinto (cf. Figura 1). Por outro lado, as relações são hipotáticas quando o núcleo transmite a informação mais importante, ou seja, corresponde às partes mais importantes do texto, preenchendo, assim, o objetivo principal do escritor/locutor. Por sua vez, o satélite fornece a informação complementar (Mann & Thompson, 1987: 4), isto é, funciona como um elemento ancilar do núcleo (cf. Figura 2).



Figura 1: Esquema de relação multinuclear (ou paratática)



Figura 2: Esquema de relação núcleo-satélite (ou hipotática)

Consequentemente, enquanto um determinado texto sem núcleos é incompreensível, um texto sem satélites é possível ser interpretável, já que a informação essencial reside no núcleo (Silvano, 2010: 178).

Segundo esta visão, adotando a mesma fonte (Mann & Thompson, 1987: 4), o conceito de relação apoia-se em quatro categorias distintas:

- i. as restrições no núcleo;
- ii. as restrições no satélite;
- iii. as restrições na combinação entre núcleo e satélite;
- iv. o efeito no leitor.

Assim, tal como nos esclarece Silvano (2010: 179), um analista constrói a estrutura RST de um texto com base nos julgamentos em particular especificados por estas quatro categorias.

Uma análise estrutural do texto é um conjunto de aplicações de esquema (*schema applications*), como as que se seguem:

- i. **Compleitude (*Completeness*)**: a aplicação esquemática deve conter todas as porções de texto (*text spans*) que constituem o texto;
- ii. **Conetividade (*Connectedness*)**: cada porção de texto em análise tanto é uma unidade mínima como parte de uma outra aplicação de esquema da análise;

- iii. **Unicidade (Uniqueness):** cada aplicação de esquema envolve diferentes leques de porções de texto e “within a multi-relation schema each relation applies to a different set of text spans” (Mann & Thompson, 1987: 8);
- iv. **Adjacência (Adjacency):** as porções de texto de cada aplicação de esquema formam uma porção de texto.

De acordo com a RST, os textos são construídos a partir de unidades básicas que estabelecem relações retóricas (relações de discurso ou relações de sentido ou, ainda, relações de coerência) entre si de forma recursiva. Ou seja, Mann & Thompson (1987) propõem que a maioria dos textos pode ser analisada na sua totalidade como aplicações recursivas de diferentes tipos de relações. Com efeito, isso significa que um texto inteiro pode ser analisado como uma estrutura de árvore. Vejamos agora um exemplo da análise feita pelos autores considerando as frases abaixo transcritas:

(8)

- 1 - The next music day is scheduled for July 21 (Saturday), noon – midnight.
- 2 - I'll past more details later.
- 3 - But this is a good time to reserve the place on your calendar. (*ibidem*: 12)

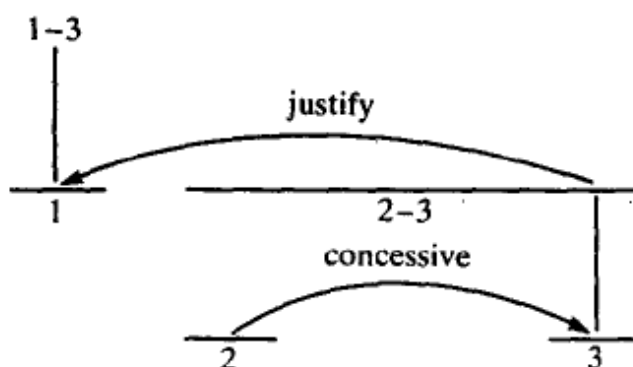


Figura 3: Diagrama do exemplo (8) (Mann & Thompson, 1987: 12)

Observando exemplos de que se socorrem os autores, as unidades 2 e 3 estão numa relação de justificação com a unidade 1. Recorrendo a Mann & Thompson, a relação de justificação “is intended to increase the reader’s readiness to accept the writer’s right to present the nuclear material” (1987: 9). Estas duas últimas unidades fornecem, portanto, informações ao leitor sobre a causa pelo qual o escritor acha que pode pronunciar a unidade 1 sem fornecer detalhes como a localização do evento.

Algumas relações apresentadas pelos autores no âmbito da RST são as relações de Evidência, de Justificação, de Antítese, de Concessão, de Circunstância, de Solução, de Elaboração, de Enquadramento, de Capacidade, de Causa, de Resultado, de Propósito, de Condição, de Oposição, de Interpretação, de Avaliação, de Atualização, de Sequência, de Contraste (1987: 10-76).⁶

Apesar do enorme contributo que estes autores trouxeram com a proposta da RST, admitimos que ela apresenta algumas desvantagens. Recorrendo a Silvano (2010: 187-188), destacamos os seguintes problemas:

- i. A definição de RR é baseada apenas nas intenções do escritor ou do leitor, descurando, assim, a contribuição de outras informações úteis;
- ii. Aplica restrições ao discurso que são demasiado rígidas, como é o caso da impossibilidade de haver mais do que uma RR a ligar duas unidades discursivas.

2.3. Asher & Lascarides (2003)

No seguimento de Silvano (2010: 29), a *Segmented Discourse Representation Theory*, desenvolvida inicialmente por Asher (1993 *apud* Silvano, 2010) e depois por Asher & Lascarides (2003), é o modelo mais completo e mais exato para um tratamento semântico da complexidade de ligações de sentido que asseguram a coerência e a coesão discursivas.

O primeiro mérito desta proposta teórica é a de que se apresenta como uma extensão da *Discourse Representation Theory* (DRT), de Kamp & Reyle (1993)⁷, conforme refere Silvano (2010), já que tenta resolver algumas questões linguísticas, relacionadas, por exemplo, com a anáforas temporais ou de pronomes anafóricos, e “capture some inferences about the content derived from the discursive cohesion treated within pragmatics” (Silvano, 2010: 197).

Ao introduzirem o conceito de *relação retórica* na DRT, de Kamp e Reyle (1993), Asher & Lascarides (2003) possibilitaram uma melhor compreensão da interação existente entre o

⁶ Para uma explicação mais profunda das RR apresentadas pelos investigadores e de como os diagramas são processados, cf. Mann & Thompson (1988: 249-255) e Taboada & Mann (2006: 423-459). Importa esclarecer, neste momento, que em 5.4.1. definimos as RR que são relevantes para a análise do nosso *corpus*.

⁷ Note-se que esta proposta teórica tem como alicerce os estudos sobre o tempo de Reichenbach (1947). Neste quadro teórico, Kamp & Reyle (1993) desenvolveram um modelo teórico, denominado *Discourse Representation Structure*, que permite representar semanticamente as frases, nomeadamente as suas propriedades temporais no que diz respeito à relação entre:

- i. o ponto de perspetiva temporal e o momento de enunciação;
- ii. o tempo da localização da eventualidade e o ponto de perspetiva temporal.

significado de um texto e a sua estrutura, porquanto estas relações “link together the utterances - or, more accurately, the meanings or “contents” those utterances convey” (Asher & Lascarides, 2003: 3).

De acordo com Asher & Lascarides (2003), num texto ou discurso, os vários enunciados que o compõe articulam-se segundo determinadas relações de coerência, isto é, relações de sentido (*ibidem*: 9), cuja inferência pode ser marcada, ou não, pela presença de palavras-chave, neste caso em particular, de conectores (Silvano, 2013: 596).

Vejamos dois fragmentos abaixo transcritos retirados do nosso *corpus*, nos quais em: (9), apesar de não apresentar nenhum conector, se observa que o segmento “são deixadas muitas pontas soltas num final mais aberto do que estava à espera” apresenta uma justificação para a ocorrência da situação “quando terminamos a leitura, não encontramos um final fechado”. Portanto, a RR presente neste segmento é a de Explicação; (10) apresenta uma palavra-chave, a conjunção subordinativa causal “porque”, que facilita a inferência da Relação de Explicação.

(9) “Quando terminamos a leitura, não encontramos um final fechado. São deixadas muitas pontas soltas num final mais aberto do que estava à espera.” (Texto 6)

(10) “Tive alguma ajuda ao adquiri-lo na edição da Guimarães editores em segunda mão, porque todas as palavras difíceis (que são aí cinco por página) vinham sublinhadas e com a respectiva definição na margem, o que me permitiu lê-lo em três semanas em vez de três meses.” (Texto 23)

De acordo com Silvano (2010: 198), é preciso ainda sublinhar que esta teoria considera a computação de diferentes fontes de informação no processamento das RR, a saber: 1) o conhecimento linguístico, no qual estão incluídas a semântica lexical e a semântica composicional; 2) o conhecimento não linguístico, no qual estão incluídos o conhecimento do mundo e o estado cognitivo dos falantes.

Estas fontes de conhecimento – que interagem em módulos entre si –, aliadas à semântica das RR, permitem a inferência das relações de sentido que ligam dois enunciados distintos, “estabelecendo, assim, uma ligação entre os sentidos dos conteúdos proposicionais dos enunciados” (Oliveira, Cunha & Silvano, 2010: 279).

Neste modelo, o processo de dedução de uma RR resulta de um complexo *defeasible reasoning*⁸, que pode ser utilizado para:

⁸ Ou *raciocínio anulável*, funciona da seguinte forma:

- i. moldar a interpretação pragmática do texto;
- ii. escolher a partir de um vasto leque de possíveis representações semânticas do texto qual a representação mais apropriada;
- iii. edificar a estrutura semântica do texto. (Lascarides & Oberlander, 1993: 1 *apud* Silvano, 2010: 198).

Segundo Silvano (2010), as RR são inferidas a partir de esquemas de axiomas que estabelecem a forma como a inferência das RR decorre da informação recolhida das diferentes fontes do conhecimento, sendo o esquema geral o seguinte, adaptado de Silvano (2010: 199):

$$(11) \quad (? (\alpha, \beta, \lambda) \wedge \text{some stuff}) > R (\alpha, \beta, \lambda)$$

O trecho transcrito abaixo explica o esquema mencionado:

“where α, β, λ are metalinguistic variables over labels; *some stuff* concerns the wellformed formulae that define the properties of α, β, λ ; and $\wedge$ and $>$ are logical connectives, meaning “and” and “then, normally”, respectively. This schema axiom can be glossed as follows: if β is attached to α with a discourse relation in some constituent λ , and “some stuff” about α, β and λ holds, then, normally, the discourse relation is R .”

(Silvano, 2010: 200)

Em termos simplificados, analisar um discurso na SDRT equivale a construir, de forma incremental, a partir das fórmulas lógicas que representam a semântica de cada frase (obtida através da semântica composicional padrão), uma “segmented discourse representation structure” (ou SDRS) para todo o discurso. Uma SDRS é definida como um conjunto de etiquetas específicas do tipo $[\pi_1, \pi_2, \dots \pi_n]$ para rotular o conteúdo de orações, frases ou unidades linguísticas de maior extensão.

A título exemplificativo, veja-se a análise da estrutura retórica das frases abaixo expostas:

π_1 – O Diogo magoou-se no joelho.

“The SDRT separates the different knowledge or information sources into distinct reasoning modules with different but interactive logics. The connection between all the modules and logics is carried out by the glue logic or the logic of information packaging, which, however, has limited access to the inferences from other logics, so that information can be computable.” (Silvano, 2010: 199)

π_2 – A Rute fez-lhe uma rasteira.

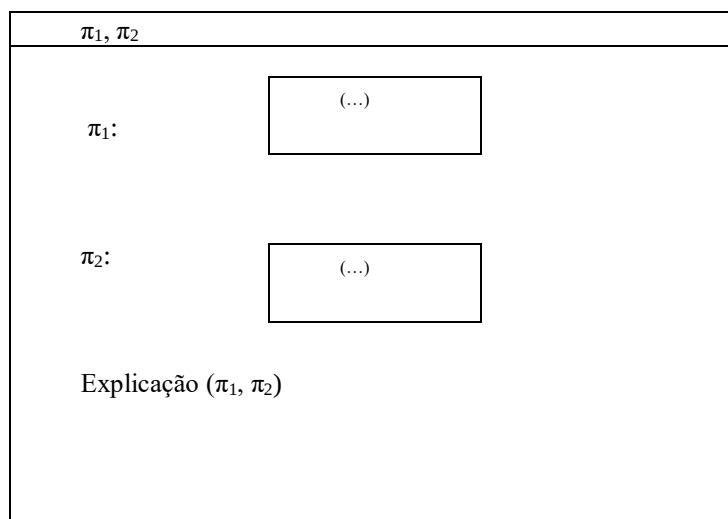


Figura 4: Exemplo de uma estrutura retórica

Quando construímos a forma lógica do discurso, encontramos dois casos de subespecificação que necessitam de ser resolvidas: um concernente às RR que podem ligar os segmentos; e o outro relacionado com os pontos de ligação disponíveis aos quais os segmentos podem ser ligados. (Silvano, 2010: 201-202). Nos dois casos, a subespecificação “surge como consequência da falta de informação gramatical criando fissuras que vão sendo preenchidas à medida que o discurso se vai atualizando” (Coelho, 2015: 60).

Convém ainda relembrar que Asher & Lascarides (2003) formulam cinco classes diferentes de RR, visíveis na Tabela 1. No presente estudo apenas nos debruçaremos sobre as relações de conteúdo.

Classes de relações retóricas	Definição
Relações de conteúdo (<i>content-level relations</i>)	Estão divididas em 3 subclasses (envolvem frases declarativas, interrogativas e imperativas) e incluem as relações que são definidas tendo em consideração o conteúdo das situações em que são introduzidas (Silvano 2010: 203).
Relações da estrutura do texto (<i>text structuring relations</i>)	Relacionam-se com a estrutura como as situações são representadas.
Relações do nível cognitivo (<i>cognitive-level relations</i>)	Dizem respeito às relações que podem ser inferidas em diálogos e são definidas tendo em conta as intenções e crenças expressas pelos interlocutores do diálogo.

Relações divergentes (<i>divergent relations</i>)	Estão relacionadas com conflitos existentes nos diálogos e são definidas em termos de estrutura dos seus constituintes.
Relações meta-conversacionais (<i>metatalk relations</i>)	Relacionam o conteúdo de um enunciado ao desempenho de proferir outro, “focussing on speech acts related goals” (Silvano 2010: 204).

Tabela 1: Definição das classes de relações retóricas propostas por Asher & Lascarides (2003)

Por fim, não obstante a importância desta teoria semântica, o avanço inovador que ela trouxe ao combinar contribuições de várias áreas como a pragmática, a inteligência artificial, e o facto de ser muito completa e bem fundamentada, esta não está de todo imune a críticas e/ou sujeita a estipulações adicionais por parte de diversos autores, tais como Silvano (2010), entre outros.

Algumas dessas críticas devem-se ao facto de, a título de exemplo, a SDRT não apresentar dados acerca da inferência das RR em frases complexas, bem como não incluir de forma mais extensiva as possíveis consequências temporais das RR. Nesse sentido, a secção que se segue vem expor alguns contributos que vêm beneficiar e tornar mais sólida a teoria de Asher & Lascarides (2003).

2.4. Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010)

Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010), para representar de forma adequada as RR e as relações temporais em frases com orações adverbiais, propõem estipulações adicionais ao que é proposto pela SDRT, de Asher & Lascarides (2003), tendo em consideração:

- i. a direccionalidade das RR;
- ii. as RR ao nível do conteúdo;
- iii. as RR ao nível da estruturação do texto;
- iv. a combinação de dois conjuntos de RR de natureza diferente.

Tendo em consideração as análises realizadas por Silvano (2010), as frases com orações adverbiais parecem apresentar entre si diferentes características no que diz respeito ao seu processamento, o que conduz a autora a propor uma estipulação relativa à direccionalidade das RR.

Por um lado, as orações causais, concessivas, condicionais e finais integram normalmente um conector que contém informação essencial para a inferência da RR correta. Neste primeiro grupo, Silvano (2010) propõe que tanto as relações retóricas como as relações

temporais são estabelecidas da oração subordinada para a oração matriz, independentemente da ordem linear do discurso.

Por outro lado, dado que as orações temporais funcionam como localizadores temporais das situações matriz, diferentemente das restantes orações adverbiais, a direcionalidade das RR é estabelecida da oração principal para a oração subordinada.

Outro contributo relevante diz respeito às RR ao nível do conteúdo. De facto, na SDRT, a lista apresentada pelos autores não é fechada, ou seja, graças a esta teoria, torna-se possível, com um conjunto aberto de relações, propor um número teoricamente infinito de relações de sentido. Desta forma, alguns autores têm vindo a apresentar novas RR ao nível do conteúdo, tais como: *Requisito* (Silvano & Cunha, 2009), *Narração Invertida* (Cunha, Leal & Silvano, 2008), *Paralelismo* (Silvano, 2010), *Condição* (Silvano, 2010), entre outras.

Para além destas, Silvano (2010) propõe ainda duas novas RR ao nível da organização estrutural das situações, a saber: *Frame*⁹ e *Especificação*. Atente-se nos exemplos que se seguem, que ilustram a oposição entre as duas relações:

- (12) a. A Ana começou a estudar quando a mãe chegou.
b. Quando a mãe chegou, a Ana começou a estudar.

Como podemos observar pelos exemplos acima, a posição da oração subordinada determina relações de sentido distintas ao nível da estruturação do texto. A um nível macroestrutural, em a., verifica-se que a oração começada por “quando” especifica a situação da frase matriz, fornecendo mais detalhes sobre ela. Pelo contrário, em b., observa-se que a primeira situação enquadra a situação da oração matriz. De forma resumida, a posição que a oração temporal ocupa influencia a leitura das frases (Silvano, 2010: 246). Quer isto dizer que, no primeiro exemplo se infere a relação de Especificação, enquanto no segundo exemplo, se infere a relação de *Frame*.

A última estipulação que iremos referir está relacionada com a proposta de dois conjuntos diferentes de RR. Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010), ao verificarem que as RR podem ter consequências temporais contraditórias nas orações subordinadas adverbiais¹⁰

⁹ Usamos aqui a designação *Frame* para distinguir a RR *Enquadramento*, proposta por Asher & Lascarides (2003).

¹⁰ Veja-se o exemplo de que se socorre Silvano (2013: 12) para explicar este problema:

- i. O João comprou uma mala porque vai viajar.

propõem a combinação de dois conjuntos de RR que divergem quanto ao seu processo de inferência:

(i) as *relações intrínsecas*, responsáveis por determinar uma relação semântica de interdependência entre as situações, “surgindo ao nível da estrutura interna das predicções.” (Cunha & Silvano, 2009: 243). Por consequência, no processo inferencial destas RR, as fontes mais relevantes serão o conhecimento do mundo e o léxico. Temos como exemplos ilustrativos as RR que se seguem: Explicação (Asher & Lascarides, 2003), Resultado (Asher & Lascarides, 2003), Elaboração (Hobbs, 1985), Requisito (Cunha & Silvano, 2009), Negação do Obstáculo (Kehler, 2002) e Condição (Asher & Lascarides, 2003). A inferência das RR nos exemplos abaixo assenta na “interação da semântica composicional, do léxico e do conhecimento do mundo, que, por sua vez, vai ditar uma determinada ordenação temporal” (Cunha & Silvano, 2009: 243).

(13) Quando o João caiu, escorregou numa casca de banana. - Explicação (Cunha & Silvano, 2009: 243);

(14) Quando bateu ovos com açúcar e farinha, a Maria fez o bolo. - Resultado (Cunha & Silvano, 2009: 243).

(ii) as *relações extrínsecas*, semelhantemente às *relações intrínsecas*, também veiculam um significado discursivo, mas são responsáveis por determinar a relação temporal entre as situações. Portanto, ao inferirmos estas RR, as fontes mais relevantes são as de informação temporal, dada a inexistência de interdependências de causalidade entre as situações envolvidas. São exemplo as seguintes RR: Narração (Asher & Lascarides, 2003), Retronarração (Alves, 2002) ou Narração Invertida (Cunha, Leal & Silvano, 2008), Enquadramento (Asher & Lascarides, 2003), Continuação (Asher & Lascarides, 2003) e Paralelismo (Silvano, 2010). Nos exemplos transcritos, verificamos que a relação entre os segmentos se faz “ao nível da estrutura externas das predicções” (Cunha & Silvano, 2009: 243).

(15) Quando o João tomou o pequeno-almoço, levantou-se. - Narração (Cunha & Silvano, 2009: 243);

(16) Quando a Maria estava no jardim, o telefone tocou. - Enquadramento (Cunha & Silvano, 2009: 243).

2.5. Sumário

Neste capítulo, o principal tema tratado foi o das relações retóricas, com o intuito de apresentar o conceito, assim como várias teorias que foram sendo propostas ao longo do tempo.

Considerando o exemplo dado pela autora, infere-se duas RR, a primeira seria a Narração e a segunda seria a Explicação. A SDRT prevê que estas duas RR têm consequências temporais incompatíveis, isto é, a primeira “prevê que a situação-S [estabelece] com a situação-M uma relação de anterioridade [e] a segunda determina que a situação-S [é] posterior à situação-M” (Silvano, 2013: 12), prevalecendo a consequência temporal da relação de Narração. Ora, não existia nenhum princípio que fundamentasse esta conclusão. Deste modo, esta proposta veio representar de forma mais exata a interpretação de frases como i).

Com efeito, incluímos neste capítulo estudos como o de Hobbs (1985), já que foi um dos pioneiros no que se refere às RR – às quais o autor dá o nome *relações de coerência*. Para além disso, também fizemos uma breve introdução à proposta de Mann & Thompson (1987), que introduziram os conceitos de *núcleo* e *satélite* na representação das RR. De seguida, apresentamos a proposta teórica adotada neste trabalho, a SDRT, de Asher & Lascarides (2003), que assenta nos estudos de Kamp & Reyle (1993). Por fim, expusemos as estipulações adicionais de Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010), que vieram reforçar a SDRT.

Embora a RST, de Mann & Thompson (1987), seja, ainda hoje, das mais utilizadas para a análise semântico-discursiva de textos (cf.. Taboada, 2008, 2011, 2016; Trnavac *et al.*, 2015), adotamos a proposta de Asher & Lascarides (2003) no tratamento das RR. É preciso destacar que, não obstante as novas teorias que possam surgir, esta é uma proposta que apresenta ferramentas bem solidificadas da semântica composicional e que equilibra de forma distinta a semântica e a pragmática, conseguindo juntar, portanto, o que de melhor as duas áreas podem dar para a interpretação do discurso. Na verdade, a conjugação das duas áreas (1) resulta num modelo mais completo e mais exato para um tratamento semântico da complexidade de ligações de sentido que asseguram, deste modo, a coerência e a coesão de um texto, (2) torna-a numa teoria atual de interpretação do discurso no âmbito da semântica dinâmica, (3) resolve determinados problemas da *DRT*, de Kamp & Reyle (1993).

Porém, como qualquer teoria científica, esta também não está isenta de problemas. Nesse sentido, como referido acima, foi necessário considerar no nosso estudo as estipulações adicionais à SDRT, propostas por Cunha & Silvano (2009) e Silvano (2010), que acrescentaram vários pontos positivos e pertinentes a esta teoria.

Capítulo 3 – Análise de sentimento

Neste capítulo, pretendemos reunir alguns elementos que nos permitem entender em que consiste *Análise de Sentimento* (referenciaremos este termo pela sigla AS a partir de agora).

As considerações feitas serão fundamentadas em abordagens teóricas como as de Martin & White (2005), Taboada (2008, 2016), Mejova (2009), Taboada *et al.* (2011) e Trnavac *et al.* (2015), dado que as suas nomenclaturas e designações são as mais utilizadas e reconhecidas, mas também por serem as mais adequadas para a análise do nosso *corpus*.

Ainda dentro deste capítulo, merece atenção uma exposição de alguns problemas teórico-práticos que parece suscitar a AS. Para o efeito, apoiamo-nos em Mohammad (2017).

Este capítulo termina com uma breve exposição sobre alguns estudos que combinam as RR com a AS (Asher *et al.*, 2009; Benamara *et al.*, 2013; Taboada *et al.*, 2009, 2011; Taboada & González, 2012; Trnavac & Taboada, 2012, 2014; Trnavac *et al.*, 2015), uma vez que esse é um dos parâmetros de análise do *corpus* que é objeto do nosso estudo.

3.1. Breve introdução à análise de sentimento

A AS é um campo de investigação relativamente recente (Pang & Lee, 2008; Taboada, 2008, 2011, 2016; Trnavac *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2018a) que atraiu uma atenção considerável nos âmbitos do processamento da linguagem natural, da semântica, da linguística computacional e da prospeção do texto (Mejova, 2009: 5).

Começando pela própria definição do termo, a AS trata de maneira computacional as opiniões, avaliações, sentimentos e a subjetividade que podem ser encontrados num texto relativas a “produtos, serviços, organizações, pessoas, eventos ou tópicos” (Cambria & Hussain, 2015; Liu, 2012, 2015 *apud* Silva *et al.*, 2018a: 83). Nesse sentido, note-se que a AS “is a growing field at the intersection of linguistics and computer science that attempts to automatically determine the sentiment contained in text” (Taboada, 2016: 325).

Na literatura, o conceito AS está associado a termos diferentes, entre os quais destacamos alguns: subjetividade (*subjectivity*) (Lyons, 1981; Langacker, 1990), análise da postura (*analysis of stance* e *attitudinal stance*) (Biber & Finegan, 1988; Conrad & Douglas, 2000), extração da avaliação (*appraisal extraction*) (Martin, 2000; Martin & White, 2005), avaliação (*evaluation*) (Hunston & Thompson, 2000; Thompson & Alba-Juez, 2014), análise de sentimento (*sentiment analysis*) (Pang & Lee, 2008; Taboada, 2016) ou prospeção da opinião (*opinion mining*) (Pang & Lee, 2008).

Decorrente da variedade dos termos e propostas, diversos são também os termos e conceitos que têm vindo a ser usados e descritos para as tarefas associadas à deteção do sentimento de um texto. Vejam-se alguns desses conceitos:

- i. A **polaridade** representa o nível de positividade e negatividade de um texto (Pang & Lee, 2008: 31). De referir que a polaridade pode ser também, para alguns linguistas (como Martin & White, 2005), um resultado ternário, acrescentando um nível *neutro* à polaridade de um texto. Não podemos deixar de referir que os léxicos podem ser criados por anotação manual ou por recursos automáticos, como veremos na secção 3.3.. Confira agora os exemplos:

- (17) Inteligente. – Polaridade Positiva
- (18) Incompreensivo. – Polaridade Negativa
- (19) Quarta-feira. – Polaridade Neutra

- ii. A relação díspar entre **subjetividade-objetividade**. Na sua forma mais básica, uma frase é subjetiva quando a marca individual e singular de um dado locutor é emitida, ou seja, quando se expressam sentimentos pessoais. Por outro lado, a objetividade refere-se à forma factual de se expressar.

- (20) Gosto de bolachas. – Subjetivo
- (21) O Sol é uma estrela. – Objetivo

- iii. A **intensidade ou força do sentimento ou da polaridade**¹¹ diz respeito ao número de “pontos” dados a um determinado texto ou frase. As entradas num léxico gerado automaticamente também incluem uma pontuação real que indica a força ou intensidade da relação entre a palavra e o sentimento – categoria de valência (Mohammad, 2017: 63). Esses números são, portanto, estimativas prévias do sentimento dos termos num uso médio desse termo. Esta numeração pode ser muito variável, por exemplo, (-5 a 5) se seguirmos Taboada (2011) ou (-3 a 3) se seguirmos Silva *et al.* (2018a).

¹¹ Taboada *et al.* (2008), no âmbito da linguística sistémico-funcional de Halliday (1994), levantam a hipótese de que as palavras que exprimem sentimento que estão expressas em núcleos são mais importantes do que palavras em satélites e, assim, dão pesos diferentes (1,5 vs. 0,5) a palavras em núcleos e satélites.

Na AS, os estudiosos tentam averiguar, portanto, os *elementos subjetivos* – definidos por Wiebe *et al.* (2004: 280) como “linguistic expressions of private states in context” e, normalmente, esses elementos podem ser *palavras primárias (prior words)*, frases ou segmentos dentro de uma frase – presentes nos fragmentos de um determinado texto (podendo ser uma mensagem SMS, uma mensagem de *chat*, um *tweet*, um texto de um blogue, uma crítica a um objeto, pessoa, ou outros). Taboada documenta bem o exposto afirmando o seguinte:

“Evaluation and subjectivity are not only expressed by individual words and phrases, but often conveyed through entire sentences, and particular patterns in sentences.”

(Taboada, 2016: 23)

Para além disso, o *sentimento* nos textos pode aparecer, tipicamente, de duas maneiras:

(i) *explícita*, ou seja, a frase expressa diretamente uma opinião relativamente a um dado objeto (por exemplo: as camélias são muito bonitas) – esta é forma que apresenta mais estudos, dada a facilidade de extrair sentimento desses elementos;

(ii) *implícita*, isto é, quando, a partir do que é dito no segmento, o recetor consegue induzir a opinião do locutor (por exemplo: a máquina de lavar é nova e estragou-se em 2 semanas).

De forma resumida, seguindo a linha de Mejova (2009: 6-8), os principais objetivos da AS são:

- i. **A deteção de sentimento no texto e seus fragmentos:** pode ser vista como a classificação do texto como objetivo ou subjetivo. Habitualmente, os investigadores dedicam-se essencialmente à análise de adjetivos, nomes, verbos e advérbios (cf. Taboada, 2011; Trnavac *et al.*, 2015; Silva *et al.*, 2018a, b, entre outros);
- ii. **A classificação da polaridade do texto e seus fragmentos:** classificar uma opinião abrangendo uma das duas polaridades de sentimentos (negativa ou positiva), ou localizar a sua posição num *continuum* entre estas duas polaridades (Pang & Lee, 2008: 16), identificando o sentimento global de um determinado texto;
- iii. **A escala multi-ponto:** serve para “distinguish between different mixtures of the two opposites” (Mejova, 2009: 7).
- iv. **A descoberta do alvo das opiniões:** a dificuldade dessa tarefa depende em grande parte do domínio da análise. Como mencionado anteriormente, normalmente é seguro assumir que as revisões de produto geralmente falam sobre o produto especificado. Por outro lado, a escrita geral, como páginas de blogues, nem sempre têm um tópico predefinido e muitas vezes mencionam objetos de natureza muito variada;

- v. **A extração de características de um dado objeto:** permite definir as características de um objeto como *componentes* ou *atributos*, segundo Liu *et al.* (2006 *apud* Mejova, 2009: 8).

Ao longo dos anos foram várias as propostas teóricas apresentadas para estudar o sentimento. A título de exemplo, evidenciamos: a *nonveridicality* ou contrafactualidade (Taboada & Trnavac, 2013); *evaluation* ou avaliação (Hunston & Thompson, 2000); *stance* ou postura (Biber & Finegan, 1988); e, por fim, uma das mais significativas, a *appraisal theory* (teoria da avaliação), de Martin & White (2015), que revemos na secção que se segue.

3.2. *Appraisal Theory*, de Martin & White (2005)

A *Appraisal Theory* pertence ao quadro teórico da linguística sistémico-funcional, proposta por Halliday (1994), e foi desenvolvida principalmente por Martin (2000) e Martin & White (2005). Martin (2000: 145) caracteriza o termo *appraisal* como “the semantic resources used to negotiate emotions, judgements, and valuations, alongside resources for amplifying and engaging with these evaluations”.

Como a abordagem da *appraisal framework* é lexical e não gramaticalmente baseada, “it is primarily focused on those words and semantic categories of words that allow a speaker to express different types of opinions” (Trnavac *et al.*, 2015: 4).

O seguinte esquema sumariza as categorias com que a *appraisal framework* trabalha:

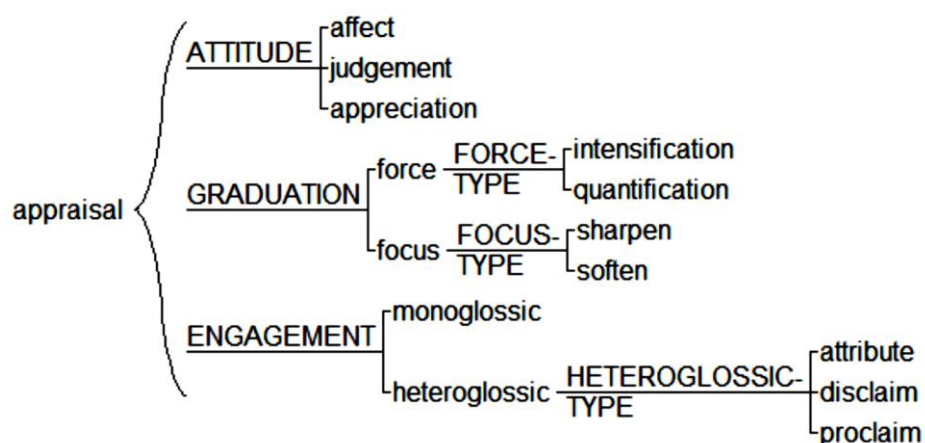


Figura 5: The *Appraisal Framework* (adaptado de Martin & White, 2005: 38)

O primeiro subsistema da *Appraisal Theory*, a Atitude (*Attitude*), está relacionado com os nossos sentimentos, com o parecer sobre o comportamento e com as avaliações sobre um

conjunto de entidades. Resumidamente, a Atitude é dividida em Afeto, Julgamento e Apreciação, que Martin & White (2005) descrevem da seguinte forma:

- i. **Afeto:** responsabiliza-se pela interpretação das respostas emocionais de uma pessoa (por exemplo, *felicidade* ou *tristeza*);
- ii. **Julgamento:** “conveys moral evaluations of character about somebody else than the speaker” (Trnavac *et al.*, 2015: 4) (por exemplo, *ético* ou *enganoso*);
- iii. **Apreciação:** capta as qualidades estéticas dos objetos e dos fenómenos naturais (por exemplo, o livro é *notável*).

A Atitude pode ser complementada pelo sistema de Graduação (*Gradution*), “central to the appraisal system” (Martin & White, 2005: 136), que captura uma possível intensificação ou redução dentro do intervalo da Atitude (por exemplo, o livro é *interessante até certo ponto*). Ou seja, a Atitude envolve significados graduáveis, que têm o potencial de serem intensificados e comparados (Martin & White, 2005: 44) com base no facto de estes significados serem mecanismos pelos quais os locutores “graduam” (ou classificam) a **força** do enunciado (cf. (22)) ou o **foco** da categorização (cf. (23)) pela qual os valores semânticos são identificados (Martin & White, 2005: 94).

(22) O final é muito bom e leva-nos a pensar em tudo o que se passou ao longo do livro. (Texto 8)¹²

(23) Uma autora muito descritiva, mas que cada descrição é uma verdadeira poesia, que me leva a ficar presa nas suas histórias sempre fabulosas. (Texto 19)

Enquanto a **força** “covers assessments as to degree of intensity and as to amount, [that is] assessments of degree of intensity can operate over qualities (...), over processes (...), or over the verbal modalities of likelihood, usuality, inclination and obligation (...)” e “assessments of amount apply to entities, rather than to qualities and processes” (Martin & White, 2005: 140), o **foco** opera à medida que os fenómenos são escalados por referência ao grau “to which they match some supposed core or exemplary instance of a semantic category” (Martin & White, 2005: 137). Veja-se uma síntese da rede de Graduação, adaptada de Martin & White (2005):

¹² Os exemplos aqui apresentados são retirados do *corpus*.

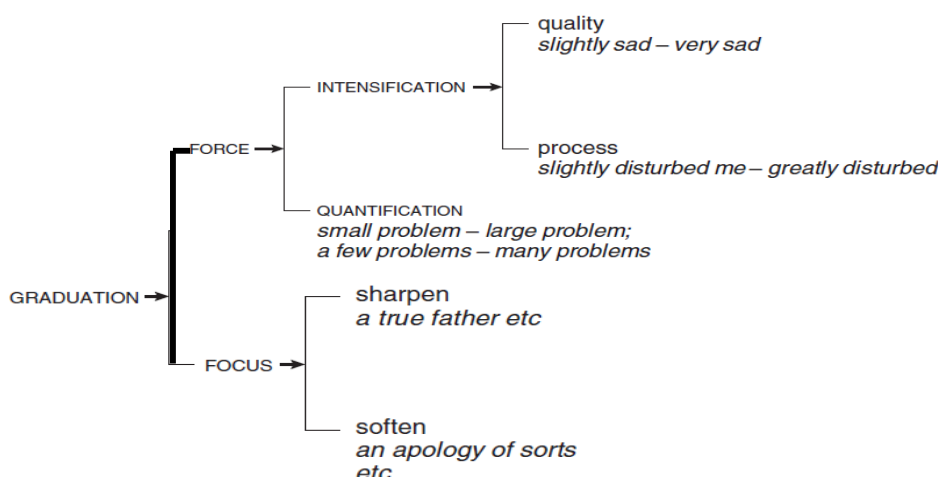


Figura 6: Esquema de rede do sistema de Graduação (Martin & White, 2005: 154)

Finalmente, o Compromisso (*Engagement*) está relacionado com as maneiras pelas quais recursos como a modalidade, a polaridade (afirmativa/ negativa), as orações condicionais ou as concessivas posicionam o enunciador em relação à opinião.

Para além disso, Martin & White (2005) examinam como as expressões de opinião são afetadas pelo contexto relacional. Dito por outras palavras, estes investigadores observam o(s) segmento(s) avaliativo(s)/a(s) palavra(s) relativamente à mudança que a sua polaridade primária (*prior polarity*), isto é, a sua polaridade isoladamente “in a sort of dictionary sense”, pode sofrer em virtude de estar num determinado contexto (Trnavac *et al.*, 2015: 2). Atente-se nos quatro valores possíveis, propostos por Trnavac *et al.* (2015: 9), seguindo a linha de Martin & White (2005):

- i. **Reversão:** a carga avaliativa de uma expressão de opinião é revertida de negativa para positiva e vice-versa (por exemplo, *o livro de interessante não tem nada*);
- ii. **Intensificação:** a carga avaliativa de uma expressão de opinião é modificada para um valor mais alto, ou seja, mais positiva se a palavra for originalmente positiva ou mais negativa se a palavra for originalmente negativa (por exemplo, *bom* → *muito bom*; *mau* → *muito mau*);
- iii. **Redução**¹³: a carga avaliativa de uma expressão de opinião é modificada para um valor mais baixo, em qualquer extremidade da escala (por exemplo, *o livro é bonzinho*);
- iv. **Nenhuma mudança:** a carga avaliativa de uma expressão de opinião não sofre qualquer alteração.

¹³ Optamos pelo termo “redução” para traduzir o termo inglês “downtoning”.

Propostas teóricas como a *Appraisal Theory* ou outras que mencionamos mais acima levaram à criação de vários sistemas informáticos baseados em dicionários que determinam automaticamente a polaridade de uma palavra, nomeadamente: *SentiStrength*¹⁴; *SentiLex-PT*¹⁵; *Opinion Lexicon*¹⁶; ou o *SO-CAL*¹⁷ – *software*, que apresentamos em seguida por considerarmos ser aquele que tem o melhor desempenho na atribuição da polaridade das palavras abrangendo duas línguas distintas, o inglês e o espanhol.

3.3. *Semantic Orientation CALculator*

Taboada *et al.* (2011) desenvolvem um software *Semantic Orientation CALculator*, ou, simplesmente, SO-CAL com vista à extração automática de sentimento num determinado texto, que inclui dicionários que servem para determinar a polaridade nos textos e que, para além disso, “takes a narrow form of context into account, searching for negation of the words in question, and a few forms of intensification” (Taboada, 2011: 259).

Este *software* faz a extração de palavras portadoras de sentimento e, a partir daí, com base nos dicionários, faz o cálculo automático da orientação semântica do texto, atribuindo pesos às palavras positivas e negativas. Esse cálculo do sentimento, de acordo com Taboada *et al.* (2011: 270), apoia-se em dois pressupostos: 1) que as palavras, individualmente, têm o que é referido como polaridade primária, isto é, têm uma orientação semântica que é independente do contexto; 2) e que essa orientação semântica pode ser expressa com um valor numérico.

Os dicionários que fazem parte do SO-CAL foram produzidos com uma marcação manual de todos os adjetivos, nomes, verbos, advérbios, modificadores, marcadores de negação, entre outros, que são encontrados num *corpus* de 400 textos de opinião de *Epinion* extraídos de 8 categorias diferentes: livros, carros, computadores, painéis, hotéis, filmes, música e telefones.

As palavras de opinião são avaliadas numa escala que vai de –5 (extremamente negativo) a +5 (extremamente positivo). Neste contexto, “positivo” e “negativo” foram atribuídos tendo em conta a polaridade primária da palavra.

¹⁴ Disponível na internet em: <http://sentistrength.wlv.ac.uk/>.

¹⁵ Disponível na internet em: <http://b2find.eudat.eu/dataset/b6bd16c2-a8ab-598f-be41-1e7aeecd60d3>.

¹⁶ Disponível na internet em: <https://www.cs.uic.edu/~lzhang3/programs/OpinionLexicon.html>

¹⁷ Disponível na internet em: <https://github.com/sfu-discourse-lab/SO-CAL>.

Decorrente do que Trnavac *et al.* (2015: 5) afirmam, os dicionários do SO-CAL contêm 2.252 entradas adjetivas, 1.142 nomes, 903 verbos, 745 advérbios, um dicionário com palavras negativas e uma lista de 177 palavras e frases intensificadoras.

3.4. Desafios na análise de sentimento

Mohammad (2017) expõe diferentes tarefas da AS e os desafios que os investigadores têm que enfrentar sem que se limitem simplesmente a determinar individualmente uma porção de texto como positiva, negativa ou neutra, entre outras coisas.

Para além disso, o autor visa equipar os investigadores com todas as ferramentas para poderem trabalhar com os mais recentes progressos na AS e visa incentivar o desenvolvimento desta teoria com a intenção de tratar o leque diversificado de desafios que iremos apresentar agora.¹⁸

A grande maioria da investigação na AS tem vindo a concentrar-se na deteção de sentimento do locutor, sendo que isso, geralmente, é realizado apenas com base na análise do enunciado. Todavia, há, efetivamente, vários casos em que não é totalmente claro se o sentimento no enunciado é o mesmo que o sentimento do locutor. Consideremos o exemplo retirado de Mohammad (2017: 64):

(24) James: The pop star suffered a fatal overdose of heroine.

O exemplo transcrito, típico de uma publicação jornalística, exhibe nitidamente a descrição de um evento negativo (morte de uma pessoa), contudo não poderemos afirmar inequivocamente se o locutor (James) está pessoalmente entristecido pelo evento, ou seja, é totalmente possível que o locutor esteja simplesmente a comunicar informações sobre esse acontecimento.

Posto isto, os estudiosos que desenvolvem os sistemas de sentimento têm que decidir de antemão se desejam atribuir um sentimento negativo ou neutro ao locutor em casos como este. Para além disso, eles têm que decidir se o sentimento do locutor será neutro, na ausência de termos explícitos do seu próprio sentimento, ou se o sentimento do locutor será escolhido conforme o sentimento extraído dos eventos e tópicos mencionados num determinado texto.

¹⁸ Para uma descrição completa das tarefas e dos desafios associados a AS, veja-se a título de exemplo, o estudo aqui mencionado de Mohammad (2017).

Por outro lado, naturalmente, as pessoas podem reagir de maneira diferente ao mesmo enunciado, por exemplo, as pessoas que estão em lados opostos num debate político. Esta é uma área de investigação pouco explorada pela comunidade científica.

Da mesma forma, não há trabalho sobre a modelação do sentimento de entidades mencionadas no texto, por exemplo, no caso abaixo, segundo Mohammad (2017), seria útil desenvolver sistemas automáticos que pudessem deduzir que o Jackson gostou do novo episódio de *Game of Thrones*, enquanto o Drew não gostou assim tanto (cf. (25)).

(25) Drew: Jackson could not stop talking about the new Game of Thrones episode.
(Mohammad, 2017: 64)

Alguns dos desafios que o autor destaca são:

i. Anotação do Sentimento

Para a anotação de palavras, Mohammad (2017) delinea as diferentes formas de anotação de sentimento do seguinte modo:

- (1) **Questionários de sentimento:** os investigadores enquadram a tarefa como “esta palavra é positiva, negativa ou neutra?”, “esta palavra tem associações com sentimento negativo ou neutro?”, “qual a palavra mais positiva?”, “esta frase é positiva, negativa ou neutra?”, entre outras perguntas do género. Por um lado, essa caracterização da tarefa é simples, concisa e dependente das intuições dos falantes nativos de uma língua. Por outro lado, a falta de especificação deixa o anotador em dúvida sobre como rotular certos tipos de instâncias – por exemplo, as frases sarcásticas ou os *retweets*;
- (2) **Questionários de sentimento baseado no papel semântico:** nestes casos, o investigador pede aos entrevistados para que identifiquem o alvo da opinião e o sentimento em relação a esse alvo. Esta abordagem de anotação de sentimento é mais específica do que a anterior. No entanto, também é insuficiente para lidar com vários cenários. As instruções para anotar as opiniões em relação aos alvos não especificam como tais instâncias devem ser anotadas e, possivelmente, poderão implicar que tais casos devam ser rotulados como “neutros”.

Alguns contextos que são especialmente desafiadores para a anotação de sentimento – usando o questionário de sentimento simples ou o questionário de sentimento baseado no papel semântico –, de acordo com Mohammad (2017: 73-77), são listados abaixo:

- a) **Estado emocional do falante:** o estado emocional do agente pode ou não ter a mesma polaridade que a opinião expressa por esse mesmo locutor, tal como referido anteriormente. Por exemplo:

(26) o *tweet* de um político pode implicar, simultaneamente, uma opinião negativa sobre uma indiscrição passada de um rival, e uma atitude alegre porquanto as notícias afetarão negativamente o rival

- b) **Notificação neutra de informação valenciada:** o locutor não fornece nenhuma indicação do seu próprio estado emocional, mas descreve eventos ou situações. Na verdade, parece haver aqui uma ambivalência que advém de se poder considerar estas afirmações como um relato neutro dos desenvolvimentos ou se poder assumir que o locutor está emocionalmente negativo (irritado, zangado, etc.). Vejamos o exemplo de que se socorre o autor:

(27) The war has created millions of refugees. (Mohammad, 2017: 74)

- c) **Sarcasmo e a ironia:** o sarcasmo e a ironia são complicados na medida em que é difícil designar um único rótulo de sentimento, posto que podem indicar um estado emocional positivo ou negativo do falante, embora tenham usualmente uma postura/atitude negativa em relação a algo ou alguém. Veja-se o exemplo que se segue, em que a mensagem é uma “censura” às pessoas com as quais se cria uma relação de inimizade:

(28) “Alguns causam felicidade aonde quer que eles vão; outros sempre que se vão.”
(atribuído a Oscar Wilde)

- d) **Determinar com precisão o alvo da opinião:** às vezes é difícil identificar com precisão o alvo da opinião. Observando o exemplo (40), não é claro se o alvo da opinião tem uma atitude negativa em relação a “Hillary” em geral, ou “às mentiras de Hillary”, ou “às mentiras de Hillary que estão a ser expostas”. Portanto, não é esclarecedor se os anotadores devem ser solicitados a fornecer as três possibilidades de opinião ou apenas uma – o que leva a questionar qual das possibilidades deveria ser anotada.

(29) Glad to see Hillary’s lies being exposed. (Mohammad, 2017: 74)

- e) **Perguntas retóricas:** podem ser tratadas simplesmente como meras perguntas – e, por consequência, neutras – ou como enunciados que revelam o estado emocional do locutor. Segundo Mohammad (2017), tendo em consideração o exemplo (41), podemos verificar que, por um lado, a frase interrogativa pode ser tratada como uma questão neutra, mas, por outro lado, pode ser vista como negativa, porquanto o enunciado transparece um sentimento de frustração por parte do falante:

(30) Why do we have to quibble every time? (Mohammad, 2017: 75)

- f) **Citar outra pessoa ou *retweetar*:** citações e *retweets* são difíceis para a anotação do sentimento, porque muitas vezes não é claro e não é explicitamente evidente se aquele que cita (ou *retweeta*)

tem as mesmas opiniões expressas pelo locutor original. Destacamos um segmento de um trabalho acadêmico, tipicamente exemplo deste tipo de situação:

(31) “Almeida Cavacas foi quem realizou o mais extenso estudo da metafonía em português na sua dissertação *A Língua Portuguesa e Sua Metafonía* (1921) e tenta explicar que a metafonía nominal tem origem na “influência de um *i* postónico interno”, “na refração [sic] proveniente da vogal final” ou na simples “influência analógica.” (Ribeiro, 2018: 13)

Os desafios elencados acima podem ser abordados em graus variados, fornecendo instruções aos anotadores sobre como essas instâncias devem ser rotuladas. No entanto, Mohammad (2017: 75) alerta que as instruções detalhadas e complicadas podem ser contraproducentes, uma vez que “the annotators may not understand or may not have the inclination to understand the subtleties involved”.

ii. Análise de sentimento multilingue¹⁹

O trabalho sobre a análise multilingue de sentimentos aborda principalmente o mapeamento dos recursos de sentimento do inglês para idiomas morfologicamente complexos (por exemplo, o basco, o georgiano e o húngaro).

Algumas das áreas menos exploradas no campo da análise multilingue de sentimentos incluem:

- a) como traduzir texto preservando o grau de sentimento da fonte;
- b) como modificadores, negações e advérbios de modo diferem em função entre idiomas;
- c) como as traduções automáticas diferem das traduções manuais em termos de sentimento;
- d) como traduzir a linguagem figurativa sem perder a sua essência.

iii. Aplicação da análise de sentimento²⁰

A AS é comumente aplicada a várias áreas, incluindo a determinação de sentimento em relação a produtos, filmes, políticos e empresas (Pang & Lee, 2008: 3), entre outros, de forma a melhorar os modelos de relação com os clientes (Bougie *et al.*, 2003 *apud* Mohammad, 2017: 76) e, deste modo, “[detect] happiness and well-being (...) and [improve] automatic dialogue systems” (Mohammad, 2017: 76).

Segundo Mohammad (2017), o limiar entre o sentimento neutro e positivo e o limiar entre o sentimento neutro e negativo pode ser determinado empiricamente pelo que é mais

¹⁹ Para mais informação sobre estudos feitos sobre este tópico cf. Mohammad (2017).

²⁰ Para mais informação sobre estudos feitos sobre este tópico cf. Mohammad (2017).

adequado para a aplicação alvo. Da mesma forma, algumas aplicações podem exigir apenas a identificação de casos fortemente positivos e/ou fortemente negativos.

As aplicações da análise de sentimento beneficiam do facto de que, embora os sistemas não sejam extremamente precisos na determinação do sentimento das frases individuais, elas podem capturar com precisão mudanças significativas na proporção de casos que são positivos ou negativos.

É importante notar também que tais sistemas de investigação do sentimento são mais eficazes ao incorporar linhas de base cuidadosamente escolhidas. Por exemplo, saber “the percentage of tweets that are negative towards Putin before vs. after the invasion of Crimea; or, the percentage of tweets that are negative towards Putin in Russia vs. the rest of the world” (Mohammad, 2017: 76).

Para além dos desafios que foram apresentados até ao momento, merece uma atenção especial, dado que será uma das análises que faremos ao nosso *corpus*, o contributo que as RR podem ter na AS. Serão, nesse sentido, apresentados alguns estudos que têm sido realizados nesse âmbito.

3.5. Relações retóricas na análise de sentimento

Alguns estudos têm tentando perceber qual o contributo das RR para a investigação no domínio da AS (por exemplo: Asher *et al.*, 2009; Benamara *et al.*, 2013; Trnavac *et al.*, 2015).

Assim, trabalhos realizados no escopo da RST, de Mann & Thompson (1988), ou da SDRT, de Asher & Lascarides (2003), têm trazido novidades quanto ao papel que as RR desempenham na AS, mais precisamente, têm-se observado que determinadas RR – como, por exemplo, as relações de contraste, de condição e de elaboração – afetam a interpretação da avaliação contida nos textos (cf., entre outros, Asher *et al.* (2009); Taboada *et al.*, 2011; Taboada & González, 2012; Trnavac & Taboada, 2012, 2014; Trnavac *et al.*, 2015; entre outros).

Este reconhecimento deve-se à constatação de que o sentimento global de um texto é intimamente afetado pela sua estrutura discursiva. Nesse sentido, ao dividir um texto em diferentes macro e microestruturas ligadas umas às outras através de relações discursivas distintas, conseguimos extrair diferentes pesos destas relações, no sentido de calcular o sentimento global de um texto e, assim, desvendar quais as RR que têm mais impacto nesse cálculo.

Passamos em seguida em revista, de uma forma breve, alguns dos estudos mencionados.

Asher *et al.* (2009) e Benamara *et al.* (2013) (*apud* Trnavac *et al.*, 2015) concentram o seu estudo na medição ou no cálculo do efeito da estrutura discursiva na AS. Usando a SDRT como enquadramento teórico, estes autores tentam perceber como é que as RR interagem com os textos/fragmentos de opinião e até que ponto essas interações podem depender do género textual em que se inserem. Asher *et al.* (2009) e Benamara *et al.* (2013) propõem, desta forma, um novo esquema de anotação que é baseado numa análise semântica lexical com uma ampla classe de expressões, juntamente com uma análise de como as orações que envolvem essas expressões de opinião estão relacionadas umas com as outras no discurso.

Asher *et al.* (2009) utilizam essencialmente cinco tipos de RR para a análise: contraste, correção, suporte, resultado e continuação. A proposta destes autores é a seguinte:

“They propose that Result relations strengthen the polarity of the opinion in the second argument, while Continuation relations strengthen the polarity of the common opinion, and Contrast relations may strengthen or weaken the polarity of opinion expressions. However, there is no definitive mapping between opinion frames and rhetorical relations.”

(Trnavac *et al.*, 2015: 3)

Por sua vez, Taboada *et al.* (2011), que procuram encontrar métodos que operem num nível profundo de análise, incorporando a orientação semântica de palavras individuais e contextos que exprimem sentimento (incluem: adjetivos, verbos, nomes e advérbios), propõem um método que prevê que as palavras de opinião encontradas nos núcleos das RR de um documento são as mais significativas para o sentimento global de um texto.

Taboada & González (2012) estudam o comportamento da relação de Concessão (Mann & Thompson, 1988), em textos de opinião, na escrita e fala em Inglês e Espanhol, verificando ainda quais os tipos de marcadores discursivos utilizados para inferir essa relação. Assim, na modalidade escrita, as autoras verificaram que a relação de Concessão é a mais utilizada para qualificar opiniões, enquanto na modalidade oral esta relação é utilizada para corrigir/esclarecer mal-entendidos.

Por sua vez, Trnavac *et al.* (2015) estudam a forma como as relações retóricas podem, ou não, alterar a orientação de sentimento de um dado segmento textual. Assim, por exemplo, uma relação como a de concessão (no âmbito da RST), marcada, por exemplo, pela adversativa *but*, poderia desencadear três comportamentos distintos, a saber:

- (i) intensificar o valor de uma palavra, um segmento da frase ou uma frase;
- (ii) reduzir o valor de uma palavra, um segmento da frase ou uma frase;
- (iii) reverter o valor de uma palavra, um segmento da frase ou uma frase.

Os autores notam que as modificações ocorrem com maior frequência com as relações de reafirmação, evidência e concessão.

Estas são algumas investigações sobre RR feitas no âmbito dos estudos da AS que têm vindo a trazer contributos científicos imensos não só na forma de olhar este campo de investigação, como na análise propriamente dita dos textos e discursos.

3.6. Sumário

O capítulo sobre a AS é, tal como os capítulos anteriores, eminentemente teórico, com referência a propostas e estudos já realizados.

Em primeiro lugar, apresentamos uma definição de AS no âmbito dos estudos semântico-pragmáticos do texto e do discurso. Vimos que a AS pode ser chamada de diferentes formas (subjatividade, avaliação, entre outros) e que tem sido trabalhada de diferentes perspetivas, precisamente devido não só à abrangência do campo, mas também por ser um domínio científico que estabelece interface com outras áreas. Para além disso, destacamos os seus principais objetivos, tendo em linha Mejova (2009).

Pareceu-nos imprescindível adotar a *Appraisal Theory*, proposta por Martin & White (2005) para a análise do nosso *corpus*, porquanto é a teoria mais adequada ao tratamento que pretendemos fazer e por ser uma teoria linguística que aplica a AS de forma mais estruturada aos textos.

De seguida, apresentamos brevemente o *software Semantic Orientation CALculator* (SO-CAL), que permite a extração automática de sentimento num determinado texto com base em dicionários anotados com a polaridade de adjetivos, nomes, advérbios, modificadores e marcadores de negação.

Seguindo Mohammad (2017), expusemos ainda os vários desafios da AS, mostrando que os investigadores deste domínio necessitam de uma base sólida para a realização da análise. Em particular, esta secção permitiu-nos refletir sobre a necessidade de considerar diversos aspetos não só na construção do questionário usado no nosso estudo, como também na análise dos resultados.

Por fim, delineamos uma lista breve de trabalhos que têm sido realizados no âmbito dos estudos que conjugam as RR e a AS, como Asher *et al.* (2009) e Benamara *et al.* (2013) (*apud* Trnavac *et al.*, 2015), Taboada & González (2012), de forma a mostrar como as RR podem contribuir de forma significativa para um melhor entendimento da AS.

Capítulo 4 – Breve caracterização semântica dos adjetivos e dos advérbios em português europeu

Neste capítulo, o nosso desígnio principal é o de apresentar algumas propostas teóricas e classificatórias dos adjetivos e dos advérbios, sobretudo relativas ao Português Europeu (doravante, PE). Trabalhos como os que mencionamos neste capítulo têm tentado encontrar, entre outros objetivos, uma definição produtiva destas duas classes, bem como um conjunto de características morfológicas, sintáticas e semânticas, que torne possível a sua identificação.

No que concerne aos adjetivos, tema que suscita um grande interesse na comunidade linguística, destacamos os estudos de: Bosque (1993) e Demonte (1999) para o espanhol; Cunha & Cintra (1984), Brito (2003), Rio Torto (2006), Ferreira (2013) e Veloso & Raposo (2013) para o PE.

Já no que diz respeito aos advérbios, sendo o nosso objetivo fazer uma caracterização breve sem enveredarmos por questões mais formais e aprofundadas que, *per se*, mereceriam um estudo profundo e exaustivo, apresentamos aqui algumas características gerais que a literatura apresenta para a classe dos advérbios. Para o efeito, adotamos os estudos de Cunha & Cintra (1984), Alarcos (1994), Brito (2003), Bechara (2004), Costa (2008) e Raposo (2013).

4.1. Adjetivos

4.1.1. Características gerais dos adjetivos

Ainda nos dias de hoje, são várias as dificuldades em torno de uma classificação homogênea dos adjetivos, “quer sob o ponto de vista da constituição interna, quer dos valores e das funções semântico-proposicionais que os seus membros desempenham” (Rio Torto, 2006: 105). Quer isto dizer que, por não ser uma categoria uniforme e por se tratar de uma classe de palavras tão ampla, a sua classificação passa por diversas discordâncias na literatura, que tanto concernem aquilo que se relaciona com a sua própria definição (Ferreira, 2018: 20), como dizem respeito à sua própria classificação.

Contudo, há algumas propostas comuns na literatura consultada que apontam para a uma certa homogeneidade – a título de exemplo, a divisão dos adjetivos em duas subclasses semânticas prototípicas: a dos *qualificativos* e a dos *relacionais*.

Os adjetivos são definidos como uma “classe de palavras de natureza essencialmente gregária, adjuntiva, no sentido em que tem de estar associado a um Nome (...) ou a um Verbo” (Rio Torto, 2006: 104), cuja propriedade elementar é fornecer qualidades ao nome com o qual

eles se combinam ou modificar os nomes (Demonte, 1999: 134). Por isso, são tidos como *modificadores do nome* (Cunha & Cintra, 1984; Brito, 2003; Ferreira, 2013; Ferreira, 2018), uma vez que esta função “adscribe propiedades cuya especificación sirve para definir o delinear com mayor precisión a la entidad mentada” e “para caracterizarla e identificarla entre varias similares (...), para clasificarla o establecer taxonomías culturales y científicas (...), para indicar relaciones genéticas o meronímicas (...), etc.” (Demonte, 1999: 134).

Enquanto modificadores nominais, eles combinam-se diretamente com o nome, formando, deste modo, um sintagma nominal, cujo núcleo é o nome modificado, e denotando “classes de entidades com as características representadas não só pelo sentido do nome, mas também pelo sentido do adjetivo” (Veloso & Raposo, 2013: 1359). Quando se apresentam nesta função, os adjetivos são também designados de *adjetivos atributivos*, podendo aparecer à direita (posposição) ou à esquerda (anteposição) do nome com o qual se combinam.

Na verdade, tal como refere Brito (2003: 378-379), a anteposição e a posposição do adjetivo em relação ao nome estão ligadas a diferentes interpretações, visão também apoiada por Rio Torto (2006)²¹, Veloso & Raposo (2013), entre outros. A posição anteposta tem uma leitura não-restritiva, isto é, tem uma “interpretação não inerente e por isso mesmo associada a conotação ou a sentido ‘figurado’” (Brito, 2003: 379), não sendo possível ocorrer com todos os adjetivos (por exemplo, os adjetivos de cor). Em contrapartida, a posição posposta induz uma leitura de “valor restritivo, especificador, predicativo” (Brito, 2003: 378). Vejam-se os seguintes exemplos de Brito (2003): em (32) interpreta-se “amigo velho” como “idoso”, ou seja, tem uma leitura de “valor restritivo, especificador, predicativo” (*ibidem*: 378); e em (33) interpreta-se “velho amigo” como um “amigo antigo”, não necessariamente idoso, isto é, este tipo de exemplo tem uma “interpretação não inerente e por isso mesmo associada a conotação ou a sentido ‘figurado’” (*ibidem*: 379).

(32) O meu amigo *velho* acabou de sair.

(33) O meu *velho* amigo acabou de sair.

É importante, todavia, notar o seguinte: se, por um lado, existem casos em que a alteração da posição pode provocar uma mudança do significado do adjetivo (um *velho* amigo

²¹ Importa aqui referir que Rio Torto (2006) distingue, como os autores mencionados, a posição invariável do adjetivo quando em contexto predicativo da posição variável em contextos adnominais ou apositivos, referindo que, nestes casos, a posição não marcada em PE é a posição posposta ao nome (Rio Torto, 2006: 106).

vs. um *amigo velho*), por outro lado, existem outros casos em que apenas é possível ou a posição anteposta (um *presumível herdeiro* vs. *um *herdeiro presumível*), ou, ainda, a posição posposta (o *quadro púrpura* vs. *um *púrpura quadro*) ao nome (Ferreira, 2018: 43).

Para além da função atributiva, os adjetivos também podem ter *função predicativa*, que implica uma posição invariável (Veloso & Raposo, 2013: 1361). Veja-se, a título de exemplo, os trechos destacados por Cunha & Cintra (1984: 265) para mostrarem esta diferença:

- (34) O campo *imenso* está alagado. [posição atributiva, pós-nominal]
- (35) O campo é *imenso*. [posição predicativa]

Cunha & Cintra (1984), quando definem o adjetivo como um modificador do nome, pois “só existe referido a um substantivo” (*ibidem*: 263), fazem-no admitindo que ele pode cumprir dois propósitos: a caracterização de seres, objetos ou noções nomeadas pelo nome – os quais se designam adjetivos *qualificativos* –, ou o estabelecimento de uma relação com o nome, que tanto pode ser uma relação de, por exemplo, tempo, propriedade ou finalidade – os chamados adjetivos *relacionais*.

Os mesmos autores salientam que:

“os adjectivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível.”

(Cunha & Cintra, 1984: 247-248)

De igual modo, Brito (2003) distingue entre adjetivos qualificativos, que “exprimem qualidades, estados, modos de ser de entidades denotadas pelos nomes”, e os relacionais, que “representam argumentos dos nomes com os quais são combinados e que por isso recebem relações temáticas diversificadas” (Brito, 2003: 376).²²

Apesar das características apresentadas serem relativamente consensuais na literatura sobre os adjetivos, há ainda vários problemas que tornam este objeto de estudo problemático.

²² De referir, ainda, que Brito admite a existência de outras classes de adjetivos, como os modificadores do significado ou intensão dos nomes, os adjetivos negativos e conjeturais, os modais e os adjetivos temporo-aspetuais (Brito, 2003: 376-378).

Por exemplo, o facto de adjetivos relacionais poderem assumir comportamentos semelhantes aos dos qualificativos mostra, como refere Bosque (1993 *apud* Ferreira, 2018: 21), “a pouca consensualidade da temática dos adjetivos, ainda hoje em investigação.”

4.1.2. Tipologia de adjetivos adotada

Na página que se segue, apresentamos o esquema que resume a subdivisão da classe dos adjetivos, de acordo com Veloso & Raposo (2013), que é a tipologia de adjetivos que adotamos para esta dissertação. Seleccionamos esta classificação, dado que parece ser a sùmula de propostas diversas, como Cunha & Cintra (1984), Bosque (1993), Demonte (1999), Brito (2003), e a proposta de classificação mais completa para o PE.²³

²³ Para uma análise mais detalhada dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais, cf. Ferreira (2013).

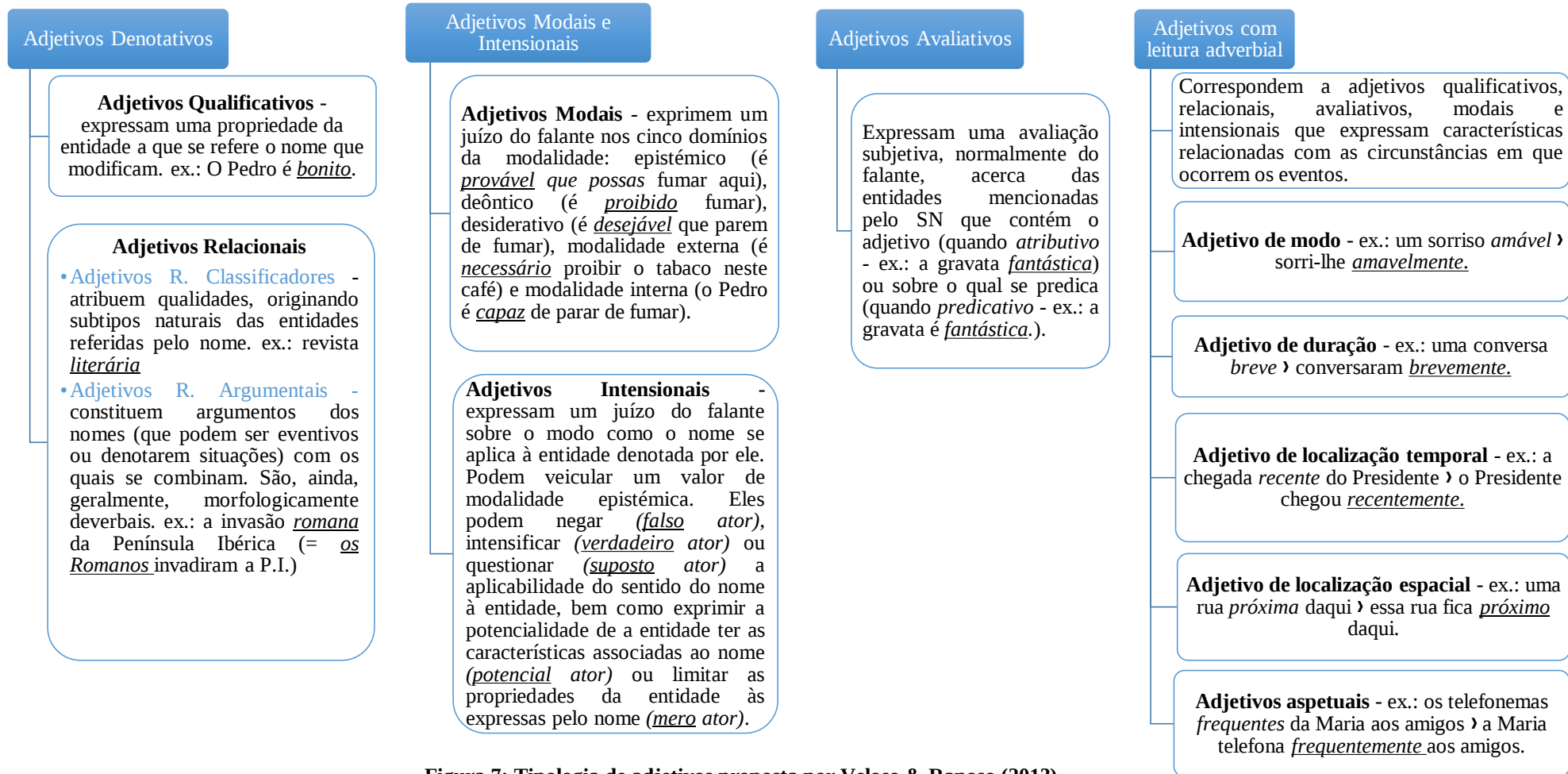


Figura 7: Tipologia de adjetivos proposta por Veloso & Raposo (2013).

Para além desta divisão, Veloso & Raposo (2013:1433-1450) apresentam a seguinte tipologia contextual de adjetivos com base na proposta de Demonte (1999:142-149)²⁴, que tem em consideração, não só o critério do significado intrínseco dos adjetivos, mas também as relações semânticas que estes estabelecem com os nomes: (i) leitura individual (ou estável) e leitura episódica; (ii) leitura absoluta e leitura relativa; (iii) leitura restritiva e leitura não restritiva.

Os adjetivos têm uma leitura individual (cf. (36)) ou episódica (cf. (37)) quando caracterizam qualidades estáveis ou transitórias das entidades, respetivamente. Em (36), observamos uma situação estável e permanente. Por outro lado, em (37), observa-se uma situação faseável ou “transitória”, nas palavras de Demonte (1999:142).

(36) Ele é um *psicopata*.

(37) O chão está *limpo*.

As leituras absoluta ou relativa focam-se na aplicação do adjetivo, quer no que diz respeito ao nome em causa, num sentido mais restrito, quer no que tange à classe de objetos que o nome representa, num sentido bastante mais amplo. Ao combinar um adjetivo com um nome, estes adjetivos podem originar diferentes relações, 1) uma relação absoluta, em que a propriedade que o adjetivo atribui ao nome se pode aplicar a todos os objetos que o nome designa, ou 2) uma relação relativa, na qual a propriedade do adjetivo apenas se aplica ao nome comum em causa (Demonte, 1999: 144). Veloso & Raposo (2013) refere que um adjetivo só tem leitura absoluta quando “expressa propriedades de uma entidade que não variam quando se utilizam outros nomes para a representar” (Veloso & Raposo, 2013: 1445). A título de exemplo, os linguistas servem-se de expressões como *formiga preta*, mostrando que ela pode ser substituída pela expressão *animal preto* – para fazer referência a uma característica das *formigas*, ou seja, a de serem *pretas*. No respeitante à leitura relativa, os mesmos autores consideram que “a avaliação da propriedade depende fortemente do sentido do nome” (Veloso & Raposo, 2013: 1445). Quer isto dizer, que, utilizando os mesmos nomes (*formiga* e *animal*), mas aplicando um adjetivo diferente (por exemplo, *grande*), o resultado não será, efetivamente,

²⁴ De referir que Veloso & Raposo (2013), ao contrário de Demonte (1999), não considera que estas são classes de adjetivos propriamente ditas, pois o mesmo adjetivo pode ter as duas leituras do mesmo parâmetro semântico dependendo do contexto.

o mesmo que anteriormente (*formiga preta* e *animal preto*), porquanto a expressão *uma formiga grande* não é equivalente à expressão *um animal grande*.

No que diz respeito aos adjetivos com leitura restritiva e não restritiva, em termos gerais, eles incidem sobre a extensão da classe de objetos representada pelo nome, no sentido de saber se o adjetivo a restringe ou não. Assim, e de acordo com este pressuposto, os exemplos abaixo são representativos das leituras restritiva e não restritiva, respetivamente. Em (38), tal como referem Veloso & Raposo (2013: 1440), o adjetivo, que, neste contexto, tende a ocorrer em posição atributiva, restringe o conjunto de *vestidos* àqueles que são de cor *vermelha*. Já numa ocorrência como a de (38b.), não é possível identificar especificamente qual “o vestido que foi para lavandaria”. Por seu turno, em (39a.), a propriedade denotada pelo adjetivo *ruidosa* não é essencial para a identificação do referente, ou seja, o adjetivo não isola uma *festa* “que se caracteriza por ser ruidosa, entre outras mais silenciosas” (Veloso & Raposo: 2013: 1440), referindo exatamente as mesmas entidades que o SN sem eles (cf. (39b.)).

(38) a. “O *vestido* vermelho foi para a lavandaria.” (Veloso & Raposo, 2013: 1440)

b. “O *vestido* foi para a lavandaria.”

(39) a. “A ruidosa *festa* não deixava dormir os vizinhos.” (Veloso & Raposo, 2013: 1440)

b. “A *festa* não deixava dormir os vizinhos.”

4.1.3. Graduação de adjetivos

Há determinados adjetivos que têm como característica o facto de serem *graduáveis* (cf. Demonte, 1999; Brito, 2003; Kennedy & McNally, 2005; Kennedy & Levin, 2008; Leal *et al.*, 2011; Ferreira, 2013; Veloso & Raposo, 2013; Ferreira, 2018), pois “as entidades que possuem propriedades escalares podem ser caracterizadas pelo grau com que manifestam a propriedade, ou seja, pela “quantidade” que possuem dessa propriedade” (Veloso & Raposo, 2013: 1413). Assim, tal como referem Kennedy & McNally (2005: 349),:

“(…) gradable adjectives map their arguments onto abstract representations of measurement, or DEGREES, which are formalized as points or intervals partially ordered along some DIMENSION (e.g. height, cost, weight, and so forth; we provide a more detailed account below). The set of ordered degrees corresponds to a SCALE, and propositions constructed out of gradable adjectives define relations between degrees (...).”
(Kennedy & McNally, 2005: 349)

Segundo os mesmos autores, estes adjetivos funcionam como uma função de medição “que avalia o grau de mudança, numa relação entre entidades e graus” (Ferreira, 2018: 38), o que faz com que, associado à função de medição, a verdade das predicacões esteja dependente de um *standard* de comparação, que atua como uma espécie de grau mínimo necessário para que haja tanto uma mudança na propriedade transmitida pelo adjetivo, como, por consequência, uma mudança de grau.

Na definição de uma *escala*, há três parâmetros a considerar, “each of which must be specified in the lexical entry of any particular gradable adjective” (Kennedy & McNally, 2005: 351):

- i. Um **conjunto de graus** que representa os valores de medição;
- ii. Uma **dimensão escalar** na qual os graus se organizam, ou seja, que indica o tipo de medição (por exemplo: temperatura, volume, velocidade, entre outros);
- iii. Uma **relação de ordenação desses mesmos graus na escala**.

Isto significa que as escalas:

“... may in principle be distinguished from each other—with linguistic consequences—in three different ways: in terms of **properties of the set of degrees**, in terms of the **dimensional parameter**, or in terms of the **ordering relation**.” (Kennedy & McNally, 2005: 351; negrito nosso)

Para o Português Europeu, trabalhos como o de Ferreira (2013), mostram que “os adjetivos graduáveis manifestam propriedades avaliáveis segundo padrões médios de comparação” e que “a escala é formada por graus, que correspondem a intervalos, e pode ser aberta ou fechada” (*ibidem*: 41).

Note-se que a diferença entre escalas abertas e fechadas reside no facto de as escalas fechadas, possuírem um grau considerado como o limite máximo da escala, e do facto de as escalas abertas, tal como nos transmite Ferreira (2013), não apresentarem nenhum grau “que corresponda ao limite máximo da escala, seja esse limite o superior ou o inferior” (Ferreira, 2013: 41). Vejam-se os exemplos usados para ilustrar estes dois casos, retirados de Leal *et al.* (2011: 317), em que (40), representa uma escala aberta e (41) uma escala fechada:

(40) A estrada está *cinzenta/ feia/ perigosa*.

(41) A estrada está *vazia/ limpa/ seca*.

De forma sucinta, Leal *et al.* (2011: 317) explicam bem esta distinção:

“Numa escala aberta, não existe um grau que funcione como limite máximo da escala (em qualquer dos seus extremos - superior ou inferior). Numa escala fechada, existe um grau que marca o limite máximo da escala (superior ou inferior).”

(Leal *et al.*, 2011: 317)

Assim, um dos mecanismos²⁵ para distinguir as duas escalas é o recurso à combinação do adjetivo com modificadores proporcionais (*proportional modifiers*) que designam totalidade (para o português, *totalmente* ou *completamente*) ou parcialidade (para o português, *parcialmente* ou *meio*)²⁶. Estes modificadores apenas podem ocorrer com adjetivos de escala fechada, isto é, “que implicam a consideração de um conjunto fechado de graus previamente construído” (Leal *et al.*, 2011: 317). Nesse sentido, o adjetivo *feio*, pela não compatibilidade com estes modificadores, é de escala aberta, como se pode verificar através dos exemplos abaixo:

(42) ???/*A escultura está *totalmente* feia.

(43) *A escultura está *meio* feia.

De referir que Kennedy & McNally (2005) alertam para o facto de haver variações a considerar no que diz respeito aos tipos de escalas, considerando que “a scale may have neither a minimal nor a maximal element” – o que corresponde a uma escala totalmente aberta –, “it may have a minimal but no maximal element” – que corresponde a uma escala fechada no extremo inferior –, ou, ainda, “it may have a maximal but no minimal element” – que correspondem a uma escala fechada no extremo máximo (Kennedy & McNally, 2005: 353).

Tendo em linha de pensamento Kennedy & McNally (2005), Veloso & Raposo (2013: 1421) referem também para o PE que dentro das escalas fechadas há “as que são limitadas

²⁵ Para uma visão mais aprofundada destes mecanismos, ver, por exemplo, Kennedy & McNally (2005) e Kennedy & Levin (2008).

²⁶ É necessário ter em atenção que, assim como referido em Leal *et al.* (2011: 318):

“(…) a interpretação relevante do advérbio *completamente* é aquela que remete para o atingir de um grau máximo, e que não deve ser confundida com leituras em que está em causa não esse grau máximo, mas a afectação da totalidade da(s) entidade(s) a que se aplica a propriedade ou ainda uma leitura em que *completamente* corresponde a uma forma de quantificação, semelhante a *muito*”.

apenas num extremo (as escalas parcialmente fechadas): por exemplo, um sítio não pode ser mais silencioso que 0% de ruído, mas não há limite ao grau de ruído” (escala fechada no grau mínimo). Por sua vez, como exemplo de uma escala fechada no grau máximo, os mesmos autores mencionam que “um local ou é seguro ou não é, não podendo ser mais seguro que 100% de segurança, mas não há limite ao grau de insegurança, sendo a escala aberta nos graus correspondentes a inseguro” (Veloso & Raposo: *idem*).

É consensual que os adjetivos modais, avaliativos e qualificativos²⁷ são graduáveis (Demonte, 1999; Bosque, 1993; Brito, 2003; Veloso & Raposo, 2013; Ferreira, 2013; Ferreira, 2018), enquanto os adjetivos intensionais e relacionais são não graduáveis.

4.2. Advérbios

4.2.1. Características gerais dos advérbios

De acordo com diversos investigadores, à classe dos advérbios está ligada a sua índole heterogénea e complexa (cf. Cunha & Cintra, 1984; Alarcos, 1994; Brito, 2003; Bechara, 2004; Costa, 2008; Raposo, 2013), pelo que, como refere Costa (2008), é difícil propor uma generalização desta classe “quer a nível morfológico, quer a nível sintático, quer a nível semântico” (Costa, 2008: 11). Vejamos porquê, detendo-nos nos exemplos discutidos por Costa (*op. cit.*):

- (44) a. O ministro correu *velozmente*.
b. *O ministro *velozmente* correu.
- (45) a. O ministro só diz asneiras.
b. *O ministro diz asneiras só.
- (46) Aquele deputado não disse nenhuma mentira, mas o ministro *sim*.

Em primeiro lugar, observa-se imediatamente uma diferença básica: enquanto *velozmente* é uma palavra derivada, *sim* e *só* são palavras simples. Logo aí, verificamos uma diferença quanto à natureza morfológica destes advérbios. Em seguida, atentando nos exemplos, verificamos que em (44a.) *velozmente* oferece informações quanto à forma como o ministro correu. Por seu turno, em (45a.), *só* dá informações em relação ao que o ministro faz (que é apenas “dizer asneiras”). Já em (46), *sim* marca a polaridade positiva da segunda parte da frase, assinalando, assim, um valor de contraste com o primeiro segmento, que tem, portanto,

²⁷Veloso & Raposo (2013) notam que há exceções, como os adjetivos de *cor*, de séries complementares, de forma e de orientação espacial.

uma polaridade negativa. Por último, os advérbios podem também ocupar posições diversas (Brito, 2003: 417²⁸; Costa, 2008: 11). Efetivamente, no que diz respeito à sua natureza sintática, nomeadamente dos três exemplos expostos acima, é possível notar algumas diferenças. Por exemplo, *velozmente* não pode ocupar uma posição entre sujeito e predicado (cf. (44b.)), nem só pode ocupar, no mesmo contexto, a posição final da frase (cf. (45b.)). Observamos, portanto, que os advérbios podem ocupar várias posições, embora alguns tenham mais restrições do que outros, como se pode depreender dos exemplos (47)-(48):

- (47) a. *Frequentemente*, ela falta às aulas. – Advérbio de localização temporal
b. Ela *frequentemente* falta às aulas.
c. Ela falta *frequentemente* às aulas.
d. Ela falta às aulas *frequentemente*.
- (48) a. **Completamente*, a obra é inútil. – Advérbio de quantidade e grau
b. **A completamente* obra é inútil.
c. A obra é *completamente* inútil.
d. **/# A obra é inútil completamente*.

Apesar de todas as diferenças, é possível apresentar uma definição que caracterize em termos globais esta classe de palavras. Veja-se, por exemplo, as definições dadas por Alarcos (1994) para o espanhol e Raposo (2013) para o PE:

“En sentido estricto, adverbio designa una clase de palabras invariables en su significante y a menudo indisponibles en signos menores, destinadas en principio a cumplir por sí solas el papel de adyacente circunstancial del verbo. Esta función no impide que además, dentro de un grupo unitario nominal, se presente el adverbio como adyacente de un adjetivo o de otro adverbio distinto.”

(Alarcos, 1994: 128)

“Os advérbios formam uma classe de palavras sem variação flexional em qualquer das categorias gramaticais que caracterizam os nomes, os adjetivos e os verbos – número, género, pessoa, tempo, aspeto ou modo.”

(Raposo, 2013: 1569)

²⁸ Como justificação, Brito afirma:

“O advérbio é, historicamente, uma categoria derivada; por isso, não facilmente caracterizável através de uma combinação dos traços N e V (...). A generalidade dos advérbios dêicticos de lugar e de tempo do português actual tem a sua origem em expressões nominais ou preposicionais latinas contendo demonstrativos (cf., *aí, cá, hoje, agora*). Outros advérbios formaram-se a partir do antigo ablativo instrumental de adjectivos latinos (cf. *bem, mal, longe, tarde*).” (Brito, 2003: 417)

Alarcos (1994) está em conformidade com outros autores (como Brito, 2003; Bechara, 2004; Costa, 2008; Raposo, 2013) quando declara que, do ponto de vista da sua função, o advérbio pode modificar vários tipos de constituintes, a saber: o verbo, como já havíamos mencionado, o adjetivo, toda a oração, bem como outro advérbio.

Para além disso, a definição de Raposo (2013: 1569) dá conta de alguns aspetos essenciais na descrição desta classe, por exemplo, a sua natureza de palavra sem variação flexional de número, género, pessoa, tempo, aspeto ou modo. Nesse sentido, não tendo marcas de concordância esta classe é aproximável das preposições e das conjunções (Brito, 2003: 417; Raposo, 2013). Contudo, não deixemos de notar que alguns advérbios flexionam em grau (por exemplo, *muito* › *muitíssimo*).

Na sua função canónica de *adjunto adverbial* (Bechara, 2004: 287; Raposo, 2013: 1569), os advérbios podem: (i) transmitir informações de natureza circunstancial, que pode ser semanticamente diversa, sobre a situação descrita por uma frase (cf. (49)); (ii) exprimir subjetividade do locutor sobre o conteúdo da própria frase em relação a circunstâncias que estão associadas à sua produção ou receção, podendo incluir os próprios interlocutores (cf. (50)), ou não (cf. (51)).

- (49) O João leu *atentamente* o livro.
- (50) *Felizmente*, a Ana terminou o exame a tempo.
- (51) *Sinceramente*, estiveste a beber ou não?

Em (49), o advérbio *atentamente* especifica um modo particular de um indivíduo ler o livro. Por seu turno, em (50), o locutor, através do adjetivo *felizmente*, faz uma avaliação subjetiva acerca da situação descrita pela frase. Já em (51), o advérbio *sinceramente* exprime um pedido implícito para que o interlocutor seja honesto na resposta à questão (Raposo, 2013: 1569).

Para além desta divisão simplificada, há diversas propostas de tipologias de advérbios (Cunha & Cintra, 1984; Brito, 2003; Costa, 2008; Raposo, 2013). Contudo, por questões de espaço, à semelhança do que fizemos na secção sobre os adjetivos, iremos apenas apresentar a proposta adotada neste trabalho, a de Raposo (2013).

4.2.2. Tipologia de advérbios adotada

Importa neste momento fazer uma breve abordagem sobre a classificação dos advérbios adotada para este estudo, baseada em Raposo (2013). Optamos por esta proposta por ser uma tipologia semântica e por estar bem estruturada e fundamentada.

O esquema 3 sintetiza as subclasses da proposta que Raposo (2013: 1603-1685) faz para a classificação semântica dos advérbios em PE, que são as mais relevantes para o nosso estudo, nomeadamente, no âmbito da AS.

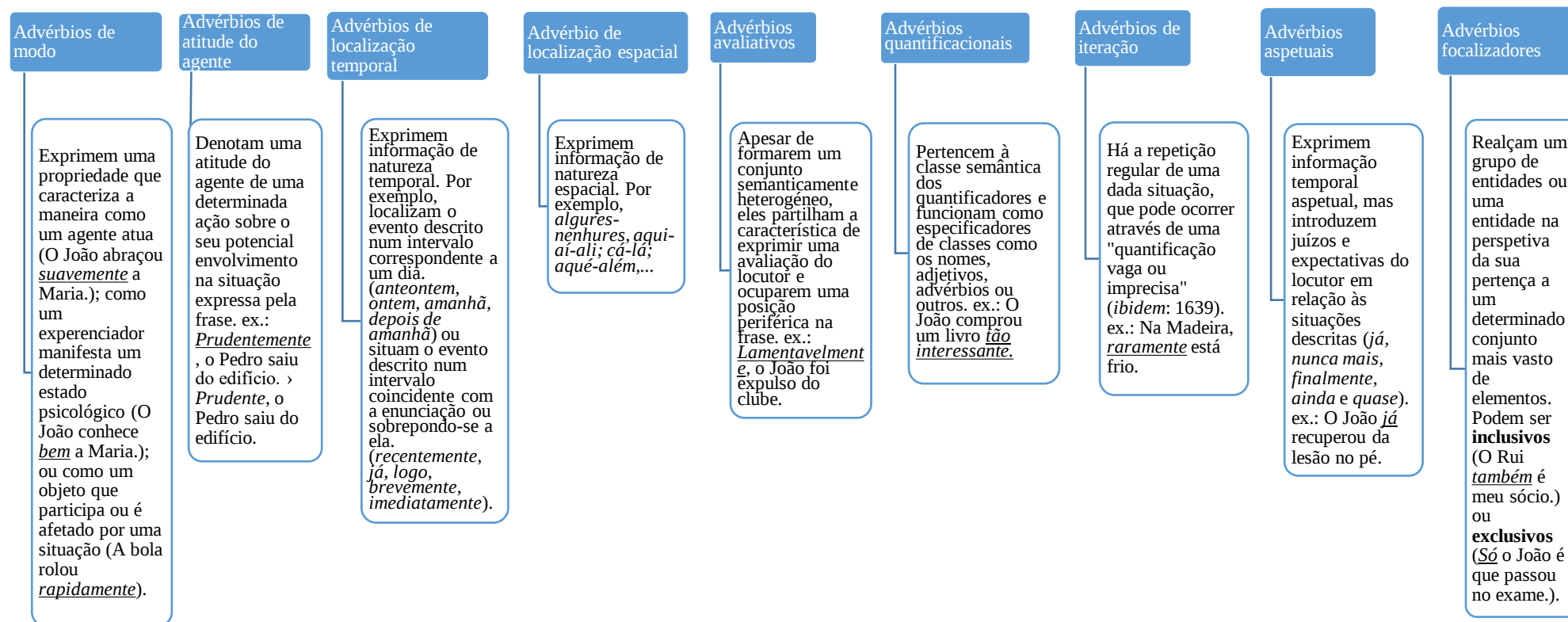


Figura 8: Subdivisão da classe dos advérbios (Raposo, 2013)

De referir que, apesar desta divisão de subclasses de advérbios, tal como acontece com os adjetivos, há advérbios que podem ser classificados de duas maneiras, como por exemplo, *depressa*, *devagar*, que são advérbios de tempo/aspecto, mas também são advérbios de modo. Outra evidência da mobilidade semântica e funcional dos advérbios é o facto de o valor semântico de quantificação estar presente não só em advérbios como *muito*, *bastante*, *demasiado*, *pouco*, *cinco*, mas também em advérbios de tempo/aspecto, como *sempre*, *nunca*, *jamais*, *interactivamente* (cf. Costa, 2008; Raposo, 2013).

4.2.3. Relação entre advérbios e adjetivos

Como já foi referido, uma das funções canónicas dos advérbios é a de modificar verbos, ocorrendo em sintagmas verbais, sendo, nesse sentido, frequentemente comparados com os adjetivos, que modificam o nome e ocorrem em sintagmas nominais (Raposo, 2013: 1573).

Não esqueçamos ainda o facto de muitos advérbios serem formados a partir de uma base adjetival com o sufixo *–mente*²⁹, ou seja, os comumente chamados advérbios de modo (ex.: *felizmente*, *inteligentemente*, *duramente*) – ‘de um modo, forma ou maneira x’, em que ‘x’ representa a base adjetival. Para além da leitura de modo, há formas terminadas em *–mente* que têm outras leituras diferentes: de iteração (ex.: o João corre *diariamente*); de ordenação (ex.: *seguidamente*, apresentamos a análise); de grau (ex.: ele está *extremamente* feliz); focalizadores (ex.: quero *somente* um gelado); avaliativos (ex.: escreve *maravilhosamente* bem); modais (ex.: *certamente* que o vestido lhe fica bem).

Nestes casos, os advérbios terminados em *–mente* são formadas a partir de adjetivos que exprimem propriedades relacionadas com as circunstâncias em que decorrem os eventos – podem ser a duração, a localização temporal, a sua estrutura temporal interna e o modo como atuam os participantes envolvidos. Nesse sentido, convém referir que este tipo de advérbios se forma a partir de adjetivos qualificativos (ex.: *carinhosamente*), adjetivos relacionais (ex.: *politicamente*), adjetivos avaliativos (ex.: *maravilhosamente*), adjetivos modais (ex.: *possivelmente*) e adjetivos intensionais (ex.: *meramente*) (cf. Raposo, 2013:1580).³⁰

²⁹ Na verdade, como refere (Raposo, 2013: 1579), esta subclasse dos advérbios terminados em *-mente* está associada à própria ideia de advérbio.

³⁰ O advérbio com este sufixo tem um estatuto mais autónomo do que o de outros sufixos derivacionais (Vigário & Frota, 2002 *apud* Raposo, 2013: 1579), como se torna evidente quando há a coordenação de “dois ou mais advérbios em *–mente* ou em que se comparam graus de propriedades expressas por estes advérbios, ser possível elidir o sufixo em todos os membros da sequência menos no último: cf. todos colaboraram *pronta*, *eficaz* e *serenamente*”.

Outro aspeto que relaciona os advérbios com os adjetivos é, segundo Raposo (2013: 1580), os advérbios que terminam em *–mente* formarem uma classe semiaberta, o que, de facto, reflete o estatuto dos adjetivos como classe aberta e lexical.

Por último, de notar ainda que alguns advérbios têm a mesma forma dos adjetivos, fazendo-se reconhecer pela não concordância com o sujeito (Brito, 2003: 418):

(52) A avioneta voou *alto*.

Para além disso, o advérbio pode também ser usado como adjetivo:

(53) Menino *bem* (fino). (Brito, 2003: 418)

Em suma, os elementos apresentados em cima mostram que há uma correlação entre as classes do advérbio e do adjetivo.

4.3. Sumário

Como neste trabalho averiguamos o comportamento dos adjetivos e dos advérbios no âmbito da AS, descrevemos, ainda que sucintamente e sem enveredarmos por questões mais formais, a caracterização (essencialmente) semântica destas duas classes.

Assim sendo, dividimos este capítulo em duas partes: a primeira parte foi dedicada a uma breve caracterização dos adjetivos, tendo verificado que esta classe é alvo de diversos estudos e de diversas propostas divergentes quanto à sua definição e classificação (Rio-Torto, 2006; Ferreira, 2013; Ferreira, 2018); quanto à segunda parte, admitindo que muito ficou por dizer sobre os advérbios, parece-nos relevante realçar o facto de esta ser uma classe que propicia muitas discussões quanto à sua natureza tão heterogénea, sobretudo, pelo facto de as palavras que tradicionalmente compõem esta classe manifestarem diferentes comportamentos aos níveis morfológico, sintático e semântico (cf. Cunha & Cintra (1984), Alarcos (1994), Brito (2003), Bechara (2004), Costa (2008) e Raposo (2013)).

Para cada uma das classes adotamos para o nosso estudo uma classificação tipológica tendo em consideração o facto de: (i) serem as propostas de classificação mais claras para o PE e (ii) a súmula de propostas diversas. Assim, apresentamos a proposta de Veloso & Raposo (2013) para a classificação tipológica de adjetivos e a de Raposo (2013) para a classificação tipológica de advérbios.

Abordamos também, ainda que brevemente, a graduabilidade dos adjetivos, referindo autores como Kennedy & McNelly (2005), Leal *et al.* (2011) e Ferreira (2018), na medida em que teremos em conta esta propriedade na nossa análise.

Pensamos também ter sido pertinente mostrar que as classes do adjetivo e do advérbio apresentam uma correlação, dado serem estas as duas classes que analisamos no âmbito da AS.

Capítulo 5 – Análise do *corpus*

Neste capítulo, começamos por descrever o *corpus* e o percurso metodológico adotado. De seguida, apresentamos a análise dos segmentos das apreciações críticas que contêm avaliação. Essa análise foi feita num formato de triângulo invertido, ou seja, começando do geral para alguns aspetos particulares:

- i. Primeiramente, questões relacionadas com o género textual, mais precisamente, com aspetos da infraestrutura textual, na linha de Bronckart (1996);
- ii. Em seguida, a averiguação das RR presentes nos segmentos de avaliação dos textos em apreço;
- iii. Em terceiro lugar, aspetos relacionados com os adjetivos e os advérbios no âmbito da AS;
- iv. Por último, a ligação entre a relação de Contraste e a mudança de polaridade.

Deste modo, na secção dedicada à análise do *corpus*, expomos a infraestrutura textual, identificando a macroestrutura das apreciações críticas, os objetos de apreciação, entre outros.

De seguida, relativamente à análise das RR, em primeiro lugar, apresentamos a definição das RR relevantes para o nosso estudo, seguida da identificação das RR mais frequentes nos segmentos avaliativos das apreciações críticas que constituem o nosso *corpus*. Posteriormente, analisamos de forma mais detalhada as três RR mais frequentes: a de Continuação, Explicação e Contraste. Depois destacamos alguns elementos e estruturas linguísticos que marcam cada uma das RR encontradas e, por último, damos um exemplo de análise de um segmento avaliativo de uma apreciação crítica.

Quanto à parte da análise em que tratamos alguns aspetos no âmbito da AS dos segmentos avaliativos, circunscrevemos a nossa análise aos adjetivos que contribuem para a expressão de opinião e aos advérbios que podem influenciar a polaridade desses adjetivos. Assim, primeiramente, identificamos os adjetivos e os advérbios, bem como as expressões com advérbio+adjetivo (ADV+ADJ) relevantes para o nosso estudo, caracterizando os adjetivos (subclasses, função predicativa/atributiva, posição pré/pós-nominal) e os advérbios em termos de subclasses. De seguida, centramos o nosso estudo nas expressões avaliativas que contêm um advérbio seguido de um adjetivo. Nessa secção, apresentamos os resultados de um inquérito feito *online* no qual os inquiridos tiveram de atribuir um valor de sentimento aos adjetivos em estudo isoladamente e depois combinados com os advérbios. Por último, averiguamos o papel dos advérbios na alteração da polaridade dos adjetivos, adotando a proposta de Trnavac *et al.*

(2015: 9) relativa às operações de mudança: reversão, redução, nenhuma mudança e reforço (Trnavac *et al.*, 2015: 9).

Na última secção da análise do *corpus*, procuramos determinar se há, ou não, interação entre as RR e a polaridade dos segmentos. Para isso, selecionamos a relação de Contraste não só por ser uma das relações que mais ocorrem nos textos, mas também pela variedade do tipo de contraste associado a esta relação.

5.1. Descrição do *corpus*

Neste estudo, analisamos um *corpus* constituído por cinquenta apreciações críticas de livros escritas por críticos não-profissionais, extraídas de três fontes distintas da *internet*, dois blogues e um *site*, que são de acesso livre e bastante populares para os amantes de livros: *Goodreads*³¹, *O sabor dos meus livros*³² e *Mente literária*³³. A recolha foi feita de forma aleatória no dia 13 de novembro de 2018.

A seleção de textos de três fontes deriva do esforço de procurar encontrar exemplares com condições de produção distintas, nomeadamente no que se refere à dimensão material – ou seja, apesar de todos eles serem publicados em suporte digital, dois são blogues (*O sabor dos meus livros* e *Mente literária*) e um é *site* (*Goodreads*) – e no que concerne aos autores das apreciações críticas de livros (embora os autores das apreciações críticas dos blogues sejam sempre os mesmos, os do *site* são diferentes). Deste modo, uma investigação que contenha diferentes fontes a serem analisadas, em nosso entender, permite dar uma contribuição mais sólida e profícua das características semânticas deste género textual.

É ainda necessário referir que verificamos se todas as apreciações críticas selecionadas foram escritas em PE perguntando aos autores dos textos a sua nacionalidade e o país de residência, de modo a verificar a interferência de outra língua que não o PE, no caso de residirem noutro país. Depois, com o intuito de verificar a originalidade destas mesmas críticas, utilizamos a ferramenta de deteção de plágio *Turnitin*³⁴.

Apresentamos abaixo três tabelas com as informações gerais acerca das críticas de livros recolhidas:

³¹ Disponível na *internet* em: <https://www.Goodreads.com/>.

³² Disponível na *internet* em: <http://osabordosmeuslivros.blogspot.com/>.

³³ Disponível na *internet* em: <https://menteliteraria.blogs.sapo.pt/>.

³⁴ Disponível na *internet* em: <https://www.turnitin.com/pt>.

Mente literária					
Número do Texto	Título do livro	Número total de palavras	Número de Estrelas	Data de Publicação	Crítico
1	<i>A História de uma Serva</i> , de Margaret Atwood	456	4	25 de março de 2018	Daniela
2	<i>A Gorda</i> , de Isabela Figueiredo	331	3	30 de março de 2018	Daniela
3	<i>Mulherzinhas</i> , de Louisa May Alcott	364	4	8 de abril de 2018	Daniela
4	<i>Frankenstein</i> , de Mary Shelley	576	4	25 de abril de 2018	Daniela
5	<i>Mataram a Cotovia</i> , de Harper Lee	414	5	5 de junho de 2018	Daniela
6	<i>O Perfume - História de um assassino</i> , de Patrick Süskind	360	3	13 de junho de 2018	Daniela
7	<i>O Barão de Lavos</i> , de Abel Botelho	490	4	3 de dezembro de 2017	Daniela
8	<i>Dezanove Minutos</i> , de Jodi Picoult	652	5	15 de dezembro de 2017	Daniela
9	<i>Memória das minhas putas tristes</i> , de Gabriel García Márquez	279	4	23 de dezembro de 2017	Daniela
10	<i>Homens Imprudentemente Poéticos</i> , de Valter Hugo Mãe	570	3	30 de janeiro de 2018	Daniela
11	<i>O Rouxinol</i> , de Kristin Hannah	294	5	5 de agosto de 2017	Daniela
12	<i>A Rapariga que Roubava Livros</i> , de Markus Zusak	477	5	20 de abril de 2017	Daniela
13	<i>O Jogador</i> , de Fiódor Dostoiévski	343	4	27 de abril de 2017	Daniela
14	<i>O Artesão</i> , de Carla Antunes	254	3	26 de junho de 2017	Daniela
15	<i>O Hipnotista</i> , de Lars Kepler	220	3	15 de março de 2018	Daniela
Número total de palavras		6080	3,8 ~ 4/5		

Tabela 2: Caracterização geral dos textos retirados do blogue *Mente literária*

Goodreads					
Número do Texto	Título do livro	Número total de palavras	Número de Estrelas	Data de Publicação	Crítico
16	<i>A Praia Roubada</i> , de Joanne Harris	112	4	19 de agosto de 2017	Ana

17	<i>A Praia Roubada</i> , de Joanne Harris	857	5	20 de agosto de 2017	Ana Lopes
18	<i>A Praia Roubada</i> , de Joanne Harris	215	4	13 de junho de 2008	Célia
19	<i>A Praia Roubada</i> , de Joanne Harris	160	4	9 de outubro de 2013	Mariazita
20	<i>Contos Policiais</i> , de Dulce Maria Cardoso, Francisco José Viegas, Gonçalo M. Tavares, Hélia Correia, Mafalda Ivo Cruz, Mário Cláudio Ricardo Miguel Gomes, Rui Zink	23	1	23 de janeiro de 2017	Ângela
21	<i>O Passado que Seremos</i> , de Inês Botelho	256	4	13 de junho de 2010	Maria
22	<i>O Passado que Seremos</i> , de Inês Botelho	438	1	16 de junho de 2014	Alexandre
23	<i>A Sibila</i> , de Agustina Bessa-Luís	980	4	27 de março de 2013	Célia Loureiro
24	<i>A Sibila</i> , de Agustina Bessa-Luís	190	2	19 de setembro de 2017	Susana
25	<i>A Filha do Papa</i> , de Luis Miguel Rocha	173	2	17 de março de 2013	Margarida
26	<i>Brinca Comigo! e outras estórias fantásticas com brinquedos</i> , de João Barreiros, David Soares, Luís Filipe Silva, João Ventura	24	2	18 de janeiro de 2010	Luís
27	<i>Um Estranho em Goa</i> , de José Eduardo Agualusa	23	3	27 de abril de 2012	Vítor Frazão
28	<i>Um Estranho em Goa</i> , de José Eduardo Agualusa	250	3	22 de julho de 2017	Carolina Guimarães
29	<i>Um Estranho em Goa</i> , de José Eduardo Agualusa	280	3	22 de julho de 2015	O Informador
30	<i>Os Três Casamentos de Camilla S.</i> , de Rosa Lobato de Faria	407	3	13 de novembro de 2013	Carmo
31	<i>Os Três Casamentos de Camilla S.</i> , de Rosa Lobato de Faria	108	3	2 de junho de 2018	Anabela Mestre
32	<i>Os Três Casamentos de Camilla S.</i> , de Rosa Lobato de Faria	302	5	30 de dezembro de 2015	Inês
33	<i>O Código d'Avintes</i> , de Alice Vieira, João Aguiar, José Jorge Letria,	35	3	7 de setembro de 2010	Ana Rita Santos

	Luísa Beltrão, Mário Zambujal, Rosa Lobato de Faria, José Fanha				
34	<i>O Código d'Avintes</i> , de Alice Vieira, João Aguiar, José Jorge Letria, Luísa Beltrão, Mário Zambujal, Rosa Lobato de Faria, José Fanha	106	2	28 de janeiro de 2012	Gonçalo
35	<i>O Código d'Avintes</i> , de Alice Vieira, João Aguiar, José Jorge Letria, Luísa Beltrão, Mário Zambujal, Rosa Lobato de Faria, José Fanha	75	1	26 de agosto de 2017	Ana
36	<i>O Planeta Branco</i> , de Miguel Sousa Tavares	129	1	11 de setembro de 2018	Jota-p
37	<i>O Planeta Branco</i> , de Miguel Sousa Tavares	49	3	31 de outubro de 2013	David Arroz
38	<i>O Planeta Branco</i> , de Miguel Sousa Tavares	507	4	16 de janeiro de 2018	Ana
39	<i>A Conspiração dos Antepassados</i> , de David Soares	459	3	30 de dezembro de 2012	Iceman
40	<i>A Conspiração dos Antepassados</i> , de David Soares	91	4	24 de setembro de 2010	Filipe
Número total de palavras		6249	2,96 ~3/5		

Tabela 3: Caracterização geral dos textos retirados do site Goodreads

<i>O sabor dos meus livros</i>					
Número do Texto	Título do livro	Número total de palavras	Número de Estrelas	Data de Publicação	Crítico
41	<i>O amante japonês</i> , de Isabel Allende	660	07/10	maio de 2016	Informação inexistente
42	<i>Os transparentes</i> , de Ondjaki	671	09/10	agosto de 2017	Ana Lopes
43	<i>Uma escuridão bonita</i> , de Ondjaki	529	10/10	novembro de 2016	Ana Lopes
44	<i>A biblioteca</i> , de Zoran Zivkovic	629	06/10	julho de 2018	Informação inexistente
45	<i>Corações de Pedra</i> , de Simon Scarrow	681	05/10	outubro de 2018	Ana Lopes

46	<i>Os Pássaros de Seda</i> , de Rosa Lobato Faria	671	08/10	22 de janeiro de 2015	Ana Lopes
47	<i>Um circo que passa</i> , de Patrick Modiano	421	06/10	29 de junho de 2015	Ana Lopes
48	<i>O pintor debaixo do lava-loiças</i> , de Afonso Cruz	466	09/10	julho de 2018	Ana Lopes
49	<i>O deslumbre de Cecilia Fluss</i> , de João Tordo	903	08/10	julho de 2018	Ana Lopes
50	<i>A balada de Adam Henry</i> , de Ian McEwan	736	08/10	dezembro de 2015	Ana Lopes
Número total de palavras		6367	7,7/10 (3,85~4/5)		

Tabela 4: Caracterização geral dos textos retirados do blogue *O sabor dos meus livros*

Observando as tabelas acima, verificamos que os textos têm no total 18 696 palavras. A finalidade destes textos, produzidos em formato digital (blogues e *sites*), é, essencialmente, a apresentação e a apreciação de livros diversos (no nosso estudo: 21 livros diferentes).

As apreciações foram escritas num período situado entre 2 de fevereiro de 2016 e 9 de abril de 2018. Notamos alguma variedade entre a extensão de cada texto, nomeadamente, no *Goodreads*, que tem textos que variam entre as 23 palavras e as 980 palavras. Já em *O sabor dos meus livros* e em *Mente literária*, o número de palavras apresenta mais regularidade: no primeiro blogue os textos apresentam um número de palavras entre os 421 e 903, sendo que a média do número de palavras é 637 palavras por texto, enquanto no segundo os textos apresentam um número de palavras entre os 220 e 652, tendo como média 405 palavras por texto. Esta discrepância deve-se ao facto de, ao contrário dos blogues em apreço em que os críticos são sempre a mesma entidade em cada um deles, este *site* patentear um leque variado de críticos, logo, apresentar diferentes formas e métodos de apreciar o objeto em avaliação.

Neste tipo de apreciações, para além dos comentários feitos em formato de texto, os autores/críticos utilizam um sistema de avaliação usando, tipicamente, estrelas ou pontos (nuns casos, de 1-5, noutros, de 1-10). No nosso caso, no *Goodreads* e no blogue *A Mente literária*, os autores fazem a avaliação através da atribuição de um determinado número de estrelas, mais precisamente, de 1* a 5*. Já no blogue *O sabor dos meus livros*, os críticos fazem a avaliação através da atribuição de um determinado número de pontos, nomeadamente, de 1 a 10.

Por uma questão de uniformização no tratamento dos dados, decidimos converter a avaliação de 1-10 numa escala de 1-5, como podemos observar nos resultados expostos no gráfico abaixo.

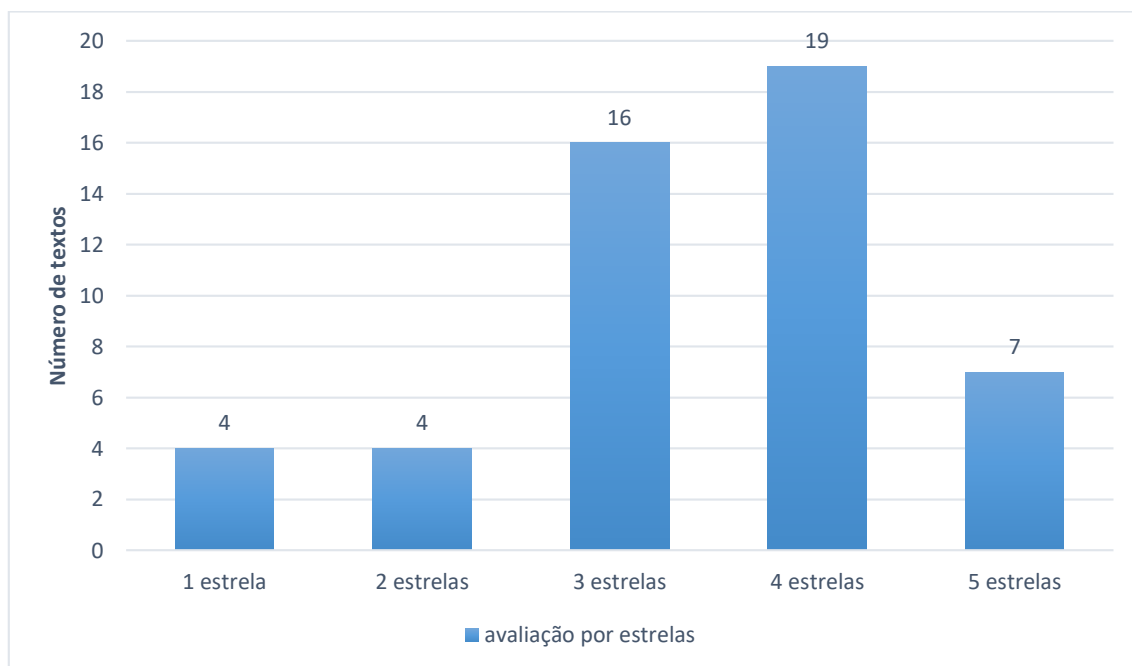


Gráfico 1: Número de estrelas nas apreciações críticas

Vemos, assim, que a maioria dos escritores das apreciações atribuem um valor de 3 e 4 estrelas, com 16 e 19 textos, respetivamente, representando, em conjunto, 70% dos textos analisados. Os restantes 30% estão divididos entre as 1, 2 e 5 estrelas. Notamos, nesse sentido, uma acentuada diferença entre as atribuições numéricas por estrela. Tanto os textos que atribuem 1 estrela como os que atribuem 2 estrelas representam 8% cada uma. Por outro lado, os textos que atribuem 5 estrelas representam 14% dos textos analisados.

5.2. Apresentação do percurso metodológico

Em termos metodológicos, a análise do *corpus*, feita manualmente, foi realizada em diversas etapas.

Num primeiro momento, foram estabelecidos tanto os parâmetros de análise a considerar como o procedimento para a sua realização, de forma a tentar obter uma anotação consistente dos dados. Assim, a primeira etapa do trabalho consistiu numa análise global dos textos, tendo em conta algumas considerações preliminares sobre as condições de produção

subjacentes aos textos analisados, bem como a sua estrutura composicional. De seguida, realizou-se uma análise semântica de alguns aspetos dos segmentos textuais nos quais o autor emite opinião (positiva ou negativa) sobre o objeto em apreciação.

Posto isto, de uma forma mais detalhada, a análise do *corpus* consistiu nas seguintes etapas:

- i. Identificação das condições de produção, infraestrutura textual e elementos das apreciações críticas;
- ii. Segmentação das partes que contêm apreciação, isto é, juízos/opiniões sobre o objeto em apreciação;
- iii. Identificação dos objetos de apreciação: escritora, obra da escritora, livro, história, personagens, escrita, entre outros;
- iv. Identificação das RR nesses segmentos avaliativos;
- v. Identificação dos adjetivos que fazem apreciação nos segmentos avaliativos;
- vi. Caracterização de todos adjetivos que fazem avaliação presentes nos segmentos de apreciação delimitados (subclasses, função predicativa/ atributiva, posição pré/pós-nominal);
- vii. Identificação das expressões com advérbio+adjetivo nos segmentos avaliativos (excluindo todos os casos de negação);
- viii. Nas expressões advérbio+adjetivo, identificação dos valores de sentimento dos adjetivos e da expressão combinada com os advérbios através de um questionário;
- ix. Determinação do papel dos advérbios na mudança de polaridade dos adjetivos (operações de reversão, redução, nenhuma mudança e reforço, Trnavac *et al.*, 2015);
- x. Análise do papel da relação de Contraste na mudança de polaridade nas frases em que ocorre e dos adjetivos presentes nessas frases.

Finalmente, foram sistematizados os resultados obtidos e foi feita uma reflexão sobre o modo como esses resultados contribuem para uma caracterização do género apreciação crítica.

5.3. Análise global do *corpus*

Esta secção destina-se à caracterização geral das apreciações críticas de livros que constituem o nosso *corpus* em termos das condições de produção, dos elementos que a compõem e dos aspetos que são objeto de apreciação.

5.3.1. Condições de produção

Tal como referido em 1.2., Bronckart (1996) considera que as condições de produção constituem um dos parâmetros que influencia a arquitetura interna de um texto e que, por

consequência, determina o quadro comunicativo no qual o texto é concebido. Abaixo apresentamos a tabela 5, adaptado de Silva *et. al.* (2015: 13), que representa as condições de produção do nosso *corpus*:

Dimensão material	Suporte	Digital
	Emissores	Autor da apreciação crítica
	Recetores	Leitores dos blogues Leitores de <i>sites</i>
	Momento da produção	Posterior à publicação do livro
	Espaço Físico	<i>Internet</i>
Dimensão sociopragmática	Objetivo	Avaliação e informação sobre o livro
	Domínio discursivo	Meios de comunicação social
	Enunciador	Crítico não-profissional
	Destinatário	Público interessado na apreciação de livros
Dimensão temática	Conteúdo temático	Apresentação de aspetos do livro e a sua apreciação crítica

Tabela 5: Condições de produção das apreciações críticas do *corpus*

Observando a tabela acima, verificamos que os textos considerados pertencem à esfera da comunicação social tendo sido produzidos por críticos não-profissionais, definidos como os amantes de livros que desejam mostrar-se próximos daquilo que consideram ser o leitor-modelo. Como refere Silva *et al.* (2018b: 437), a relação dos participantes na apreciação crítica (no seu estudo: apreciação crítica de filmes) caracteriza-se por uma assimetria de papéis, porquanto o enunciador assume um estatuto duplo:

i. pode apresentar-se, ou não, como um especialista de cinema, isto é, apresenta-se como um leitor que domina o mundo literário, “sendo por esta via que legitima frequentemente a sua avaliação do livro e de aspetos que estão relacionados com ele” (*op. cit.*);

ii. deseja mostrar-se próximo daquilo que considera ser o leitor-modelo. O público que escreve em blogues e *sites* dedicados à crítica de filmes, utilizando diversas estratégias discursivas que procuram granjear a atenção do leitor (*op. cit.*).

O facto de serem apreciações críticas publicadas em blogues e *sites* por críticos não-profissionais significa que há uma maior liberdade na produção destes textos, como refere Taboada (2011), nomeadamente na escolha do objeto de apreciação e na sua extensão, como

vimos em 5.1.. Por outro lado, sendo não-profissionais, os autores podem não ter formação específica na área, pelo que a abordagem do objeto em apreciação pode diferir, ou a relevância dada a diferentes aspetos do objeto pode variar. Para além disso, sendo de publicação livre não há revisão linguística de textos, havendo textos com erros, o que por vezes dificulta a compreensão da mensagem transmitida.³⁵

5.3.2. Infraestrutura interna: os seus elementos

Do ponto de vista da configuração das apreciações críticas de livros, observamos que os blogues e o *site* em estudo, para além da informação textual específica, se compõem num ambiente plurissimiótico que transmite ao leitor informações de cariz peritextual. Vejamos, neste sentido, as figuras 8, 9 e 10³⁶, que ilustram a configuração das apreciações críticas de livros presentes no nosso *corpus*:

³⁵ Nesse sentido, tentamos, sempre que foram encontrados exemplos com erros linguísticos, inserir “[sic]” após um termo ou uma expressão para indicar que os exemplos foram transcritos exatamente como no texto de origem.

³⁶ Fontes das figuras:

- Texto 5: <https://menteliteraria.blogs.sapo.pt/mataram-a-cotovia-harper-lee-76769>;
- Texto 25: https://www.Goodreads.com/review/show/563511196?book_show_action=true&from_review_page=1;
- Texto 43: <http://osabordosmeuslivros.blogspot.com/2016/11/uma-escuridao-bonita-de-ondjaki.html>.

Mataram a Cotovia | Harper Lee

por Daniela, em 05.06.18

“

"Coragem é sabermos que estamos vencidos à partida, mas recomeçar na mesma e avançar incondicionalmente até ao fim. Raramente se ganha, mas às vezes conseguimos."



★★★★★

Harper Lee nasceu no Alabama em 1926. Leitora precoce, foi vizinha e amiga de Truman Capote. Completou a obra *Mataram a Cotovia* no verão de 1959, tendo esta sido publicada em Julho de 1960. Teve muito sucesso na altura e ganhou a aclamação do público, tendo ainda ganho o prémio Pulitzer de ficção em 1961.

Comprei este livro na Feira do Livro de Lisboa, em 2016, e inseri-o agora em Abril no Livros no Ecrã. Tem como pano de fundo *Maycomb*, uma pequena cidade fictícia situada no Alabama, e passa-se nos anos 30.

A história é narrada do ponto de vista de uma menina de seis anos, Jean Louise Finch, a quem todos chama Scout. Ao longo da narrativa vai-nos dando a sua visão do mundo onde vive e das pessoas que se cruzam no seu caminho, comentando com inocência todos os seus passos.

E haverá alguma forma melhor de conhecer uma sociedade se não pelos olhos de uma criança?

Atticus Finch, pai de Scout e do seu irmão Jem, educou-os da forma liberal que conseguiu. Advogado, honesto, sem medos e defensor dos oprimidos, vai dando mostras aos filhos do herói moral que é.

A sua decisão de defender um homem negro acusado de violar uma mulher branca acaba por alterar as visões e percepções que os pequenos têm, acabando por marcar o início do fim da sua inocência.

Sem desvendar mais nada, acrescento apenas que este livro e estas personagens nos mostram o lado mais sombrio da humanidade, pontuado pelo racismo, pela discriminação e pelo apartar a apontar o dedo a outra pessoa só porque é diferente.

“

"É a única coisa que se sobrepõe à regra da maioria é a consciência."

A escrita é simples, cheia de vivacidade e humor em situações mais sérias. Li que a autora escreveu este livro com base nas suas próprias experiências e acontecimentos enquanto criança.

Figura 9: Apreciação crítica do livro correspondente ao texto 5 do nosso corpus – configuração das apreciações no blogue *Mente literária*

Margarida's Reviews > A Filha do Papa



Want to Read
Rate this book
☆☆☆☆☆

A Filha do Papa (Vaticano #4)

by Luis Miguel Rocha (Goodreads Author)



Margarida's review

Mar 17, 2013

☆☆☆☆☆

bookshelves: suspense, ficção-histórica

Com todo o marketing em torno desta obra, e a temática sobre um dos Papas da Igreja Católica, pensei que fosse um livro diferente.

Em termos de escrita está bem escrito, com uma escrita fluida, no entanto no género que pretende incluir-se, o do suspense, deixa muito a desejar. Demora muito até que a acção comece realmente, demorando-se na descrição do passado do Papa Pio XII e da Madre Pasqualina; tem demasiadas personagens com que temos de lidar desde o início, o que se torna confuso; e o final para mim foi decepcionante, já que a lógica por detrás do suspense me parece forçada. De repente a filha do Papa é uma criatura maquiavélica que manipulou tudo e todos para conseguir os seus propósitos de limpar a imagem do Papa Pio XII e fazer desaparecer a sua identidade como filha do Papa.

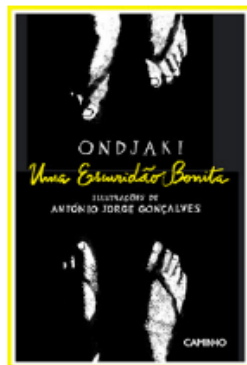
Não foi das piores obras que li, mas se ao início tinha curiosidade para conhecer outras obras do autor, deixei de a sentir, já que esta não me fascinou de todo.

Follow Reviews

1 like · Like · flag

Figura 10: Apreciação crítica do livro correspondente ao texto 25 do nosso corpus – configuração das apreciações no site *Goodreads*.

Uma escuridão bonita, de Ondjaki



Ficha técnica

Título – *Uma escuridão bonita*

Autor – Ondjaki

Editora – Editorial Caminho

Páginas – 112

Data de leitura – 15 de novembro de 2016

Opinião

Olhei a capa e reparei em dois pares de pés virados um para o outro. Folhee as páginas e encantei-me com o negro das mesmas em contraste com um punhado de palavras e ilustrações que as iluminavam. E soube de imediato, com aquela certeza tão certa que de vez em quando me inunda, que teria que mergulhar nesta escuridão bonita debaixo dos cobertores, com apenas um ponto de luz e rodeada de negrura e silêncio. Porque sabia que ia ser deliciosamente arrepiante dividir a escuridão com esta pequena estória, “em concha e

aconchego, como se dois mundos, nessas gotas de negrume, fossem um só.” (pág. 25)

E assim foi. Em menos de uma hora embalei-me com a magia, a poesia e a doçura de palavras e imagens. Bebi o encantamento que transpira de uma estória recheada de inocência, de ansiedade, de desejos, de tremuras e de uma previsibilidade que em nada “amarga” o sabor inesquecível e perene que nos marca o trazo durante e após termos chegado ao seu fim. Tive que combater constantes tentações de sublinhar passagem atrás de passagem, porque trouxe *Uma escuridão bonita* da última visita à biblioteca municipal da terrinha. Fui remediando essa tentação dizendo para mim mesma que semelhante preciosidade é motivo mais do que suficiente para um próximo gasto monetário numa livraria qualquer.

De uma realidade que é a realidade de todos os dias de uma Luanda parca de rendimentos, chega-nos uma noite banal, quotidiana, onde mais uma vez a luz foi abaixo. Os olhos adaptam-se a uma escuridão forçada e penetram numa beleza mais palpável, mais audível, mais cheirada. Disfarçam-se defeitos, medos, anseios, vontades e permite-se que os sonhos ganhem asas e até se cumpram. Como o sonho de partilhar um beijo com alguém de quem apenas vislumbramos sombras e brilhos.

Não sei mais que diga. Talvez não seja preciso dizer mais nada. Apenas partilhar algumas das muitas passagens que me arrebataram e me fazem querer ler tudo aquilo a que possa deitar a mão de um autor que terá que habitar com lugar de destaque na minha estante:

“*Afinal uma pessoa também pode dizer coisas sem ser com voz de falar. Foi a primeira descoberta assim estranha que eu fiz nessa noite duma bendita, bonita, falta de luz.*” (pág. 16)

“*O silêncio é uma esteira onde nos podemos deitar.*” (pág. 18)

“*A mão dela estava perto da minha. Senti uma comichão de ausência na proximidade daquele calor, sabia que os dedos dela estavam ali, e continuava a falar para não saber, no coração, que todo o meu corpo pedia uma carícia calada.*” (pág. 18)

“*Um dia perguntaram à minha avó Dezanove o que era poesia. Primeiro ela ficou muito tempo calada, então pensaram que ela não tinha resposta. Mas ela depois falou: a poesia não é a chuva, é o barulho da chuva.*” (pág. 62)

“*Depois das mãos e dos lábios, os nossos corações acelerados eram um único chuvisco de contenteza. Até acreditei que dentro de nós havia um cheiro de terra depois de chover.*” (pág. 103)

Completamente deslumbrada e ainda em estado de encantamento, peço-vos que leiam e descubram Ondjaki. É um pecado dos mais escabrosos se não o fizerem!

NOTA – 10/10

Sinopse

“*O palco sagrado das conversas eram dois: na varanda ou no quintal. Testemunhas: os mosquitos e os morcegos. Banda sonora: alguma televisão com som alto a dar bonecos ou telenovela.*

Se não houvesse luz? Brincadeira gritada de Cinema Bu, todos contra todos, nas vozes de descrever os filmes que ainda nem tínhamos visto.”

Uma Escuridão Bonita é, talvez, a simples estória de um beijo.

Publicada por Ana Lopes



Etiquetas: Leituras de 2016, Ondjaki

Figura 11: Apreciação crítica do livro correspondente ao texto 43 do nosso corpus – configuração das apreciações no blogue *O sabor dos meus livros*

Como podemos observar na tabela abaixo, tipicamente, as apreciações críticas de cada fonte apresentam a seguinte composição:

Elementos de configuração	<i>Goodreads</i>	<i>Mente literária</i>	<i>O sabor dos meus livros</i>
Título	x	x	x
Número de estrelas ou pontos	x	x	x
Nome do crítico	x	x	
Data da publicação da crítica	x	x	
Informações bibliográficas acompanhadas de uma fotografia com a capa do livro			x
Sinopse do livro			x
Citações retiradas do livro		x	
Crítica	x	x	x

Tabela 6: Configuração das apreciações críticas nas diferentes fontes

Há alguns pontos em comum entre os blogues e o *site* analisados, a saber: a apresentação do título do livro, a avaliação expressa sob a forma de um número e, naturalmente, o corpo do texto da crítica. De referir que à avaliação numérica estão subjacentes critérios que são estipulados consoante a subjetividade de cada crítico e “invocados de forma mais ou menos consciente” (Silva *et al.*, 2018b: 443). Relativamente aos outros elementos apresentados na tabela, verificamos algumas diferenças quanto aos restantes elementos de configuração. De facto, todos eles apresentam a informação básica e necessária para aquilo que o destinatário procura num *site* ou blogue como os selecionados: saber a opinião daqueles que já estão familiarizados com o livro e a sua qualidade. Os restantes elementos são, efetivamente, suplementares, ou seja, não acrescentam informação indispensável a um texto de apreciação crítica.

5.3.3. Os elementos de apreciação crítica do *corpus*

A apreciação crítica de livros, tal como acontece com a apreciação de filmes³⁷, não se limita a fazer uma apreciação global, podendo focar diversos aspetos relacionados com o objeto cultural em consideração, sejam a escrita, as personagens, a história e até o escritor. O quadro seguinte mostra quais os elementos que são apreciados em cada um dos textos do *corpus*.

Textos	O livro	A escrita	As personagens	A história	O escritor
1	x	x			
2	x		x	x	
3	x	x	x		
4	x				
5	x	x	x		
6	x				
7	x	x	x		
8	x		x	x	x
9	x	x	x	x	
10	x				
11	x		x	x	
12	x			x	
13	x			x	
14	x	x		x	
15	x				
16	x			x	x
17	x			x	x
18	x	x	x	x	
19	x	x	x	x	x
20	x				
21	x	x	x		

³⁷ Cf. Secção 1.4. para mais informação sobre apreciação crítica de filmes.

22	x	x	x	x	
23	x	x	x	x	
24	x	x	x	x	x
25	x	x		x	
26	x				x
27	x	x		x	
28	x	x		x	x
29	x	x		x	x
30	x	x		x	x
31	x	x			
32	x	x	x	x	x
33	x			x	
34	x			x	
35	x	x	x	x	
36	x		x	x	x
37	x			x	
38	x	x		x	x
39	x	x		x	
40	x	x		x	
41	x	x		x	x
42	x	x		x	x
43	x	x	x	x	
44	x			x	x
45	x	x	x	x	
46	x	x	x	x	x
47	x		x	x	x
48	x	x			x
49	x	x	x	x	x

50	x			x	
----	---	--	--	---	--

Tabela 7: Elementos que são objeto de crítica na apreciação do livro

Observando a tabela acima, em primeiro lugar, atestamos que todos os textos fazem avaliação do livro em termos globais. Para além disso, verificamos que os elementos do livro que são mais criticados são a escrita e a história do livro, 60% e 74% dos casos, respetivamente. Por seu turno, os próprios escritores (38%) e as personagens (42%) são os elementos menos comentados nos textos do nosso *corpus*.

5.4. Análise das relações retóricas em segmentos avaliativos

Tal como mostrado ao longo do capítulo 2, as RR são ligações de sentido que permitem entender a forma como está organizado um determinado texto. Nesse sentido, foi do nosso interesse estudar a forma como os segmentos de apreciação crítica que contêm avaliação/opinião/crítica sobre o livro em questão se estruturam em termos de RR.

Apesar de os textos do nosso *corpus* apresentarem segmentos que estão ligados aos segmentos anteriores, essencialmente, pelas relações de Narração e de Enquadramento, apenas analisamos os segmentos que estão ligados aos segmentos anteriores pela relação de Avaliação, dado que são estes que contêm comentários críticos sobre o objeto em discussão.

Assim, nesta parte da secção da análise do *corpus*, começamos por definir quais as RR relevantes para o nosso estudo. De seguida, apresentamos as RR mais frequentes nos segmentos avaliativos das apreciações críticas que compõem o *corpus*. Posteriormente, discutimos os três tipos de RR mais recorrentes nesses segmentos, expondo exemplos ilustrativos retirados do *corpus*: relação de Continuação, de Explicação e de Contraste. Dado que, por vezes, as RR são marcadas lexicalmente ou estruturalmente, procuramos também averiguar quais os elementos e as estruturas linguísticos que têm um papel fundamental na inferência das RR. Por fim, expomos um esquema que serve como um exemplo de análise da estrutura retórica de um segmento avaliativo.

5.4.1. Definição das relações retóricas relevantes

Na tabela 8, apresentamos o conjunto das relações retóricas relevantes para a nossa análise, que integra contributos de diversos autores (Hobbs, 1985; Mann & Thompson, 1987; Kehler, 2002; Asher & Lascarides, 2003; Silvano, 2010; Coelho, 2015):

Relação Retórica	Definição
Alternância (Asher & Lascarides, 2003)	O segundo constituinte ³⁸ apresenta uma situação que é alternativa à situação do primeiro constituinte.
Condição (Asher & Lascarides, 2003)	O segundo constituinte estabelece uma condição da qual depende a concretização da situação do primeiro constituinte.
Continuação (Asher & Lascarides, 2003)	O segundo constituinte exibe mais informação sobre o tema do primeiro constituinte. Esta RR não tem consequências temporais.
Contraste (Kehler, 2002)	O segundo constituinte exprime uma situação que se opõe à situação representada pelo primeiro constituinte.
Elaboração de entidade (Asher <i>et al.</i> , 2008; Coelho, 2015)	O segundo constituinte expõe uma descrição ou caracterização de uma entidade introduzida no primeiro constituinte, fornecendo informação adicional sobre essa mesma entidade. (Coelho 2015: 72)
Elaboração de situação (Asher <i>et al.</i> , 2008; Coelho, 2015)	O segundo constituinte denota uma situação que é uma parte mereológica da situação do primeiro constituinte.
Enquadramento (Asher & Lascarides, 2003)	O constituinte informa o interlocutor de tudo o que está à volta da linha narrativa principal. Ou seja, enquadra uma determinada situação noutra.
Evidência (Mann & Thompson, 1987)	O segundo constituinte fornece prova do que é dito no primeiro constituinte.
Explicação (Asher & Lascarides, 2003)	O segundo constituinte apresenta uma razão ou uma causa para a ocorrência da situação do primeiro constituinte.
Narração (Asher & Lascarides, 2003)	O segundo constituinte apresenta uma situação que se sucede temporalmente à situação do primeiro constituinte, partilhando ambos os constituintes o mesmo tópico.
Sumário (Mann & Thompson, 1987)	O segundo constituinte exprime uma síntese daquilo que foi dito no primeiro constituinte.
Reafirmação ³⁹ (Mann & Thompson, 1987)	O segundo constituinte reforça o que é dito no constituinte anterior.
Resultado (Asher & Lascarides, 2003)	O segundo constituinte estabelece uma relação de causalidade com o primeiro constituinte, ou seja, a segunda situação é a consequência da primeira.

Tabela 8: Definição das relações retóricas relevantes

³⁸ O termo “constituinte” é usado na aceção dada por Asher & Lascarides (2003), ou seja, designa a parte da frase, que normalmente representa uma situação ou eventualidade, que se liga a outra parte (segundo constituinte) por uma RR. Por exemplo, na frase “O João caiu porque o Pedro o empurrou” há dois constituintes “O João caiu” e “porque o Pedro o empurrou” ligados pela RR de Explicação.

³⁹ Tradução nossa do termo em inglês *Restatement*, de Mann & Thompson (1987).

Na secção seguinte, apresentamos a frequência destas RR nos segmentos avaliativos anotados.

5.4.2. Frequência das relações retóricas

A tabela 9 sistematiza a frequência das RR nos segmentos avaliativos dos textos em apreço.

Relação Retórica	Ocorrências
Continuação	160
Contraste	81
Explicação	76
Elaboração de Entidade	61
Resultado	51
Enquadramento	37
Narração	26
Sumário	24
Reafirmação	14
Evidência	10
Condição	9
Alternância	8
Elaboração de Situações	2

Tabela 9: Frequência das relações retóricas relevantes

Calculando as RR relevantes no conjunto de textos analisados, deparamo-nos com 578 RR anotadas. Conforme se pode observar na tabela, as relações de Continuação, de Contraste, de Explicação, de Elaboração de Entidade e de Resultado são as mais presentes nos segmentos avaliativos do nosso *corpus*, representando 58,13%, mais de metade das ocorrências de RR. Na secção seguinte, analisaremos as três RR que mais se destacam nos nossos dados, ou seja, as relações de Continuação, de Contraste e de Explicação. Assim, 27,68% pertencem à Relação de Continuação, 14,01% à Relação de Contraste e 13,15% à Relação de Explicação.

Estes dados mostram-se relevantes já que fornecem elementos relativamente à organização da estrutura composicional das apreciações críticas. Como referido por Topa-Bryniarska (2017: 2) e Silva *et al.* (2018b: 434-437), na estrutura deste género textual têm um papel fundamental as sequências de natureza explicativa e argumentativa. De facto, no contexto das apreciações críticas analisadas, as sequências argumentativas surgem com o intuito de fundamentar uma opinião, descrever o problema e tentar convencer ou procurar a adesão do interlocutor, sendo, por essa razão, complementadas com a justificação da posição assumida

relativamente a um determinado assunto ou objeto, surgindo, por isso, ligadas a sequências explicativas. Portanto, nestes dois tipos de sequências, é natural que ocorra, por um lado, a relação de Explicação e, por outro lado, tendo a sequência argumentativa um caráter extremamente polémico e dialógico, entende-se a frequência alta da relação de Contraste para introduzir contra-argumentos. Nesse sentido, a relação de Contraste pertence à esfera das estratégias discursivas, daí a sua saliência no nosso *corpus*. Para além disso, tendo este facto em consideração, é possível perceber a proeminência da relação de Continuação, dado que serve para ligar segmentos de natureza explicativa ou argumentativa.

Observamos também, através desta análise quantitativa, um número reduzido de situações ligadas pela relação de Elaboração de situação (2 ocorrências), em detrimento da relação de Elaboração de entidade (61 ocorrências). Estes resultados podem dever-se ao facto de o nosso estudo se direccionar apenas para as partes dos textos em que é feita apreciação ou avaliação de personagens, da história, da escrita, do escritor, entre outros, e, por isso, por um lado, não são relatadas situações no seu todo e nas suas partes, que poderiam estar ligadas por Elaboração de situação, e, por outro lado, há vários segmentos que representam características, pormenores de entidades que são objeto de avaliação, estando presente nestes casos a Elaboração de entidade. Do mesmo modo, por termos focado o nosso estudo num segmento textual em que não existem partes em que se desenvolve a história de um livro, também a relação de Narração não aparece muitas vezes (26 ocorrências).

Passamos agora para a exemplificação das três RR mais proeminentes no nosso *corpus*, com uma descrição especial da relação de Contraste, já que nos permitirá perceber as suas características semânticas para depois podermos estudá-la na sua relação com AS.

5.4.2.1. Relação de Continuação

A maior particularidade da relação de Continuação é o seu caráter coordenativo (Asher & Lascarides, 2003). Por outras palavras, nesta RR, acrescenta-se informação ao primeiro constituinte, não implicando a presença de uma ligação de causalidade nem de temporalidade, ou seja, esta relação não tem qualquer consequência temporal. Verifique-se estas características nos exemplos que se seguem:

- (54) “Dando por mim a apreciar finalmente o livro - logo quando estava prestes a findar-se, identifiquei o factor em falta n. 2, o que me impediu de segui-lo com sofreguidão desde o

início: *não é uma história de amor, não há, tão pouco, amor em lado algum*. Não há, nesta obra, qualquer vestígio de amor romântico.” (Texto 23)

- (55) “Em termos de escrita está bem escrito, com uma escrita fluída, no entanto no género que pretende incluir-se, o do suspense, deixa muito a desejar. *Demora muito até que a acção comece realmente, demorando-se na descrição do passado do Papa Pio XII e da Madre Pasqualina; tem demasiadas personagens com que temos de lidar desde o início*, (...)” (Texto 25)
- (56) “Por muito que me custe admitir, para mim mesma e aqui, a escrita de Isabel Allende perdeu fulgor. *Perdeu fulgor, perdeu fogueira, perdeu sensualidade e paixão e perdeu aquele encantamento e magia que me fizeram devorar as suas primeiras obras como A casa dos espíritos* (...)” (Texto 40)

Confirmamos, ao observar os exemplos transcritos, que na relação de Continuação não há, de facto, consequências temporais, como acontece por exemplo com a relação de Narração. Com efeito, os segmentos ligados por Continuação apresentam mais informação sobre o tema do segmento com que se combina. Assim, em (54), o segundo constituinte continua a referir-se ao tópico do primeiro constituinte (grafado a itálico), ou seja, a razão que impediu a crítica não-profissional “de segui-lo (o livro) com sofreguidão desde o início”. Da mesma forma, no exemplo (55) a RR de Continuação liga duas razões para que o autor da crítica considere que o livro não se insere no género de “suspense”. Já no exemplo (56) esta relação liga vários constituintes que enumeram características da “escrita de Allende”, através de orações coordenadas copulativas, assindéticas e sindéticas, que surgem também nos exemplos anteriores.

5.4.2.2. Relação de Explicação

A relação de Explicação é outra das relações mais frequentes no nosso *corpus* e é inferida quando um constituinte apresenta uma razão ou uma causa para a ocorrência de situação representada pelo primeiro constituinte. Os exemplos (57) a (59) ilustram as ocorrências desta RR no *corpus*.

- (57) “Para os curiosos da fantasia diferente dos temas actuais e escrita em português, atrevam-se. *Vale a pena*.” (Texto 40)
- (58) “Eu fui, como já havia sido aquando da primeira leitura, “vítima” do poder desta narrativa empolgante e arrebatadora, *pois não consegui largar o livro este fim de semana e “devorei” mais de 200 páginas entre umas horas de ontem e umas de hoje!*” (Texto 17)
- (59) “Os capítulos não têm grande nexos, bem como o desenrolar da acção em si, sem fio condutor, e nem as situações potencialmente humorísticas salvam o livro, *especialmente porque conseguem não ter grande piada (umas piores que outras)*.” (Texto 34)

Todos os constituintes sublinhados estabelecem com os constituintes a *itálico* uma RR de Explicação, dado que descrevem razões para o que é dito nos constituintes com que se combinam. Como se pode observar pelos dados apresentados, esta RR pode ser marcada lexicalmente, por exemplo, por conjunções coordenativas como “pois” (cf. (58)) ou por conjunções subordinativas causais como “porque” (cf. (59)), ou não ser marcada. Neste último caso, a inferência da RR resulta de informação proveniente de fontes como o léxico, a semântica composicional, o nosso conhecimento do mundo, entre outras.

5.4.2.3. Relação de Contraste

Reservamos agora espaço para uma análise mais detalhada da relação de Contraste. Atendendo ao que até aqui apresentamos sobre a relação de Contraste, verificamos que o *corpus* tem numerosas ocorrências desta relação, o que nos motiva a fazer uma análise com uma dupla vertente: (i) uma análise quantitativa dos conectores que marcam esta relação discursiva; (ii) uma análise qualitativa dos valores dos conectores⁴⁰ adversativos utilizados na marcação da relação de Contraste.

Para além disso, convém esclarecer que, embora nesta análise optemos por usar a Relação de Contraste, esta enquadra-se numa categoria triádica de relações de oposição juntamente com a Relação de Negação do Obstáculo (cf. Kehler, 2002; Cunha & Silvano, 2009; Silvano, 2010) e a Relação de Concessão (cf. Mann & Thompson, 1987; Taboada, 2011). Estas relações, apesar de apresentarem algumas diferenças entre si, apresentam uma semelhança fundamental: todas elas ocorrem em casos em que, explícita ou implicitamente, há uma relação de não-compatibilidade entre propriedades ou situações denotadas por duas expressões linguísticas articuladas, podendo ser marcadas lexicalmente por conectores que são *semanticamente alternativos* (Matos & Prada, 2004: 1).

Com efeito, no nosso *corpus* a relação de Contraste é marcada por diversos conectores, como se pode observar na tabela 10.

⁴⁰ Acerca do conceito de “conector”, Amaro afirma:

“[A] noção de *conector* abrange termos que pertencem a diversas categorias gramaticais: conjunções coordenativas, conjunções e locuções conjuntivas de subordinação, advérbios. A sua análise sublinha a **função** comum a esta classe palavras: a conexão. Além disso, visa constituir subclasses de acordo com a natureza semântica dessa ligação (analogia, reformulação, enumeração ou argumentação).”

(Amaro, 2010: 72)

Conectores	Mas	Contudo	No entanto	Apesar de	Embora	Porém	Por outro lado	Ainda que	Pelo contrário
Ocorrências	60	5	5	3	2	2	2	1	1

Tabela 10: Número de ocorrências dos conectores que marcam a relação de Contraste nos segmentos avaliativos

A tabela acima apresentada exhibe a taxa de frequência dos conectores que marcam a relação de Contraste, mostrando, ainda, a ocorrência de uma grande diversidade destes elementos linguísticos. Ainda assim, apesar do leque diversificado destes elementos linguísticos, atesta-se uma quase onipresença do conector adversativo “mas”, por oposição aos restantes conectores, “constatação que vai ao encontro de conclusões obtidas por outros autores no que respeita ao elevado recurso a estruturas com este conector por parte dos falantes” (Costa, 2009 *apud* Amaro, 2010: 71). Deste modo, em 81 ocorrências da relação de Contraste, 74,07% das ocorrências são marcadas pelo “mas”.

Embora todos estes conectores estabeleçam uma oposição, como já referimos, na verdade, uma análise mais detalhada permite distinguir diferentes valores semânticos. Para realizarmos essa análise, recorreremos à proposta de Amaro (2010), elaborada com base em Anscombe & Ducrot (1977), e Fachada (2019), que passamos a descrever sumariamente.

Amaro (2010) propõe quatro valores para o conector “mas”: o contra-argumentativo, o valor refutativo, o fático e o correlativo. O “mas” com valor *contra-argumentativo* ocorre:

“após um movimento inicial em que, seja através da concessão seja através da negação, o Locutor faz ouvir a posição que pretende contestar – [evidenciando] posicionamentos estratégicos válidos num contexto argumentativo em que se preza a negociação de posições distintas e em que, simultaneamente, os interlocutores não abdicam das posições respectivas, mantendo sempre a relação ao nível da cortesia.”

(Amaro, 2010: 73)

No valor *refutativo*, há concomitantemente uma refutação e uma retificação do primeiro segmento, através de uma voz externa ao locutor, e com a qual o locutor não se identifica. Deste modo, corrige a voz do outro, anulando-a. Por sua vez, o valor *fático* introduz uma apresentação ou mudança de um ponto de vista, assinalando tomadas de posição, com que o locutor se

identifica e que desenvolve e fundamenta. Por último, o valor *correlativo* (Amaro 2010: 84) ocorre entre constituintes da mesma natureza, sendo possível afirmar que “o nexos semântico é fundamentalmente aditivo, ou seja, que estamos perante a junção de mais um elemento informativo a outro que já foi referido, funcionando o segundo como mais um argumento coorientado para a mesma conclusão.”

Fachada (2019) acrescenta um outro valor a esta classificação de Amaro (2010), o valor *aditivo argumentativo*, que surge quando se somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, mantendo, assim, a orientação argumentativa, que é típica da conjunção “mas”. Não tendo encontrado nenhum exemplo no nosso *corpus*, apresentamos apenas um exemplo ilustrativo, retirado de Fachada (2019: 119):

- (60) “A crescente desigualdade, o empobrecimento das classes médias e o desemprego de quase 25 milhões de europeus, sobretudo os mais jovens, vão ter efeito duradouro, certamente. Mas são, também, a prova acabada do falhanço das políticas dominantes e da arquitetura da União.”

Na nossa análise, estendemos esta proposta de classificação dos valores semânticos do “mas” aos outros conectores que marcam a relação de Contraste, na medida em que são semanticamente intersubstituíveis. A tabela 11 sistematiza os resultados da análise feita.

Valores	Contra-argumentativo	Refutativo	Fático	Correlativo	Aditivo-argumentativo
Ocorrências	67	3	10	1	0

Tabela 11: Número de ocorrências dos valores dos conectores que marcam a relação de Contraste

Observando a tabela, verificamos que a maioria dos conectores assume um valor contra-argumentativo (61), o que mostra que uma das estratégias discursivas mais usadas neste contexto de apreciações críticas de livros por não-profissionais, tem uma forte natureza argumentativa e passa por um locutor apresentar uma posição que poderia ser contrária à sua e que ele contesta, mantendo uma relação de cortesia, prezando a negociação de posições. Os exemplos (61)-(63) ilustram este uso.

- (61) “Não foi das piores obras que li, mas se ao início tinha curiosidade para conhecer outras obras do autor, deixei de a sentir, já que esta não me fascinou de todo.” (Texto 25)
- (62) “Não é de leitura obrigatória, mas pela rapidez com que se consome a história, recomendo a leitura deste livro.” (Texto 37)

- (63) “Demasiado simples. Poderia ter um pouco mais de enredo, assim como uma narrativa mais original e surpreendente. No entanto, tem pormenores de interesse e ideias que não devem ser desvalorizadas.” (Texto 37)

De realçar que no nosso *corpus* apenas “mas” apresenta diferentes valores semânticos. Os restantes conectores apresentam sempre o valor contra-argumentativo (cf. (64)-(67)), o que pode apontar para o facto de estes conectores terem apenas um valor semântico, que é o mais prototípico de “mas”.

- (64) “Tive alguma ajuda ao adquiri-lo na edição da Guimarães editores em segunda mão, porque todas as palavras difíceis (que são aí cinco por página) vinham sublinhadas e com a respectiva definição na margem, o que me permitiu lê-lo em três semanas em vez de três meses. Arrastou-se sempre, contudo, a impressão perturbadora de não compreender a totalidade do que estava perante os meus olhos.” (Texto 23)
- (65) “Quando se aproxima do fim – para mim, mera leitora – torna-se mais fácil de compreender, embora continue a primar pela complexidade.” (Texto 23)
- (66) “A escrita de David Soares é sublime e, confesso, iniciei a leitura desta obra com alguns preconceitos dada a colagem do autor ao género fantástico. Porém, poucas páginas lidas, sentia-me completamente rendido à sua escrita e ao humor que transpira, completamente inserido no contexto, sentindo que fazia parte da narração, (...).” (Texto 38)
- (67) “E este romance em particular lê-se também facilmente ainda que, na minha opinião, tenha pouco de extraordinário e sobreviva essencialmente graças à forma como o autor angolano escreve.” (Texto 28)

Embora com uma frequência bem mais baixa (10 ocorrências), a presença do valor fático de “mas” também contribui para a caracterização geral da apreciação crítica, mostrando que outra das estratégias discursivas usadas pelos locutores consiste na “mudança do rumo discursivo” (Amaro, 2010: 80) com recurso a marcas de interatividade e de aproximação ao discurso oral e de conversação que ocorre através da presença de frases interrogativas. Vejam-se os exemplos (68)-(69):

- (68) “Nesta história, Peter arranjou uma forma de acabar com os abusos, mas qual será o impacto na vida dos habitantes de Sterling?” (Texto 8)
- (69) “E é efetivamente isso que nos é oferecido: uma narrativa a duas vozes, entrar na cabeça de duas pessoas tão diferentes que são quase opostas, mas cujos mundos orbitam em torno um do outro, conhecer-lhes os sonhos, os desejos, as vontades, os erros... Mas mergulhar dentro da mente e do coração de Elisa e Alexandre implica também entrar num mundo confuso, em que o passado se mistura com o presente, o real com o sonho, os narradores com as restantes personagens.” (Texto 22)

Apenas 3 ocorrências de “mas” têm valor refutativo, porquanto se observa a refutação do primeiro segmento através de uma voz externa ao locutor, e com a qual o locutor não se identifica, anulando a voz do outro (Amaro, 2010).

- (70) “É ao ler passagens que descrevem a megalomania que tomou de assalto os mais altos representantes do governo (...) que põem a nu a corrupção que assola todos os escalões da vida pública angolana ou partes que se relacionam com negócios como a criação da *Igreja Da Ovelhinha Sagrada*, cuja saudação não é “amém”, mas sim “amééé” que o leitor assimila a principal mensagem da obra” (Texto 42)
- (71) “A homossexualidade não é apresentada como sendo natural, mas como uma doença, causada pela situação familiar ou pelas vivências sociais, e que não pode ter outro desfecho além da degeneração e destruição de quem a pratica.” (Texto 7)

É interessante, neste ponto, questionar-nos sobre o porquê de o valor refutativo ser tão pouco frequente, em detrimento do contra-argumentativo, que é o mais saliente nesta análise. Na verdade, os valores prototípicos associados a “mas” são os contra-argumentativo e o refutativo, principalmente, o primeiro valor (Amaro, 2010: 72), já que parecem representar os verdadeiros valores contrastivos. Ora, se por um lado, no valor contra-argumentativo, existe uma negociação de posições com a intenção de manter a relação com o outro ao nível da cortesia, por outro lado, no valor refutativo, há uma quebra ao nível da cortesia, no qual o locutor não deixa espaço para a voz do outro, anulando, desta forma, o seguimento do discurso.

Assim, uma das hipóteses seria dizer que, tendo em conta que este é um género textual em que o locutor arranja estratégias discursivas para a adesão por parte dos leitores da sua opinião, o falante tem que transmitir a sua opinião de forma cordial, o que leva à preferência da utilização de um conector que tenha um valor contra-argumentativo e não refutativo.

A única ocorrência de “mas” com valor correlativo é a que é apresentada em (72), em que o constituinte sublinhado introduz um novo argumento que adiciona informação ao que foi dito anteriormente, adquirindo esse dado argumento uma força argumentativa mais forte.

- (72) Não são só as imprecisões científicas (conceitos como "norte-sul" ou "cima-baixo" no espaço não fazem absolutamente sentido nenhum, só para dar o exemplo mais gritante dessas imprecisões), mas todo o conceito narrativo é fraco, as personagens são planas e absurdamente caricaturadas...” (Texto 36)

5.4.3. Inferência das relações retóricas: alguns elementos/estruturas linguísticos

Dado que “understanding a text is determined not only by the nature of the rhetorical relations but also by the linguistic markers of those relations” (Silvano, 2010: 170), naturalmente, será importante considerar os elementos e as estruturas linguísticos que contribuem para a inferência das RR relevantes no nosso estudo. A tabela 12 sistematiza os resultados da análise feita.

Elementos e Estruturas linguísticos usados para marcar as relações retóricas			
Relação Retórica	Elementos linguísticos	Orações	Exemplos ⁴¹
Continuação	“ainda”, “ainda para mais”, “Para além de”, “também”, “da mesma maneira”, “depois”	Orações coordenadas copulativas	“De um modo geral, não me encantou de todo, mas a Inês Botelho ainda é uma autora jovem <u>e terá muitas oportunidades de amadurecer o seu talento.</u> ” (Texto 22)
Contraste	“mas”, “por outro lado”, “contudo”, “no entanto”, “porém”, “pelo contrário”	Orações coordenadas adversativas Orações subordinadas concessivas	“Gostei bastante deste livro, <u>apesar de ter adiado a sua leitura com medo que se tornasse aborrecido.</u> ” (Texto 13)
Elaboração de entidade	Estruturas predicativas Retoma anafórica, através de pronomes pessoais e através de demonstrativos, tais como, “este”/“esta”, “esse”/“essa”.	Orações relativas explicativas	“São várias as mensagens importantes passadas, <u>sejam de amor, amizade ou cumplicidade.</u> ” (Texto 3) - “Adorei este livro, <u>é daqueles que quando acaba apetece logo começar outra vez.</u> ” (Texto 12) “São fascinantes, de certa forma originais, com temas e cenários nada banais e com personagens fortes, marcantes, <u>que ao carregarem uma bagagem sofrida, não nos deixam indiferentes, (...)</u> ” (Texto 17)
Elaboração de situações	Retoma anafórica, através de pronomes pessoais e através de demonstrativos, tais como, “este”/“esta”, “esse”/“essa”.	Orações adjetivas relativas	“O ambiente vivido em França <u>quando esta foi atacada pelas tropas alemãs após a falha da linha Maginot</u> é muito bem descrito.” (Texto 11)
Enquadramento		Orações subordinadas temporais	“ <u>Procurando uma narrativa mais poética,</u> a autora acaba por falhar até na tentativa de se comunicar claramente

⁴¹ Todos os exemplos aqui apresentados são retirados do nosso corpus.

		Orações gerundivas	com o leitor e (...) aqui senti que perdeu um pouco o seu propósito.” (Texto 22)
Explicação		Orações coordenadas explicativas Orações subordinadas causais	“Eu fui, como já havia sido aquando da primeira leitura, “vítima” do poder desta narrativa empolgante e arrebatadora, <u>pois não consegui largar o livro este fim de semana</u> (...)”. (Texto 17) “Tive alguma ajuda ao adquiri-lo na edição da Guimarães editores em segunda mão, <u>porque todas as palavras difíceis vinham sublinhadas e com a respectiva definição na margem</u> (...)”. (Texto 23)
Narração	Verbos no Pretérito Perfeito do modo Indicativo/ Verbos no Presente do Indicativo com valor de relato	Orações coordenadas copulativas sindéticas e assindéticas + Verbos no Pretérito Perfeito do modo Indicativo/ Verbos no Presente do Indicativo com valor de relato Orações subordinadas adverbiais temporais	“Perguntei-me, inclusive, o que se terá passado nas restantes páginas para que lhes tivesse tamanho alheamento. Já <u>próximo do fim identifiquei o factor em falta n. 1 - a convergência, a eminência de uma revelação, uma história com a estrutura “habitual” (facilitada, vá), do género 1. problema 2. tentativa de resolução 3. solução!</u> ”. (Texto 23) “Adorei este livro, é daqueles que quando acaba <u>apetece logo começar outra vez.</u> ” (Texto 12)
Resultado	“pelo que”	Orações conclusivas Orações gerundivas	“Além disso, é um livro que se encontra facilmente em formato digital, <u>pelo que vale sempre a pena tentar conhecê-lo.</u> ” (Texto 7)
Sumário	“enfim”; “resumindo”, “resumidamente”		“O pequeno Rudy com o cabelo cor de limão, vizinho e melhor amigo de Liesel, que quer ser igual a um atleta negro. Max, um judeu considerado como lixo, mas das melhores pessoas que encontramos neste livro. <u>Enfim, a necessidade de nos mantermos humanos mesmo nas piores condições, o poder curativo dos livros e das histórias que eles trazem, as diferenças existentes na altura entre a classe baixa e alta.</u> ” (Texto 12)
Reafirmação	“sim”; “tal como já disse”; “é isso”; “reitero”	Repetição de palavras do segmento anterior Palavras sinónimas	“Li este livro, de facto, de uma assentada, mas achei a história má... <u>Mesmo muito má!</u> ” (Texto 36) E por isso uma escrita que me agarrou, <u>que me prendeu.</u> (Texto 48)

Evidência			“Gosto muito da maneira de escrever desta autora, <u>até agora cada livro que leio vou ficando viciada na sua maneira de narrar as histórias que tão bem cria.</u> ” (Texto 19)
Condição		Oração Condicional	“Seria de perdoar a linha narrativa pobre <u>se a história tivesse mesmo piada, mas não tem realmente.</u> ”
Alternância		Orações copulativas disjuntivas	“Houve várias reviravoltas e queria sempre saber o que iria acontecer a seguir, como as personagens iriam reagir <u>ou como a história se iria desenrolar.</u> ”

Tabela 12: Elementos e estruturas linguísticos que marcam as relações retóricas

Acresce-se, ainda, que o recurso à coordenação é o preferencial, em detrimento da subordinação. Na coordenação, as coordenadas copulativas com a conjunção coordenativa “e” são as mais frequentes, com 263 ocorrências nas partes avaliativas. Daí a forte presença da Relação de Continuação nos textos analisados (160 ocorrências).

De assinalar que as coordenadas adversativas com a conjunção adversativa “mas” são também uma constante em frases que contêm apreciação, com 60 ocorrências. Ocorrem, também, embora em muito menor número, subordinadas adverbiais causais com “porque”, com 11 ocorrências. Se se tiver isso em consideração, percebemos que a inferência da relação de Explicação (refiro a título exemplificativo a relação de Explicação, mas este facto aplica-se a todas as RR anotadas) se faz muitas vezes sem a ajuda de nenhuma marcação lexical ou oracional que permita ao leitor detetar imediatamente a relação em causa.

Dessa forma, muitas vezes elas são inferidas com base noutras fontes de informação, como se viu na secção 2.3.. Efetivamente, a inferência das RR também é feita com base em fontes como: o conhecimento linguístico, onde estão incluídas a semântica lexical e a semântica composicional; e o conhecimento não linguístico, onde estão incluídos o conhecimento do mundo e o estado cognitivo dos falantes (Oliveira *et al.*, 2010: 279; Silvano, 2010: 198). Vejamos os dois fragmentos abaixo transcritos:

- (73) “Quando terminamos a leitura, não encontramos um final fechado. São deixadas muitas pontas soltas num final mais aberto do que estava à espera.” (Texto 1)
- (74) “Um livro com uma bonita história, com personagens fascinantes, e de leitura viciante. Gostei bastante.” (Texto 48)

No exemplo (73), observa-se que o segmento “são deixadas muitas pontas soltas num final mais aberto do que estava à espera” apresenta uma justificação para “não [encontrarmos] um final fechado” quando se termina a leitura do livro. Portanto, a RR presente neste segmento é a de Explicação. Já no exemplo (74), verificamos que o segmento “gostei bastante” estabelece uma relação de causalidade em relação a “Um livro com uma bonita história, com personagens fascinantes, e de leitura viciante”. Consequentemente, a segunda situação é uma consequência da primeira. Por isso, a RR aqui presente é a de Resultado.

Para melhor se perceber como foi feita a análise das RR, a secção seguinte apresenta um esquema detalhado.

5.4.4. Exemplo da estrutura retórica de um segmento avaliativo

O esquema abaixo representa a estrutura retórica de um dos segmentos avaliativos analisados no nosso estudo.

Avaliação



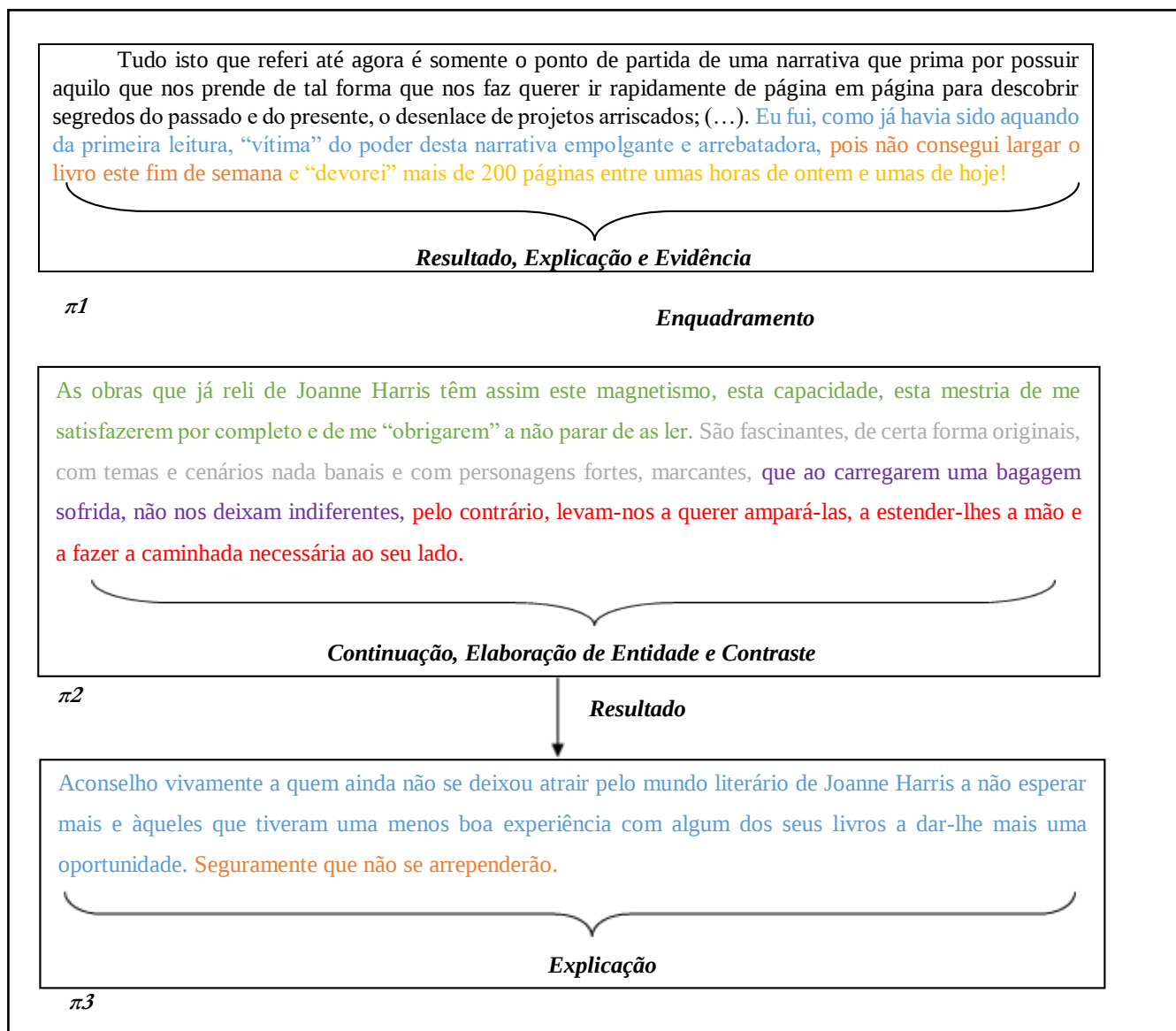


Figura 12: Estrutura retórica de um segmentos avaliativo do texto 17

Este esquema é ilustrativo da análise que fizemos para identificar as RR dos segmentos avaliativos do nosso *corpus*. Este segmento liga-se ao segmento anterior através da RR de Avaliação, dado que contém uma apreciação relativamente a diferentes aspetos relacionados com o livro escolhido pela autora da crítica para discussão. Dentro deste segmento, podemos observar que há diferentes níveis de análise das RR, ou seja, a extensão dos constituintes ligados pelas RR varia consoante os níveis de análise, chamemos-lhe macro e micro. Assim, no nível macro, podemos identificar três grandes constituintes que correspondem aos três parágrafos: o primeiro liga-se ao segundo pela RR de Enquadramento, dado que a crítica descreve o contexto em que leu o livro em causa, retomando as experiências de leitura que teve com livros da mesma autora, e o terceiro ao segundo pela relação de Resultado, na medida em que este constituinte

exprime uma consequência daquilo que é apresentado nos constituintes anteriores, ou seja, sendo o livro tão bom, ela recomenda-o. Dentro de cada um destes constituintes é possível fazer uma análise mais detalhada das RR a um nível micro.

Deste modo, no primeiro parágrafo (ou seja, no primeiro constituinte num nível macro), podemos identificar diferentes RR que ligam os constituintes marcados por cores diferentes: enquanto o constituinte a preto se liga ao constituinte “eu fui, como já havia sido aquando da primeira leitura, “vítima” do poder desta narrativa empolgante e arrebatadora” pela relação de Resultado, já que este segundo constituinte é uma consequência da primeira situação, o de cor azul liga-se ao constituinte “pois não consegui largar o livro este fim de semana” pela RR de Explicação, já que apresenta uma justificação por se sentir “vítima” do livro. O de cor laranja liga-se a “e “devorei” mais de 200 páginas entre umas horas de ontem e umas de hoje” pela relação de Evidência, porquanto esse constituinte fornece uma prova de que a locutora leu impulsivamente o livro.

No segundo parágrafo, o constituinte a verde liga-se ao constituinte “são fascinantes, de certa forma originais, com temas e cenários nada banais e com personagens fortes, marcantes” pela relação de Continuação, uma vez que o constituinte mantém o mesmo tema do constituinte anterior. O de cor cinza liga-se a “que ao carregarem uma bagagem sofrida, não nos deixam indiferentes” pela RR de Elaboração de entidade, visto que o constituinte apresenta uma caracterização das “personagens” introduzidas no primeiro constituinte, fornecendo informação adicional sobre essa mesma entidade. Por fim, o de cor roxa liga-se a “pelo contrário, levam-nos a querer ampará-las, a estender-lhes a mão e a fazer a caminhada necessária ao seu lado” pela relação de Contraste, por exprimir uma contradição relativamente à situação representada pelo primeiro constituinte, isto é, o leitor sente empatia pelas personagens.

No último parágrafo, o constituinte a azul liga-se ao constituinte “seguramente que não se arrependerão” pela relação de Explicação, na medida em que serve de justificação para a recomendação do livro.

5.5. Análise de Sentimento em segmentos avaliativos: o caso dos adjetivos e advérbios

A presente secção destina-se à análise de um conjunto de adjetivos e de advérbios que são relevantes para a determinação do sentimento dos segmentos avaliativos das apreciações críticas que constituem o nosso *corpus*.

Assim, começaremos por nos focar nalgumas características semânticas de todos os adjetivos que contribuem para o valor de sentimento dos segmentos avaliativos. De seguida, centramos a nossa atenção nas expressões advérbio+adjetivo que são essenciais para a definição da orientação de sentimento dos segmentos avaliativos. No estudo destas expressões, foi nosso objetivo: (i) caracterizar os adjetivos que contribuem para a expressão de opinião; (ii) determinar a polaridade⁴² primária dos adjetivos que compõem estas expressões; (iii) averiguar de que modo os advérbios podem, ou não, modificar a polaridade dos adjetivos com que se combinam.

5.5.1. Algumas características dos adjetivos

Nesta secção, faremos uma revisão de algumas características dos adjetivos que aparecem nos segmentos avaliativos que decidimos estudar e que contribuem para a expressão de sentimento. De referir que desta análise foram excluídos todos as ocorrências de adjetivos que surgiam em estruturas de negação por levantar problemas de natureza semântica que estão fora do escopo deste trabalho. Nos segmentos avaliativos das apreciações críticas que constituem o nosso *corpus*, num total de 3876 palavras, ocorrem 213 adjetivos, que representam 5,50% em relação ao número total de palavras. No total das ocorrências de adjetivos há 56 adjetivos diferentes, ocorrendo, portanto, alguns deles mais do que uma vez. Por exemplo, “bom” surge 4 vezes nos segmentos relevantes para análise.

Relativamente à subclasse dos adjetivos, apenas encontramos adjetivos qualificativos. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (75) “A *bela* escrita desta autora não me é novidade, mas devo frisar que esta história é sem dúvida muito *leve*, lê-se rapidamente e com prazer.” (Texto 32)
- (76) “Não contive as lágrimas na morte de Paca, como a morte desta é descrita, é *impossível* um leitor sensível ficar imune à descrição destes sentimentos, tão belos escritos.” (Texto 32)
- (77) “Gostei de ler este livro, houve com certeza ideias que poderiam ter sido mais trabalhadas, mas para um primeiro livro está muito bem, ainda por cima de uma autora *portuguesa*.” (Texto 14)
- (78) “*Os Pássaros de Seda* é um romance *muito feminino*. É também um romance *muito português*, recheado de tradições, paisagens da fabulosa região do Alto Alentejo, cheiros, sabores e personagens que nos fazem viajar no tempo.” (Texto 46)

⁴² Convém aqui informar que neste estudo usaremos os termos *avaliação*, *opinião* e *sentimento* de forma intercambiável.

O exemplo (75) ilustra a subclasse dos qualificativos, na linha de Veloso & Raposo (2013), já que “bela” e “leve” estão a atribuir uma propriedade a uma entidade e, além disso, são graduáveis. Não consideramos na nossa análise adjetivos que não contribuíam para a expressão de sentimento. Deixamos, portanto, por analisar adjetivos como “impossível” em (76), um adjetivo modal (com valor epistémico), ou “portuguesa” em (77), um adjetivo relacional. Note-se, no entanto, que incluímos na análise os adjetivos que sofrem recategorização. Por exemplo, “portuguesa” em (78) foi recategorizado de relacional (que não são graduáveis) para qualificativo, pois participa num contexto de uma construção de grau.

Para além da subclasse, foi identificada a sua função, isto é, se cumpre uma função predicativa ou atributiva e, tendo em consideração esta última, foi anotada a posição pré-nominal ou pós-nominal. Observemos a tabela que seguinte:

	Função predicativa	Função atributiva	
Posição dos adjetivos		<i>Pré-nominal</i>	<i>Pós-nominal</i>
Ocorrências	64	32	117

Tabela 13: Análise quantitativa de algumas características dos adjetivos em segmentos avaliativos

Notamos uma predominância da posição pós-nominal, em contraste tanto com a posição pré-nominal, quando com a função atributiva, representando 54,93% das ocorrências, ou seja, mais de metade. Esta preponderância da posposição ao nome não representa um resultado invulgar, pois já tinha sido notada por Rio Torto (2006: 106), que afirma que esta é a posição preferencial para os falantes do PE. Dito isto, os exemplos (79) e (80) atestam a diferença da função dos adjetivos (predicativa e atributiva, respetivamente), enquanto os exemplos (81) e (82) exemplificam a posição pré ou pós-nominal dos adjetivos com função atributiva:

- (79) “Fiquei tão extasiada e tão arrebatada com a sua opinião que, consciente ou inconscientemente, arrumei numa gavetinha pequenina do meu cérebro o facto de a obra ser de fantasia e de eu ser pouco adepta desse tipo de leituras.” (Texto 43)⁴³

⁴³ Observando os testes propostos por Bosque (1999) que distinguem adjetivos e participios passados, verificamos que “arrebata

1. a. *O João foi extasiado pela prenda que recebeu.
- b. O João foi arrebatado pela prenda que recebeu.

- (80) “Se juntarmos a tudo isto uma descoberta **importantíssima** temos os ingredientes **essenciais** para uma narrativa muito **prometedora**.” (Texto 45)
- (81) “No entanto, **bons** livros, muitos **bons** livros, exigem este tipo de atenção.” (Texto 40)
- (82) “São fascinantes, de certa forma originais, com temas e cenários nada **banais** e com personagens **fortes, marcantes**, que ao carregarem uma bagagem **sofrida**, não nos deixam indiferentes, pelo contrário, levam-nos a querer ampará-las, a estender-lhes a mão e a fazer a caminhada necessária ao seu lado.” (Texto 17)

5.5.1.2. Polaridade dos adjetivos

Para além de estudar o papel dos adjetivos no valor do sentimento dos segmentos avaliativos das apreciações críticas, interessou-nos também verificar qual a influência que os advérbios que modificam a intensidade⁴⁴ dos adjetivos têm. Nesse sentido, delimitamos a nossa análise de sentimento às categorias *Atitude* e *Graduação* (Martin & White, 2005)⁴⁵, ou seja, estudamos a expressão de opinião do locutor quanto a um determinado objeto veiculada por adjetivos e as possíveis mudanças na intensificação (ou redução) dessa uma determinada realizadas por advérbios.

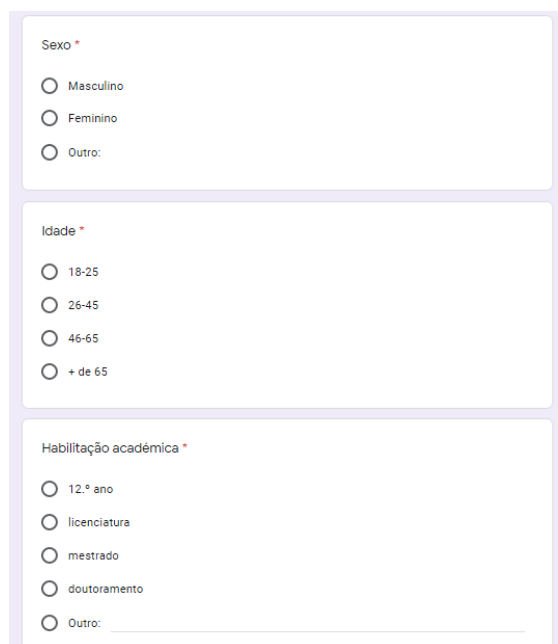
Para isso, selecionamos do nosso *corpus* as expressões em que os adjetivos analisados na secção anterior eram precedidos dos advérbios relevantes, ou seja, advérbios que pudessem alterar a intensidade da polaridade dos adjetivos. Seguindo estes critérios, compilamos 62 expressões, num total de 56 adjetivos (213 ocorrências com repetições) e 35 advérbios (62 ocorrências com repetições). De referir que não consideramos a ocorrência de multipalavras, isto é, “[sequências] de palavras que atuam como uma simples unidade em algum nível da análise linguística” (Calzolari *et al.*, 2002: 1934 *apud* Silva *et al.*, 2018a: 92) que englobam, por exemplo, expressões fixas, compostos nominais e construções verbo-partícula (Sag *et al.*, 2002: 191 *apud* Silva *et al.*, 2018a: 92) e que normalmente estão associadas a léxico especializado de um determinado (Silva *et al.*, 2018a: 92). Assim, excluímos desta análise casos como “literatura fantástica”.

-
2. a. *O João ficou extasiado completamente com prenda que recebeu.
b. # O João ficou arrebatado completamente com prenda que recebeu.
 3. a. O João está extasiado com prenda que recebeu.
b. O João está arrebatado com notícia que recebeu.

⁴⁴ O termo *intensidade* relaciona-se com a categoria *Graduação*, proposta no âmbito da *Appraisal Theory* (Martin & White, 2005), cf. 3.4.

⁴⁵ Cf. Secção 3.2. para informação relativamente a estas e a outra categoria, Compromisso, propostas no âmbito da *Appraisal Theory* (Martin & White, 2005).

De seguida, preparamos um questionário criado no *Google*⁴⁶, que foi respondido por 93 pessoas. No questionário, foi pedido aos informantes que dessem informações sociolinguísticas como o sexo, a idade e as habilitações académicas, como podemos verificar na figura seguinte:



The image shows a Google Forms interface with three sections. The first section is titled 'Sexo *' and has three radio button options: 'Masculino', 'Feminino', and 'Outro:'. The second section is titled 'Idade *' and has four radio button options: '18-25', '26-45', '46-65', and '+ de 65'. The third section is titled 'Habilitação académica *' and has five radio button options: '12.º ano', 'licenciatura', 'mestrado', 'doutoramento', and 'Outro:'. The 'Outro:' options have a text input field next to them.

Figura 13: Informações sociolinguísticas pedidas aos informantes

A este questionário responderam 44 homens e 49 mulheres e 79% das pessoas tinham uma idade compreendida entre os 18 e os 25 anos. Para além disso, 82% dos informantes tinham a licenciatura completa.

As questões eram sobre os valores dos adjetivos tomados isoladamente e das expressões advérbio+adjetivo, verificando, assim, a polaridade primária dos adjetivos e a polaridade resultante da combinação com os advérbios. A escala usada foi de -3, entendido como *fortemente negativo*, a 3, entendido como *fortemente positivo*. Na linha de Martin & White (2005), solicitamos a distinção entre negativo, neutro (zero), ou positivo, mas recorrendo a diferentes níveis de intensidade.

O questionário foi designado *Valor das palavras*, tendo sido pedido o seguinte aos informantes:

⁴⁶ Este inquérito obteve o parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Unidade de Proteção de Dados da U. Porto.

Partindo do significado das palavras abaixo atribua-lhes um valor de -3 a 3, em que -3 é muito negativo e 0 é neutro e 3 é muito positivo. Veja os exemplos:

- a. uma palavra como "repugnante" pode ter um valor -3;*
- b. uma palavra como "estudantil" pode ter um valor 0;*
- c. uma palavra como "formidável" pode ter um valor 3.*

Veja-se um exemplo do formato do questionário com perguntas de escolha múltipla⁴⁷:

⁴⁷ O questionário continha 134 perguntas de escolha múltipla, dado que, para além de perguntas relativas à polaridade primária dos adjetivos, incluía também questões sobre a polaridade dos advérbios. No entanto, apenas consideramos os resultados obtidos a partir de 72 respostas, devido à discrepância nas respostas dadas ao valor dos advérbios.

inteligente *

☐ -3

☐ -2

☐ -1

☐ 0

☐ 1

☐ 2

☐ 3

descritivo *

☐ -3

☐ -2

☐ -1

☐ 0

☐ 1

☐ 2

☐ 3

muito prometedora *

☐ -3

☐ -2

☐ -1

☐ 0

☐ 1

☐ 2

☐ 3

tão entusiasmante *

☐ -3

☐ -2

☐ -1

☐ 0

☐ 1

☐ 2

☐ 3

Figura 14: Configuração do questionário

Ressaltamos que temos consciência de que, apesar de considerarmos que 93 é um número relativamente significativo tendo em conta o contexto deste estudo, os dados precisariam de ser anotados por mais falantes, assim como serem anotados no contexto da frase, pois, como referem Silva *et al.*(2018a):

“... na determinação da intensidade da polaridade, é necessário ter em conta que, além do conhecimento linguístico e da competência textual dos potenciais anotadores e, de forma mais global, dos leitores, intervém o que poderíamos designar por conhecimento do

mundo e um sistema de crenças de natureza diversa, na base do que poderíamos discutir em termos da distinção entre uma polaridade mais subjetiva, dependente da ideologia ou da conceção do mundo do falante/ouvinte, e uma outra, mais universal/objetiva. Este sistema de crenças, socioculturalmente marcado, pode interferir na polaridade atribuída (cf., Li & Liu 2012: 128). A título de exemplo, consideremos o SN “pensamento conservador” (...). Embora o valor negativo seja claro no texto, é preciso ler o parágrafo e interpretar a ideologia económica do autor para lhe atribuir esse valor negativo. Noutro contexto ideológico, de índole mais conservadora e neoliberal, essa mesma frase nominal poderia eventualmente ter valor positivo.”

Silva *et al.* (2018a: 93)

Para além disso, sabemos que a extensão do questionário pode ter contribuído para um empenho menor por parte dos respondentes. Contudo, a metodologia adotada é, normalmente, a que é seguida em estudos no âmbito da AS quando se pretende determinar a orientação de sentimento de palavras ou expressões.

A tabela 15 contém os resultados da anotação de 62 expressões advérbio+adjetivo, realizada pelos 93 falantes: a média dos valores da polaridade do adjetivo tomado isoladamente e a média dos valores da polaridade da expressão advérbio+adjetivo (colunas 4 e 5, respetivamente). Para analisar de forma mais detalhada o papel do advérbio na mudança da polaridade do adjetivo, anotamos na coluna 6 as operações de mudança propostas por Trnavac *et al.* (2015)⁴⁸, no enquadramento da *Appraisal Theory* (Martin & White, 2005), a saber: (i) redução (RD) – verifica-se que a carga avaliativa da expressão opinativa se altera para um valor mais baixo; (ii) intensificação (I) – a carga avaliativa de uma expressão de opinião é alterada para um valor mais alto; (iii) reversão (R) – a carga avaliativa de uma expressão de opinião pode ser convertida ou de positiva para negativa ou de negativa para positiva; (iv) nenhuma mudança (NM) – a carga avaliativa de uma expressão de opinião não é alterada⁴⁹. Para anotar o tipo de operação de mudança de polaridade realizada, tivemos em conta a orientação de sentimento primária atribuída ao adjetivo isoladamente e depois o valor atribuído à expressão ADV+ADJ.

⁴⁸ Cf. secção 3.2. para mais informação sobre esta proposta.

⁴⁹ Faço notar que mesmo quando a mudança se mostrou mínima consideramos haver alteração de polaridade (veja-se a título de exemplo “deveras interessante”). Para além disso, consideramos polaridade neutra quando um advérbio ou adjetivo tem um valor entre -0,50 a 0,50.

De referir ainda que acrescentamos nesta tabela a informação relativamente à função do adjetivo e à subclasse do advérbio (coluna 2 e 3, respetivamente). Como foi referido na secção anterior, os adjetivos relevantes nesta análise são todos qualificativos, daí não termos colocado na tabela essa informação. No entanto, tendo ocorrido advérbios de subclasse diferentes – os quantificacionais e os modais –, na linha de Raposo (2013), decidimos fazer essa distinção na tabela.

ADV+ADJ	Função/ Posição do ADJ	Subclasse do ADV	Média do valor do ADJ	Valor Final ADV+ADJ	Operação de mudança
Mais aberto	Função atributiva, pós- nominal	advérbio quantificacional	1,15	1	RD
Um tanto ou quanto depressivo	Função predicativa	advérbio quantificacional	-1,94	-1,48	RD
Um pouco abrupto	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 0,67	- 1,24	I
Muito bom	Função predicativa/ Função atributiva, pós- nominal	advérbio quantificacional	1,91	2,18	I
Absurdamente caricaturadas	Função predicativa	Modo	0,53	- 1,85	R
Extremamente ricas	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,30	1,67	I
Muito emocionante	Função predicativa	advérbio quantificacional	2,33	2,36	I
Muito descontraída	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,67	1,67	NM
Deveras interessante	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,85	1,88	I
Bastante inteligente	Função predicativa	advérbio quantificacional	2,36	2,72	I
Bastante descritiva	Função predicativa	advérbio quantificacional	0,91	1,18	I
Muito descritiva	Função atributiva, pós- nominal	advérbio quantificacional	0,91	0,70	RD
Mais difícil	Função atributiva, pré- nominal	advérbio quantificacional	- 1	- 1,03	I
Um pouco cru	Função atributiva, pós- nominal	advérbio quantificacional	- 0,97	- 0,94	RD
Mais fácil	Função predicativa	advérbio quantificacional	0,94	1,79	I

(mais ou) menos interessantes	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,85	1,64	RD
Muito poética	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,67	1,38	RD
Tão assolapada	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	- 0,58	- 0,42	RD
Tão transcendental	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,42	1,06	RD
Extremamente sensível	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,24	0,79	RD
Muito leve	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,15	1,24	I
Tão belos	Função atributiva, pré-nominal	advérbio quantificacional	2,21	1,94	RD
Bastante fraco	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	- 1,55	- 2,61	I
Mesmo muito má	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 2,21	- 2,76	I
Realmente boa	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,91	2,09	I
Demasiado simples	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,18	- 0,36	R
Mais original	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,73	1,54	RD
Mais surpreendente	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,94	1,44	RD
Muito “cinematográfico”	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	2,27	0,70	RD
Tão previsível	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	- 0,15	- 0,73	I
Tão desenxabida	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	- 0,97	-1,48	I
Um pouco dura	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 0,18	- 1,06	I
Muito elevado	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	0,88	0,99	I
Tão certa	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,40	1	RD

Deliciosamente arrepiante	Função predicativa	Modo	- 0,18	1,89	R
Completamente deslumbrada	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,67	2,30	I
Mais escabrosos	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 1,52	- 1,27	RD
Tão extasiada	Função predicativa	advérbio quantificacional	0,88	0,97	I
Tão arrebatada	Função predicativa	advérbio quantificacional	0,21	0,48	I
Pouco adepta	Função predicativa	advérbio quantificacional	0,88	- 0,67	R
Muito positivas	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,76	1,91	I
Muito encorajadoras	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,86	1,48	RD
Muito prometedora	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,36	1,67	I
Tão entusiasmante	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	2,15	2	RD
Muito goradas	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 0,39	- 1	I
Bastante rebuscada	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	- 0,15	- 0,52	I
Muito feminino	Função predicativa	advérbio quantificacional	0,33	0,64	I
Muito português	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,21	0,87	RD
Realmente enigmática	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,21	1,03	RD
Enganadoramente simples	Função predicativa	Modo	1,18	- 0,18	R
Muito especial	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,97	0,58	RD
Mais do que evidentes	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	0,45	1,89	I
Incrivelmente melhores	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,76	2	I
Mais apetitosas	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	2,06	1,91	RD
Mais deprimida	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	-1,82	- 2	I
Menos enfadonho	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 1,88	0,42	R

Algo exagerada	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 1,06	- 0,79	RD
Muito boas	Função predicativa	advérbio quantificacional	1,91	2,18	I
Algo extenso	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	- 0,64	- 0,76	I
Bastante interessante	Função atributiva, pós-nominal	advérbio quantificacional	1,85	2,19	I
Algo maçudos	Função predicativa	advérbio quantificacional	- 1,67	- 1,52	RD

Tabela 14: Grelha com os resultados da análise de expressões advérbio+adjetivo

Os resultados desta análise motivam a algumas observações. Quanto aos advérbios, notamos a presença de apenas 3 advérbios de modo e 59 advérbios quantificacionais. Seleccionamos dois exemplos para cada uma das subclasses registadas.

- (83) “Porque sabia que ia ser **deliciosamente arrepiante** dividir a escuridão com esta pequena estória, “*em concha e aconchego, como se dois mundos, nessas gotas de negrume, fossem um só.*” (pág. 25).” (Texto 43)
- (84) ““Papei” a obra em menos de 24 horas sobretudo porque a sua narrativa me envolveu desde o início, por ser realmente enigmática, misteriosa e **enganadoramente simples**.” (Texto 47)
- (85) “Uma leitura **bastante interessante**, mas que não me ficará gravada na memória como ficou *Expição*.” (Texto 49)
- (86) “Todas as personagens são **extremamente ricas** e bem constituídas.” (Texto 12)

Os exemplos (83) e (84) são exemplos de advérbios de modo, enquanto os exemplos (85) e (86) são exemplos de advérbios quantificacionais, pertencentes à classe semântica geral dos quantificadores.

Mais, nestas expressões, ocorrem 29 adjetivos com uma função atributiva, aparecendo apenas 2 exemplos numa posição pré-nominal (cf. (87) e (88)) e 27 numa posição pós-nominal (cf. (89) e (90)).

- (87) “Outra coisa que torna a trama de **mais difícil compreensão** é o registo de diário: Alexandre escreve para Elisa e Elisa escreve para Alexandre, mas depois escreve para a sua mãe e depois para a Lua, noutra ocasião escreve como se fosse o seu pai...” (Texto 22)
- (88) “Foram essas 130, 135 páginas que redimiram a leitura, pois, apesar de constituírem menos de metade do livro, chegam, são suficientes para sentir-me bem e realizada no final de uma trilogia que abre com um **muito bom livro** (...).” (Texto 49)

- (89) “Uma leitura **bastante interessante**, mas que não me ficará gravada na memória como ficou **Expição**.” (Texto 50)
- (90) “Talvez esteja a transmitir, com aquilo que escrevi até aqui, **uma ideia algo exagerada** (vejam lá como fico quando tenho que “lidar” com assuntos filosóficos ou religiosos que nada trazem para a minha vida...).” (Texto 49)

Para além disso, considerando apenas as expressões advérbio+adjetivo surgem 33 adjetivos que cumprem uma função predicativa. Podemos dar como exemplo os seguintes trechos:

- (91) “Sendo assim, o sentimento que me domina neste momento é de frustração e alguma revolta. Porque queria mais, porra! “Papei” a obra em menos de 24 horas sobretudo porque **a sua narrativa** me envolveu desde o início, por **ser realmente enigmática, misteriosa e enganadoramente simples**.” (Texto 47)
- (92) “Fiquei tão extasiada e tão arrebatada com a sua opinião que, consciente ou inconscientemente, arrumei numa gavetinha pequenina do meu cérebro o facto de **a obra ser de fantasia e de eu ser pouco adepta desse tipo de leituras**” (Texto 44)

A expressão “muito bom” apresenta duas funções no nosso *corpus*: a predicativa e a atributiva. Observem-se dois exemplos retirados dos dados analisados:

- (93) “Foram essas 130, 135 páginas que redimiram a leitura, pois, apesar de constituírem menos de metade do livro, chegam, são suficientes para sentir-me bem e realizada no final de uma trilogia que abre com **um muito bom livro**, que segue com outro mediano e que fecha com outro ligeiramente melhor do que o seu antecessor.” (Texto 49)
- (94) “**O final é muito bom** e leva-nos a pensar em tudo o que se passou ao longo do livro.” (Texto 8)

No primeiro exemplo, o adjetivo tem uma função atributiva, aparecendo anteposto ao nome. Por seu turno, no segundo exemplo, o adjetivo assume a função predicativa.

Quanto à questão da polaridade, em termos globais, verificamos que, tendo em conta os valores que os falantes atribuem aos adjetivos isoladamente e à expressão advérbio+adjetivo, os advérbios têm um efeito determinante na marcação da polaridade das expressões que articulam as duas classes gramaticais. Vejam-se os três exemplos abaixo, cujas expressões são transcritas integralmente na frase:

- (95) “Não são só as imprecisões científicas (conceitos como “norte-sul” ou “cima-baixo” no espaço não fazem absolutamente sentido nenhum, só para dar o exemplo mais gritante

- dessas imprecisões), mas todo o conceito narrativo é fraco, as personagens são planas e **absurdamente caricaturadas...**” (Texto 36)
- (96) “Porque queria mais, porra! “Papei” a obra em menos de 24 horas sobretudo porque a sua narrativa me envolveu desde o início, por ser realmente enigmática, misteriosa e **enganadoramente simples.**” (Texto 47)
- (97) “O final também foi **muito emocionante** e das melhores partes do filme.” (Texto 12)

Nos três casos ilustrados, observamos a influência que o advérbio tem na determinação da polaridade. Em (95), os falantes atribuem um valor positivo ao adjetivo (0,53), contudo, a expressão com o advérbio é avaliada com um valor de -1,85. Em (96), à expressão “enganadoramente simples” é dado um valor neutro, que ronda os 0 valores (-0,18), parecendo ter havido novamente a influência do valor do advérbio, dado que o valor do adjetivo é de 1,18. Contudo, verificamos também exemplos em que o advérbio parece não alterar significativamente o valor atribuído ao adjetivo isoladamente. Por exemplo, em (97), o valor que é atribuído ao adjetivo isoladamente⁵⁰ é de 2,33, enquanto à expressão “muito emocionante” é 2,36, o que resulta estranho.

De facto, relativamente à anotação de polaridade dos adjetivos e da expressão advérbio+adjetivo, alguns dos resultados do inquérito mostram-se problemáticos⁵¹, na medida em que o valor de sentimento atribuído à expressão parece não ter em conta o valor intensificador ou mitigador do advérbio, na linha de Taboada *et al.* (2011). Vejam-se alguns exemplos ilustrativos, nos quais anotamos o tipo de mudança operada segundo os resultados do questionário:

- (98) “A história é-nos contada da perspectiva de Aleksei Ivánovitch, um jovem perceptor para a família do general, que se diverte com tudo o que se passa em torno desta família, tornando a narrativa **muito descontraída.**” (Texto 13) – **Nenhuma Mudança**
- (99) “As vivências com os seus avós que, como é óbvio, abrem uma saudade em mim que nunca se esfumará, tocaram-me e fizeram-me sentir ainda mais próxima deste autor que já ocupa um cantinho **muito especial** nas minhas preferências.” (Texto 48) - **Redução**
- (100) “Acho apenas que, com uma premissa **tão entusiasmante,** as minhas expectativas saíram muito goradas e não encontrei em *Corações de Pedra* aquilo que já encontrei em outras obras dedicadas à temática e que me maravilharam.” (Texto 45) - **Redução**
- (101) “E soube de imediato, com aquela certeza **tão certa** que de vez em quando me inunda, que teria que mergulhar nesta escuridão bonita debaixo dos cobertores, com apenas um ponto de luz e rodeada de negrura e silêncio.” (Texto 43) - **Redução**

⁵⁰ Para esta contabilização aceitamos uma margem de erro numa escala até 0,10 em termos de polaridade.

⁵¹ Os exemplos da Tabela 14 que aparecem a cinzento são os casos problemáticos com que nos deparamos.

- (102) “(...) Ian McEwan – um criador de histórias onde reinam as frases curtas, limpas de floreios e enfeites, que, condensadas em capítulos algo extensos, nos põem a nu o mais variado leque de emoções que compõem um ser humano.” (Texto 50) - **Intensificação**

Tendo em conta o estudo realizado por Taboada *et al.* (2011) para o inglês, advérbios como “muito” e “tão” comportam-se como *intensifiers* (intensificadores), ou seja, quando combinada com estes advérbios a polaridade da expressão muda para um valor mais alto, enquanto “algo” se comporta como um *downtoner* (mitigador), isto é, o valor de sentimento da expressão altera-se para um valor mais baixo por estar combinado com este advérbio.⁵² No entanto, observando os exemplos acima, verificamos que os falantes parecem ter tido diferentes critérios para a atribuição que deram ao valor de polaridade das expressões. Nesse sentido, os advérbios presentes nos exemplos (98)-(101) deveriam provocar uma intensificação da polaridade (Trnavac *et al.*, 2015) do adjetivo em vez da redução ou de nenhuma alteração na polaridade tal como atribuído pelos 93 informantes. O mesmo acontece com “algo” no exemplo (102), em que se esperaria que houvesse redução da polaridade, ao invés da intensificação anotada pelos informantes. De facto, não temos uma explicação definitiva para esta questão, mas pensamos que o inquérito realizado era efetivamente muito extenso, tendo afetado a determinada altura o discernimento dos falantes. Para além disso, uma outra hipótese está relacionado com o facto de alguns adjetivos poderem ser interpretados de forma diferente pelos falantes, dependendo das suas crenças, das experiências e do conhecimento do mundo de cada indivíduo, tal como referido por Silva *et al.* (2018a: 93).

A tabela 15 sistematiza os resultados duma análise mais detalhada em termos do tipo de operação de mudança realizada⁵³:

Operações de mudança da polaridade⁵⁴	Expressão ADV+ADJ
Redução	8
Intensificação	29
Reversão	6
Nenhuma mudança	0

⁵² Para mais informação sobre estudos feitos sobre este tópico cf. Taboada *et al.* (2011).

⁵³ Na tabela 15, optamos por não fazer a contabilização dos casos problemáticos destacados na tabela 14. Analisamos, nesse sentido, 43 expressões ADV+ADJ.

⁵⁴ Para anotar o tipo de operação de mudança de polaridade realizada, tivemos em conta a orientação de sentimento primária atribuída ao adjetivo isoladamente e depois o valor atribuído à expressão ADV+ADJ.

Tabela 15: Contagem de ocorrências de operações de mudança da polaridade em expressões advérbio+adjetivo

Os dados apresentados na tabela mostram que, de facto, os advérbios em análise realizam sobretudo operações de intensificação do valor do adjetivo (67,44%), em detrimento da redução da polaridade dos adjetivos (18,61%), da reversão (13,95%) e da não-alteração de polaridade (0%).

Estas conclusões podem ser verificadas nos exemplos seguintes.

- (103) “São-nos apresentados inúmeros personagens, que giram à volta da protagonista, Quina (a dita "sibila"), a maioria familiares desta, e sobre os quais se contam episódios **(mais ou) menos interessantes** mas que nunca chegaram a ser suficientemente desenvolvidos para me prenderem a atenção.” (Texto 24)
- (104) “A intenção da história seria ser uma sátira ao Código Da Vinci (ou não), possivelmente numa toada humorística, contudo acho o resultado final **bastante fraco.**” (Texto 34)
- (105) “Não são só as imprecisões científicas (conceitos como "norte-sul" ou "cima-baixo" no espaço não fazem absolutamente sentido nenhum, só para dar o exemplo mais gritante dessas imprecisões), mas todo o conceito narrativo é fraco, as personagens são planas e **absurdamente caricaturadas...**” (Texto 36)

O exemplo (103) ilustra um caso de redução da polaridade, dado que o valor do advérbio vem mitigar o valor do adjetivo (1,85), resultando numa expressão conjunta com um valor mais baixo do que o valor do adjetivo (1,64). O exemplo (104) apresenta um caso intensificação da polaridade, dado que o advérbio vem acentuar o valor do adjetivo (-1,55), resultando numa expressão conjunta com um valor mais alto do que o valor do adjetivo (-2,61). O exemplo (105) apresenta uma reversão da polaridade, dado que o advérbio reverte o valor do adjetivo de positivo para negativo.

5.6. Interação entre a análise de sentimento e as relações retóricas: o caso da relação de contraste

Como vimos na secção 3.5., têm sido várias as investigações que tentam perceber em que medida as RR afetam a avaliação contida num segmento ou, até, num texto (Asher *et al.*, 2009; Taboada *et al.*, 2009, 2011; Taboada & González, 2012; Trnavac & Taboada, 2012, 2014; Trnavac *et al.*, 2015). Nesta secção final, pretendemos também contribuir para esse estudo investigando o papel da relação de Contraste na polaridade da frase e, numa análise mais minuciosa, na polaridade dos adjetivos. Escolhemos a relação de Contraste por ter uma função

importante nos segmentos avaliativos da apreciação crítica, tal como demonstrado na secção 5.2.4.3..

Nesse sentido, relativamente ao parâmetro da mudança de polaridade das frases, averiguamos como a expressão de opinião de um constituinte muda devido ao facto de estar ligada a outro constituinte pela relação de Contraste. Para fazer esta análise, primeiramente anotamos o valor das frases em análise segundo novamente as operações de mudança de polaridade propostas por Trnavac *et al.* (2015), pedindo a colaboração de mais três falantes nativos do PE⁵⁵ para confirmar a nossa anotação. Quanto ao parâmetro de mudança da polaridade dos adjetivos, quisemos aferir se os adjetivos mudam de polaridade por ocorrerem num constituinte que está ligado a outro pela relação de Contraste. Para isso, adotamos o mesmo procedimento da análise feita no âmbito da polaridade das frases, ou seja, depois de verificada a orientação de sentimento primária dos adjetivos (positivo, negativo ou neutro), anotamos o tipo de operação de mudança, confirmada pelos três falantes já referidos.

5.6.1. Papel da relação de Contraste na polaridade das frases

Nesta secção, tal como já referido, investigamos os efeitos e as consequências que a relação de Contraste pode ter na mudança de polaridade das frases presentes nos fragmentos de texto que contêm apreciação.

Deste modo, consideramos 60 frases nas quais está presente a relação de Contraste em contextos opinativos/avaliativos marcada pelo conector “mas”⁵⁶, de modo a verificar a possibilidade desta RR provocar alterações no valor de sentimento da frase (Martin & White, 2005). Para isso, recorreremos, novamente, às operações de mudança propostos por Trnavac *et al.* (2015): (i) redução; (ii) intensificação; (iii) reversão; (iv) nenhuma mudança.

A tabela 16 apresenta os resultados desta análise tendo em conta os diferentes valores de “mas”⁵⁷:

Valores do conector “mas”	Redução	Intensificação	Reversão	Nenhuma mudança
---------------------------	---------	----------------	----------	-----------------

⁵⁵ Agradecemos a colaboração e o apoio do Carlos Silva, da Tatiana Silva e do Tiago Dias na anotação dos parâmetros da mudança de polaridade, baseados em Trnavac *et al.* (2015).

⁵⁶ Para esta análise selecionamos apenas o conector “mas” por ser o mais frequente na nossa análise e por ser o conector que apresenta valores semânticos distintos, conforme vimos na secção 5.2..

⁵⁷ Para rever as diferenças entre os diferentes conectores que marcam a relação de Contraste, veja-se a análise feita na secção 5.4.2.3..

Contra-argumentativo	-----	16	27	2
Refutativo	-----	-----	3	-----
Fático	-----	2	5	4
Correlativo	-----	-----	-----	1

Tabela 16: Mudança de polaridade dos constituintes ligados pela relação de Contraste

Através dos dados expostos na tabela, verificamos a saliência da operação de reversão (35) em contextos em que o conector é contra-argumentativo, refutativo e fático, seguida da intensificação (18) em contexto contra-argumentativos e fáticos.

Vejam agora as frases abaixo que representam alguns exemplos ilustrativos dos casos que acabamos de mostrar na tabela 16.

O exemplo (106) ilustra os casos em que há a intensificação da polaridade do constituinte que se liga a outro pela relação de Contraste, dado que a polaridade do primeiro constituinte, grafado a itálico, é modificada para um valor mais alto na escala de valores negativos, devido ao segundo constituinte da RR.

- (106) “*Uma autora muito descritiva*, mas que cada descrição é uma verdadeira poesia, que me leva a ficar presa nas suas histórias sempre fabulosas.” (Texto 19) - Contra-argumentativo

Os exemplos (107) e (108) representam os exemplos em que não há qualquer mudança de polaridade.

- (107) “A *achei [sic] impressionante como Rosa Lobato de Faria conseguiu criar uma personagem que vive duas guerras, o Estado Novo, o 25 de Abril, enfim, tantas transformações na sociedade, e como esta manifesta os seus pensamentos e através destes, a autora conseguiu criar críticas (o exemplo de que a mulher era vista como um ser não produtivo e não pensante)*. Mas o que mais causou impacto no meu ser, foi o amor entre Camilla e a sua ama cigana/espanhola e como este, apesar de Camilla ter amado muito na sua vida, Paca (a ama), foi o amor mais forte, mais belo, mais puro.” (Texto 32) – Fático
- (108) “*Não são só as imprecisões científicas (conceitos como "norte-sul" ou "cima-baixo" no espaço não fazem absolutamente sentido nenhum, só para dar o exemplo mais gritante dessas imprecisões)*, mas todo o conceito narrativo é fraco, as personagens são planas e absurdamente caricaturadas...” (Texto 36) – Correlativo

A escassez de frases que representam este tipo de mudança de polaridade, ou melhor, de ausência de mudança, pode considerar-se natural, tendo em conta, uma vez mais, a natureza de “mas” que é, tal como assere Fonseca (2001: 15), a “construção do sentido e da força

persuasiva do discurso” que tipicamente marca uma posição contrária do locutor face à informação que é dada anteriormente.

A alteração da polaridade que se verifica nos exemplos (109)-(112) é ilustrativa de situações em que há reversão da polaridade da frase principal.

- (109) “*Não me conquistou, mas vale pena [sic] bela escrita em Português.*” (Texto 28) – Contra-argumentativo
- (110) “*Uma obra que não consegue conquistar o grande público da literatura rápida mas que tem os seus leitores assíduos, aqueles que gostam de parar para pensar e ficar com um pouco da mensagem que uma história tem para passar.*” (Texto 29) – Contra-argumentativo
- (111) “*Não morro de amores por obras como O rapaz de olhos azuis (o seu romance menos conseguido, na minha opinião), Valete de copas e dama de espadas ou Sapatos de Rebuçado (que fica muito aquém do seu antecessor –Chocolate). Mas o que nestes peca, sobressai em doses generosas de entusiasmo, originalidade e tramas emocionantes nas duas obras que reli este ano e que me provocam aquele frenesim de não querer parar as releituras, apesar de a minha estante me tentar com mais de duas mãos cheias de leituras novas!*” (Texto 17) – Fático
- (112) “*Perde um pouco a dinâmica mais para o final, mas sem dúvida termina com um final engraçado e algo inesperado!*” (Texto 33) - Refutativo

Efetivamente, a reversão é a operação de mudança de polaridade mais proeminente nas frases com a relação de Contraste presente nos segmentos avaliativos das apreciações críticas do nosso *corpus*, nomeadamente, quando o valor do conector é contra-argumentativo, como observável na tabela 16. Estes resultados parecem-nos coerentes tendo em conta que a contra-argumentação, além de ser o valor prototípico de “mas”, é o método mais produtivo em contextos argumentativos (Amaro, 2010: 72/86).

A tabela abaixo dá conta dos tipos de mudança que ocorrem dentro do valor de reversão, ou seja, de positivo para negativo ou negativo para positivo.

Reversão	Positivo → Negativo	Negativo → Positivo
Ocorrências	20	15

Tabela 17: Tipo de reversão causada pela relação de Contraste

A tabela 17 mostra que as diferenças entre o tipo de alteração que a reversão pode provocar não são significativas, sendo mais frequente a reversão da polaridade positiva para negativa. Os exemplos (113) e (114) ilustram estas ocorrências:

- (113) “Isto normalmente não me assusta nem desanima, *mas* depois de passar as primeiras 100 páginas a reler várias vezes algumas frases que permaneceram incompreensíveis (...) e a ter a sensação de que a autora terá ido procurar ao dicionário palavras menos comuns para dar um ar erudito à sua prosa, achei que não valia o esforço.” (Texto 24)
- (114) “Isto parece romance de cordel, *mas* está contado de forma engraçada e aceitável.” (Texto 30)

Se por um lado o exemplo (113) é exemplificativo dos casos em que há a reversão da polaridade positiva para negativa, ou seja, “isto normalmente não me assusta nem desanima” tem uma polaridade positiva, que é alterada no contexto da RR de contraste. Por outro lado, o exemplo (114) representa um caso em que há a reversão da polaridade negativa para a positiva. Enquanto “isto parece romance de cordel” apresenta um valor negativo, revertido pela RR de contraste.

5.6.2. Papel da relação de Contraste na polaridade dos adjetivos

À semelhança da secção anterior, nesta última secção, tentamos perceber de que maneira a força e a polaridade dos adjetivos é alterada por estarem inseridos num constituinte que se liga a outro pela relação de Contraste. Importa esclarecer, antes da análise que iremos agora expor, que não foram considerados os adjetivos que aparecem em estruturas com negação ou que são precedidos por advérbios que influenciam a sua polaridade. Assim, foram considerados 10 adjetivos em 7 frases ligadas pela relação de Contraste.

Na tabela 18, mostramos os adjetivos, a sua função, a sua posição no caso de terem função atributiva, a sua polaridade (positiva, negativa ou neutra) enquanto *prior word* atribuída pelos 93 informantes que responderam ao nosso questionário e, por fim, o tipo de mudança operada na polaridade do adjetivo quando ocorre num constituinte ligado a outro pela relação de Contraste, anotada por quatro falantes.

Adjetivo	Posição do ADJ	Polaridade primária	Tipo de mudança
Bom	Predicativa	Positivo	Nenhuma mudança
Verdadeiro	Atributiva, pré-nominal	Positivo	Nenhuma mudança
Fabuloso	Atributivo, pós-nominal	Positivo	Nenhuma mudança
Belo	Atributiva, pré-nominal	Positivo	Nenhuma mudança
Fluído	Atributiva, pós-nominal	Negativo ⁵⁸	Reversão
Elaborado	Atributiva, pós-nominal	Positivo	Nenhuma mudança

⁵⁸ De notar que quer o adjetivo “fluído”, quer “elaborado” podem ter dois valores primários, positivo e negativo, dependendo da sua aceção. No exemplo (118), “fluído” tem uma aceção com valor negativo e “elaborado” tem uma aceção com um valor positivo.

Mau	Predicativa	Negativo	Nenhuma mudança
Fraco	Predicativo	Negativo	Nenhuma mudança
Plano	Predicativa	Negativo	Nenhuma mudança
Custoso	Predicativa	Negativo	Nenhuma mudança

Tabela 18: Análise dos adjetivos em constituintes ligados pela relação de Contraste

Para melhor se perceber os dados expostos na tabela 18, apresentamos abaixo os contextos em que estes adjetivos surgem:

- (115) “*Não foi uma completa surpresa, mas mesmo assim foi bom.*” (Texto 8)
- (116) “*Uma autora muito descritiva, mas que cada descrição é uma verdadeira poesia, que me leva a ficar presa nas suas histórias sempre fabulosas.*” (Texto 19)
- (117) “*Não me conquistou, mas vale pena [sic] bela escrita em Português.*” (Texto 28)
- (118) “*Com uma escrita **fluida** [sic] mas elaborada, José Eduardo Agualusa destaca-se sempre pela sua forma explicativa dos factos.*” (Texto 29)
- (119) “*Li este livro, de facto, de uma assentada, mas achei a história má... Mesmo muito má!*” (Texto 36)
- (120) “*Não são só as imprecisões científicas (conceitos como "norte-sul" ou "cima-baixo" no espaço não fazem absolutamente sentido nenhum, só para dar o exemplo mais gritante dessas imprecisões), mas todo o conceito narrativo é fraco, as personagens são planas e absurdamente caricaturadas...*” (Texto 36)
- (121) “*Sei que são necessários para a construção da protagonista e do contexto da narrativa, mas confesso que me foram custosos.*” (Texto 50)

Observando os dados e os resultados da análise, podemos concluir que na maior parte dos casos o facto de o adjetivo ocorrer num constituinte ligado a outro pela relação de Contraste não modifica a sua polaridade primária. Na verdade, esta constatação é contrária aos resultados do estudo de Trnavac *et al.* (2015), que investigaram o comportamento de RR diversas no que diz respeito à mudança da polaridade primária de classes de palavras distintas. De facto, as autoras observaram que as relações de Reafirmação, Evidência e Concessão provocam mudanças de polaridade das palavras avaliativas. Nos dados que recolhemos do nosso *corpus*, que são manifestamente em número muito reduzido, o único caso em que há mudança de polaridade do adjetivo é o do exemplo (118), em que o valor negativo do adjetivo “fluído” parece ser alterado para positivo pela combinação com um constituinte que veicula uma relação de Contraste. A única diferença significativa reside no facto de este adjetivo ocorrer no primeiro constituinte da relação de Contraste, ou seja, no núcleo na proposta de Mann & Thompson (1987), enquanto os restantes adjetivos surgem no segundo constituinte, ou seja, no satélite. De facto, Trnavac *et al.* (2015) observaram no seu estudo que a alteração das palavras avaliativas

é mais frequente quando ocorrem no núcleo da RR. Estas observações teriam necessariamente de ser confirmadas por mais dados, de que não dispomos nesta altura.

5.7. Sumário

Ao longo deste capítulo, preocupamo-nos em fazer uma análise de um *corpus* que permitisse contribuir para a caracterização do género apreciação crítica e, em particular, de livros. Para que tal fosse possível, recorremos a propostas teóricas e conceitos que revimos ao longo dos quatro primeiros capítulos.

Em primeiro lugar, fizemos uma descrição geral do *corpus*, que é constituído por 50 textos de apreciação crítica recolhidos de 2 blogues e 1 *site* portugueses, a saber: (i) *O sabor dos meus livros* e *Mente literária* e (ii) *Goodreads*. Depois descrevemos de forma detalhada o percurso metodológico.

Após esta primeira fase, seguindo a proposta de Bronckart (1996), tivemos como objetivo a análise global do nosso *corpus*, tendo em conta as condições de produção subjacentes aos textos analisados e sua composicionalidade, isto é, os elementos que compõem as condições de produção e os aspetos que são objeto de apreciação.

Na terceira fase deste capítulo, tendo em vista a caracterização das RR presentes nos segmentos avaliativos dos textos, definimos as RR relevantes para o nosso estudo,. Seguidamente, fez-se uma contabilização destas RR no *corpus* (578), destacando e exemplificando as RR mais proeminentes: as relações de Continuação, de Explicação e de Contraste. Damos especial atenção a esta última RR, observando os conetores que marcam esta RR e, subsequentemente, fazendo um estudo semântico destes conetores. Para além disso, apontamos as estruturas e elementos linguísticos que marcam as RR, ilustrando com alguns exemplos, mas também casos em que a inferência da RR se dá tendo em consideração outras fontes de conhecimento, tais como o conhecimento não-linguístico (Oliveira: *et al.*, 2010; Silvano, 2010). Por último, apresentamos um exemplo para ilustrar como foram anotadas as RR de um segmento avaliativo de uma apreciação crítica.

Relativamente ao que à AS diz respeito, num primeiro momento, identificamos os adjetivos que contribuem para a expressão de opinião nos segmentos avaliativos das apreciações críticas do nosso *corpus* e começamos por analisar algumas das características, nomeadamente relativamente à sua função e posição.

Num segundo momento, circunscrevemos a análise às expressões em que os referidos adjetivos são precedidos de advérbios que podem alterar a sua polaridade. Seguidamente, apresentamos os resultados de um questionário *online* feito a 93 falantes para determinar a polaridade dos adjetivos e a força que o advérbio pode ter na determinação da polaridade desta expressão.

Na última secção, expusemos os resultados da análise do papel da relação de Contraste na polaridade da frase e, em segundo, o papel da relação de Contraste na polaridade do adjetivo.

Conclusão

Com a plena consciência de que muito ficou por dizer e de que são possíveis outras abordagens ao problema, dependendo do enquadramento teórico adotado (que manifestam resultados igualmente válidos e importantes), apresentaremos, em seguida, algumas conclusões que derivam diretamente da análise que acabamos de fazer, finalizando com algumas sugestões para trabalhos futuros.

Consideramos que a realização do presente estudo, que apresenta não só conteúdos teóricos, com referência a dados obtidos anteriormente, como também apresenta uma parte empírica, permitiu-nos contribuir para a caracterização semântica do gênero apreciação crítica, especificamente, de livros, nomeadamente, naquilo que se refere aos segmentos avaliativos, ou seja, à parte das apreciações críticas em que é feita avaliação do objeto. Pensamos ainda que este estudo permitirá também fazer um pequeno contributo para o aprofundamento do conhecimento sobre algumas propriedades semânticas das relações retóricas, dos adjetivos e dos advérbios em PE, assim como enriquecer a investigação na área da análise de sentimento.

Assim, o principal objetivo deste estudo foi o de investigar diferentes propriedades semânticas dos segmentos avaliativos das apreciações críticas de livros, a saber propriedades referentes às relações retóricas, aos adjetivos e advérbios.

Tratando-se de uma investigação semântica que abrangeu diversos tópicos, foi necessário descrever alguns conceitos e propostas relacionados com os problemas que foram objeto de pesquisa neste trabalho. Deste modo, começamos por averiguar o que é referido sobre o gênero textual apreciação crítica, sobre as relações retóricas, sobre a análise de sentimento e sobre os adjetivos e advérbios. Só depois iniciamos a análise do *corpus*, que passou pelas seguintes etapas:

- i. Identificação das condições de produção, infraestrutura textual e elementos das apreciações críticas;
- ii. Segmentação das partes que contêm apreciação, isto é, juízos/opiniões sobre o objeto em apreciação;
- iii. Identificação dos objetos de apreciação: escritora, obra da escritora, livro, história, personagens, escrita, entre outros;
- iv. Identificação das RR nesses segmentos avaliativos;
- v. Identificação dos adjetivos que fazem apreciação nos segmentos avaliativos;

- vi. Caracterização de todos adjetivos que fazem avaliação presentes nos segmentos de apreciação delimitados (subclasses, função predicativa/ atributiva, posição pré/pós-nominal);
- vii. Identificação das expressões com advérbio+adjetivo nos segmentos avaliativos;
- viii. Nas expressões advérbio+adjetivo, identificação dos valores de sentimento dos adjetivos e da combinação advérbio+adjetivo através de um questionário;
- ix. Determinação do papel dos advérbios na mudança de polaridade dos adjetivos;
- x. Análise do papel da relação de Contraste na mudança de polaridade nas frases em que ocorre e dos adjetivos presentes nessas frases.

A análise dos dados conduziu-nos à estipulação de vários pontos importantes que concorrem para a caracterização dos segmentos de avaliação da apreciação crítica de livros. Os parágrafos subsequentes delineiam esses contributos.

Tendo por base um *corpus* constituído por 50 textos de apreciação crítica de livros escritos por locutores não-profissionais, recolhidos de 2 blogues e 1 *site* portugueses (*O sabor dos meus livros*, *Mente literária* e *Goodreads*), tivemos como objetivo uma análise global atendendo às condições de produção subjacentes aos textos analisados e à sua composicionalidade, isto é, os elementos que compõem as condições de produção e os aspetos que são objeto de apreciação, seguindo a proposta de Bronckart (1996). Esta análise permitiu-nos perceber algumas diferenças entre os blogues e o *site*. Apesar disso, salientamos que todos eles apresentam 3 propriedades comuns e que podem ser consideradas as informações básicas e necessárias que qualquer apreciação crítica requer, estando também presentes, por exemplo, em apreciações de filmes, de acordo com Silva *et al.* (2018a):

- um corpo de texto;
- um título (usualmente do objeto apreciado);
- uma avaliação simbolicamente expressa sob a forma de um número (de 1 a 5 ou de 1 a 10).

Para além disso, atestamos que todos os textos fazem avaliação do livro em termos globais e que os elementos do livro que são mais criticados são a escrita e a história do livro,

60% e 74% dos casos, respetivamente. Por sua vez, os próprios escritores (38%) e as personagens (42%) são os elementos menos comentados nos textos do nosso *corpus*.

Depois da fase dedicada à análise global do *corpus*, tendo em vista a anotação das RR presentes nos segmentos avaliativos dos textos, delineamos as RR relevantes para o nosso estudo, definindo cada uma delas. Foram, assim, identificadas 13 RR distintas, tendo sido registadas 578 ocorrências dessas RR nos segmentos avaliativos. Seguidamente, exemplificamos os três tipos mais proeminentes: as relações de Continuação, de Explicação e de Contraste. Estes resultados parecem estar intimamente ligados à estrutura composicional das apreciações críticas, já que as sequências textuais típicas deste género textual, considerando que apenas estudamos os segmentos avaliativos, são as de natureza explicativa e argumentativa (Topa-Bryniarska, 2017; Silva *et al.*, 2018b). Assim, verificamos que:

- A relação de Continuação liga segmentos em sequências explicativas e argumentativas.
- A relação de Explicação está presente em segmentos em sequências explicativas, em que se faz a justificação da opinião expressa. Por essa razão, a sequência argumentativa é suplementada com a justificação da posição assumida relativamente a um determinado assunto ou objeto, aparecendo, por isso, ligada a sequências explicativas.
- A relação de Contraste pertence à esfera das estratégias discursivas usadas na argumentação, introduzindo tipicamente contra-argumentos, posições contrárias. Esta RR liga segmentos de natureza argumentativa, que se caracterizam por serem polémicos e dialógicos. Uma das marcas linguísticas prototípicas desta RR o conector “mas”.

Pela sua importância na análise quantitativa das RR no nosso *corpus*, bem como por pertencer à esfera das estratégias discursivas das apreciações críticas e pela importância que esta relação pode ter na anotação da mudança de polaridade de expressões (entre outros) no âmbito dos estudos da AS, aprofundamos a análise da relação de Contraste presente nos segmentos avaliativos.

Primeiramente, observando os conectores linguísticos que marcam esta RR, atestamos a proeminência do conector “mas”, cuja presença ocupa 74,07% de uso em relação a outros

conectores. No conjunto de todos os conectores, verificamos também a presença de 4 valores semânticos distintos dos conectores que marcam a relação de Contraste, conforme Amaro (2010): contra-argumentativo, refutativo, fático e correlativo.

É interessante notar que encontramos mais casos de conectores com o valor contra-argumentativo do que com os outros valores, sendo bastante significativa esta diferença: 82,72% de uso face aos restantes valores. Na verdade, este resultado vem ao encontro daquilo que Amaro (2010) já tinha notado relativamente ao “mas” nos textos de natureza argumentativa, já que o que se pretende nestes contextos é, apesar da imposição da postura do locutor face a uma determinada situação, manter uma relação de cortesia, prezando a negociação de posições.

Para além disso, é de realçar que, no nosso *corpus*, apenas a adversativa “mas” apresenta os 4 diferentes valores semânticos. Os restantes conectores (por exemplo, “no entanto”, “contudo”, “ainda que”, entre outros) apresentam sempre o valor contra-argumentativo, o que pode apontar para o facto de estes conectores terem apenas o valor semântico mais prototípico de “mas”.

Dada a forte natureza avaliativa das apreciações críticas, quisemos aprofundar o estudo de duas classes de palavras que têm um papel fundamental na expressão de opinião, os adjetivos e os advérbios. Para realizar este estudo, recorreremos a propostas teóricas e conceitos no âmbito da AS, em particular seguimos, em termos globais, os princípios de Martin & White (2005) e as propostas de Taboada *et al.* (2011) e de Trnavac *et al.* (2015).

Num primeiro momento, identificamos todos os adjetivos que exprimem avaliação relativamente ao livro ou a algum elemento relacionado com ele (escritor, narrativa, personagens, ...): 56 adjetivos no total, havendo 213 ocorrências desses adjetivos, o que representa 5,50% quanto ao número total de palavras dos segmentos avaliativos. De seguida, fizemos uma caracterização desses adjetivos tendo em conta a subclasse e função, posição e chegamos aos seguintes resultados:

- Todos os adjetivos são qualificativos, havendo casos de relacionais que são recategorizados;
- Os adjetivos com a função atributiva, numa posição posposta ao nome, surgem em maior número no nosso *corpus*, representando 54,93% das ocorrências;
- Os adjetivos com a função atributiva, numa posição anteposta ao nome, surgem em menor número, ocorrendo apenas 15,76% dos casos;

- Os adjetivos com a função predicativa ocorrem em 31,53% dos casos.

Por um lado, os resultados relativamente à subclasse coadunam-se com o papel que os adjetivos assumem nos segmentos avaliativos, o de atribuir propriedades, características às entidades denotadas pelos nomes, por outro lado, os resultados quanto à posição pós-nominal confirmam os resultados obtidos por Rio Torto (2006), que afirma que esta posição é a posição preferencial para os falantes do PE.

De seguida, foi nossa intenção aferir qual a influência dos advérbios na polaridade dos adjetivos quando combinados com estes. Nesse sentido, delimitamos a nossa análise de sentimento às categorias *Atitude* e *Graduação* (Martin & White, 2005), ou seja, interessou-nos sobretudo estudar as possíveis mudanças na intensificação (ou redução) de uma determinada opinião dentro do intervalo da *Atitude*.

Deste modo, identificamos no conjunto de adjetivos já delimitado, ou seja, adjetivos que exprimem opinião, aqueles que são precedidos por advérbios que podem contribuir para a determinação da sua polaridade. Deste conjunto de expressões de advérbio+adjetivo foram excluídos todos os que surgem em estruturas de negação numa tentativa de controlar mais variáveis. Assim foram estudadas 62 expressões advérbio+adjetivo, num total de 56 adjetivos (213 ocorrências com repetições) e 35 advérbios (62 ocorrências com repetições). Nessas expressões, verificamos que:

- Todos os adjetivos são qualificativos, como já vimos antes;
- 27 adjetivos cumprem uma função atributiva numa posição pós-nominal;
- 2 adjetivos cumprem uma função atributiva numa posição pré-nominal;
- 33 adjetivos cumprem uma função predicativa.
- 3 advérbios são de modo;
- 59 advérbios são quantificacionais.

Deve destacar-se que, nos casos das expressões, já não é a função atributiva que apresenta o maior número de ocorrências, mas sim os adjetivos que cumprem uma função predicativa. De notar ainda que, como seria de esperar, a maioria dos advérbios pertence à classe dos quantificacionais na tipologia proposta por Raposo (2013).

Para determinar o contributo dos advérbios para a polaridade dos adjetivos, realizamos um questionário *online*, num formulário *Google*, que foi respondido por 93 falantes nativos do PE. Nesse questionário, pediu-se aos respondentes que atribuíssem um valor de -3 a 3, em que -3 era muito negativo, 0 era um valor neutro e 3 muito positivo aos adjetivos isoladamente e às expressões ADV+ADJ.

Numa análise, anotamos os dados tendo em conta o tipo de operação de mudança efetuada, seguindo para isso a proposta de Trnavac *et al.* (2015): reversão, intensificação, redução ou nenhuma mudança. Nesta anotação, olhamos para o valor atribuído pelos falantes ao adjetivo isoladamente e ao valor atribuído à expressão ADV+ADJ. Nesta análise, verificamos que:

- A intensificação da polaridade do adjetivo surge 29 vezes (67,44%);
- A redução da polaridade do adjetivo surge 8 vezes (18,61%);
- A reversão da polaridade do adjetivo surge 6 vezes (13,95%).

Com base nestes resultados é legítimo concluir que os advérbios (nomeadamente os quantificacionais e os de modo) influenciam a polaridade dos adjetivos com que se combinam.

Sendo as RR fundamentais para entender o modo de organização de um texto e, neste caso, da apreciação crítica, e sendo a questão da polaridade também crucial para a caracterização deste tipo de texto, consideramos ser pertinente analisar de que modo as relações retóricas interferem na orientação de sentimento de frases ou palavras. Dada a dimensão deste estudo, circunscrevemos a nossa pesquisa à relação de Contraste, por ser das mais frequentes neste tipo de texto, e aos adjetivos.

Relativamente ao papel da relação de Contraste na polaridade da frase, observamos:

- A proeminência da reversão da polaridade, ocorrendo 35 vezes (54,69%), 27 vezes em casos com “mas” contra-argumentativo, 5 vezes em casos com “mas” fático e 3 vezes em casos com “mas” refutativo e nenhum caso com “mas” correlativo;
- A intensificação ocorre 18 vezes (28,13%), 16 em casos com “mas” contra-argumentativo e 2 com “mas” fático;

- Nos casos em que não há nenhuma mudança, verificamos a ocorrência de 7 casos (10,94%), 4 vezes em casos com “mas” fático, 2 vezes com “mas” contra-argumentativo e 1 vez com “mas” correlativo;
- A redução da polaridade ocorre 4 vezes (6,25%), 3 vezes em casos com “mas” contra-argumentativo, 1 vez em casos com “mas” fático.

Estes resultados refletem o facto de a contra-argumentação, além de ser o valor prototípico de “mas”, ser o método mais produtivo em contextos argumentativos (Amaro, 2010: 72/86). De lembrar que na proposta de Amaro (2010) o “mas” contra-argumentativo procura conciliar posições diferentes, por isso, é natural que a operação mais frequente seja a de reversão.

Assinala-se, ainda, que se realizou uma análise em que demos conta dos tipos de mudança que ocorrem dentro do valor da reversão, isto é, movimentos desde uma polaridade positiva para negativa e vice-versa. Notamos um equilíbrio entre estas mudanças, apresentando a mudança positiva → negativa 19 casos (55,88%) e a mudança negativa → positiva 15 casos (44,12%).

Quanto ao papel da relação de Contraste na polaridade dos adjetivos, foram seleccionadas 7 frases e 10 adjetivos relevantes. Nesta sequência, tendo em atenção o parâmetro da mudança de Martin & White (2005), os dados mostraram que no nosso *corpus*:

- A operação em que não existe nenhuma mudança de polaridade é a mais frequente, aparecendo 9 vezes (90%);
- A reversão surge apenas 1 vez (10%).

Apesar de serem em número reduzido, os dados analisados indicam, na linha de estudos como o de Trnavac *et al.* (2015), que as RR podem afetar a polaridade dos constituintes e das palavras avaliativas que ocorrem nos constituintes. Não deixamos de acreditar que o estudo aqui apresentado poderá ser melhorado com uma análise mais minuciosa no que concerne ao papel das RR na AS, abrangendo um maior número de RR e averiguando o seu comportamento na mudança de polaridade, nomeadamente na força e no foco (parâmetro não investigado neste estudo), que estão relacionadas com o sistema da Graduação de Martin & White (2005).

O estudo realizado permitiu reunir vários contributos para um melhor entendimento do género de apreciação crítica de livros. Com efeito, a nossa análise revela que este género textual, apesar de ter como foco um objeto cultural diferente, partilha características com as apreciações críticas de filmes estudadas, entre outros, por Taboada (2011) e Silva *et al.* (2015; 2018b), nomeadamente no que diz respeito à infraestrutura, à maior liberdade dos autores das críticas na produção do texto por serem não-profissionais, à presença de diferentes RR e à relevância de classes palavras como os adjetivos para a definição da polaridade dos textos. Contudo, o nosso estudo, sendo, tanto quanto sabemos, o único sobre apreciações críticas de livros em PE que procura relacionar as RR com análise de sentimento, traz outros contributos.

Em suma, a análise feita revela que as apreciações críticas de livros, escritas por não-profissionais, não obedecem a um modelo rígido no que diz respeito à sua infraestrutura e ao conteúdo, variando nas informações que são dadas sobre o livro e nos aspetos que são criticados. Para além disso, a análise mostra que os segmentos avaliativos se estruturam sobretudo com base em RR de natureza conetiva e argumentativa, havendo com alguma frequência a tentativa de apresentar aspetos opostos numa espécie de diálogo que visa persuadir o leitor a aderir à avaliação feita. Mais, esses segmentos avaliativos dependem em larga medida dos adjetivos para exprimir juízos ou opiniões e dos advérbios que podem operar mudanças na polaridade dos adjetivos.

Damos conta, em seguida, de um conjunto de tópicos e questões que ficaram por explorar mais aprofundadamente ou que ainda não foram respondidas de forma cabal, e que poderão servir como pistas para investigação futura.

Primeiramente, num estudo futuro, pretendemos continuar a trabalhar sobre a apreciação crítica, com o intuito de comparar as características encontradas para este género escritas por não-profissionais com as escritas por profissionais, alargando esta análise a apreciações de outros objetos culturais, por exemplo, quadros, esculturas, entre outros.

Para além disso, num estudo ulterior, seria importante aprofundar o estudo das expressões advérbio+adjetivo, com um maior número de exemplos, a fim de tentar perceber se, efetivamente, o papel do advérbio na determinação da polaridade do adjetivo é, ou não, preponderante e quais os advérbios que operam os diferentes tipos de mudança.

Um outro aspeto que nos tem prendido a atenção desde o início deste estudo, mas que ainda não foi tratado exhaustivamente, está relacionado com a forma como são processadas as RR. De facto, o estudo e a caracterização dos diferentes tipos de RR que consolidam a

construção da representação mental de um texto é uma área que é muito importante na investigação linguística contemporânea, podendo trazer inúmeros contributos para o estudo das mesmas. Para além disso, uma pesquisa que conjugasse resultados oriundos da aquisição da linguagem com resultados obtidos nos estudos sobre o processamento semântico do discurso poderia trazer um contributo relevante para questões como a sua relevância e adequação psicológica, permitindo também perceber se as RR poderão ser definíveis a partir de conceitos cognitivamente básicos de natureza universal.

Outra investigação que se nos afigura importante é a determinação dos valores semânticos que a conjunção adversativa “mas” pode acarretar. Efetivamente, tendo em conta que há valores de “mas” que não marcam à primeira vista uma relação de Contraste – os valores correlativo, fático e aditivo argumentativo –, interessaria verificar se esses mesmos valores poderiam inferir um outro tipo de RR.

Nesse seguimento, convém também dar importância ao comportamento que as diferentes RR têm na determinação da polaridade dos textos ou frases, bem como as alterações que podem provocar nas palavras que exprimem opinião (quer elas sejam advérbios ou adjetivos, como no nosso estudo, ou nomes e verbos).

Em suma, este estudo consiste no começo de um caminho e não no seu fim. Se é certo que muitas perguntas continuarão por agora sem resposta, também é certo que um esforço de investigação sistemática e integrada de todos estes fatores (e de outros) permitirá, sem dúvida, deslindar outros mecanismos semânticos, assim como abrir portas a novos sistemas teóricos mais eficientes que permitam enriquecer a nossa compreensão de problemas tão complexos e fascinantes como são o da expressão de opinião, da organização textual, das RR e da AS.

““I feel, therefore I am” could have preceded Descartes’ statement. Feelings seem more primitive than thought, yet they constitute a significant portion of our lives. Emotions, opinion, and their expression in language are probably one of the most fundamental human traits.”

(Taboada, 2016: 2)

Referências Bibliográficas

- ADAM, J. M. 1992. *Les textes: types et prototypes - Récit, description, argumentation, explication, et dialogue*. Paris: Nathan.
- ADAM, J. M. 2008. *A lingüística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.
- ALARCOS, E. L. 1994. Los adverbios. In E. Alarcos (orgs.). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Alpe, pp. 128-135
- ALVES, A. T. 2002. *Sobre a localização temporal adverbial anafórica em Português*. Dissertação de Doutorado. Universidade dos Açores.
- AMARO, A. 2010. *Valores de mas em textos de opinião*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. 1977. Deux mais en Français?. *Lingua* 43. (pp. 23-40).
- ASHER, N.; LASCARIDES, A. 2003. *Logics of Conversation*. Cambridge: University Press.
- ASHER, N.; PRÉVOT, L.; VIEU, L. 2008. Setting the Background in Discourse. In *Discours(e)* 1. Disponível na internet em: <https://journals.openedition.org/discours/301> (acedido a: 26/05/2018).
- ASHER, N.; BENAMARA, F.; MATHIEU, Y. Y. 2009. Appraisal of opinion expressions in discourse. *Linguisticae Investigationes* 32(2): 279-292.
- BAKHTIN, M. 1986. *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin: University of Texas Press.
- BARROS, E. M. D. 2008. *A apropriação do gênero crítica de cinema no processo de letramento*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Londrina.
- BARROS, E. M. D. 2009. Gêneros textuais e práticas de letramento: a temporalidade verbal no gênero crítica cinematográfica. *RBLA* 9(1): 177-200.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- BENAMARA, F.; POPESCU, V.; CHARDON, B.; ASHER, N.; MATHIEU, Y. Y. 2013. Assessing Opinions in Texts: Does Discourse Really Matter?. In M. Taboada e R. Trnavac (Eds.). *Nonveridicality and Evaluation: Theoretical, Computational and Corpus Approaches*. Leiden: Brill.
- BERBARE, A. P. 2004. Crítica de cinema: caracterização do gênero para projetos de produção escrita na escola. In: M. A. Lopes-Rossi (Org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. São Paulo: Cabral, 41-58.

- BIBER, D.; FINEGAN, E. 1988. Adverbial stance types in English. *Discourse Processes* 11: 1-34.
- BOSQUE, I. 1993. Sobre las diferencias entre los adjetivos relacionales y los calificativos. *Revista Argentina de Lingüística* (9): 9-48.
- BOSQUE I. 1999. *El sintagma adjetival. Modificadores y complementos del adjetivo. Adjetivo y participio*. In I. Bosque & V. Demonte (eds.). Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Real Academia Española / Espasa Calpe. Vol. 1. pp. 217-310.
- BRITO, A. M. 2003. Categorías Sintácticas. In Mateus *et al.* (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 323-433). Lisboa: Editorial Caminho.
- BRONCKART, J. P. 1996. *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sociodiscursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- COELHO, A. S. R. 2015. *Relações Retóricas e Temporais no Texto*. Tese de Mestrado. Universidade do Porto.
- CONRAD, S.; DOUGLAS, B. 2000. Adverbial Marking of Stance in Speech and Writing. In S. Hunston, & G. Thompson (Eds.). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse* (pp. 56-73). Oxford: Oxford University Press.
- COSTA, J. 2008. *O advérbio em português europeu*. Lisboa: Edições Colibri. 114 pp.
- COUTINHO, M. A. 1999. *Texto(s) e Competência Textual*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- COUTINHO, M. A. 2004. A ordem do expor em géneros académicos do português europeu contemporâneo”. In *Caleidoscópio*, vol. II, n.º 2. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. pp. 9-15.
- COUTINHO, M. A. 2006. Descrever géneros de texto: resistências e estratégias. In M. A. Coutinho (eds.). *Veredas*, vol. 10: 640-647.
- COUTINHO, M. A. 2011. Macroestruturas e microestruturas textuais. In: I. Duarte; O. Figueiredo. *Português, língua e ensino*. Porto: Porto Editorial: 189-220.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. (2ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- CUNHA, L. F.; SILVANO, P.; LEAL, A. 2008. Relações Retóricas e Temporais em construções Gerundivas Adverbiais. In: M. F. Oliveira & I. M. Duarte (orgs.). *O fascínio da linguagem: actas do Colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*.

- CUNHA, L. F.; SILVANO, P. 2009. O papel das restrições aspectuais nas relações retóricas: o caso das frases complexas com *quando*. In: *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 239-250. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Purificacao_Silvano/publication/280530533_O_papel_das_restricoes_aspectuais_nas_relacoes_retoricas_o_caso_das frases_complexas_com_quando/links/582f102908ae004f74be5618/O-papel-das-restricoes-aspectuais-nas-relacoes-retoricas-o-caso-das-frases-complexas-com-quando.pdf. (acedido a: 22/03/2018).
- DEMONTE, V. 1999. El Adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el Sintagma Nominal. In I. Bosque & V. Demonte (Orgs). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Espasa Alpe, pp. 129-215.
- FACHADA, B. 2019. Os valores de *mas* em artigos de opinião. In *Revista elingUP* 8(1): 108-122. Disponível na internet em:
<https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/article/view/6406/6005>.
- FERREIRA, I. A. 2013. *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais do Português Europeu*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.
- FERREIRA, I. C. C. C. 2018. *Sobre a Semântica de Adjetivos Adverbiais Modais*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- FONSECA, J. 2001. «Viva a Guiné-Bissau»: a construção do sentido e da força persuasiva do discurso. *Círculo* 6: 15-45.
- HALLIDAY, M. A. K. 1994. *An Introduction to Functional Grammar*. London Edward Arnold. London: Edward Arnold.
- HOBBS, J. 1985. *On the Coherence and Structure of Discourse*. Disponível na internet em:
<http://www.hf.uio.no/ilos/forskning/prosjekter/sprik/pdf/ocsd.pdf>. (acedido a: 08/01/2019).
- HUNSTON, S.; THOMPSON, G. 2000. Evaluation: An introduction. In: S. Hunston, G. Thompson (eds.). *Evaluation in Text: Authorial Distance and the Construction of Discourse*, pp. 1-27. Oxford: Oxford University Press.
- KAMP, H.; REYLE, U. 1993. *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

- KEHLER, A. 2002. *Coherence, Reference, and the Theory of Grammar*. United States: CSLI Publications.
- KENNEDY, C.; LEVIN, B. 2008. Measure of Change: The Adjectival Core of Degree Achievements. In L. McNally & C. Kennedy (eds.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, pp.156-182.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L. 2005. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. In *Language – A Journal of the Linguistic Society of America*. Vol. 81(2): 345-381.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. 2004. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In F. Mussalim & A. C. Bentes (eds.). *Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológico*. São Paulo: Cortez.
- LANGACKER, R. W. 1990. Subjectification. *Cognitive Linguistics* 1: 5-38.
- LEAL, A.; CUNHA, L. F.; FERREIRA, F. 2011. Algumas reflexões sobre escalaridade e degree achievements em Português Europeu. In: *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa da Linguística* (pp. 316-324). Lisboa: APL, 2011.
- LYONS, J. 1981. *Language and Linguistics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MANN, W.; THOMPSON, S. 1987. *Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization* (Technical Report No. ISI/RS-87-190). Marina del Rey, CA: Information Sciences Institute.
- MANN, W.; THOMPSON, S. 1988. Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. *Text* 8(3): 243-281.
- MARCUSCHI, L. A. 2008. Produção textual, análise de géneros e compreensão.
- MARTIN, J. R. 2000. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In Hunston, S. & Thompson, G. (eds.). *Evaluation in Text*. (pp. 142-175). Oxford: Oxford University Press.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. 2005. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Eastbourne: Palgrave Macmillan.
- MATOS, G.; PRADA, E. 2004. Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. Concessivas. Disponível na Internet em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/directiva/2005MATOS_PRADA_APLXX.pdf (acedido a: 09.07.2019)

- MEJOVA, Y. 2009. *Sentiment Analysis: An Overview*. Disponível na Internet em: https://www.researchgate.net/publication/264840229_Sentiment_Analysis_An_Overview (acedido a: 09.04.2019)
- MOHAMMAD, S. M. 2017. Challenges in Sentiment Analysis. (pp. 61-84). In E. Cambria, D. Das, S. Bandyopadhyay & A. Feraco (eds.). *A Practical Guide to Sentiment Analysis*. Suíça: Springer.
- MÓIA, T. (s.d.). *Sobre Classes Semânticas de Adjectivos*. Cadernos de Semântica 7. Disponível na internet em: http://www.clul.ulisboa.pt/files/telmo_moia/tmoia_adjectivos1992.pdf (acedido a: 02.04.2019)
- MONTEIRO, T. 2016. Relações Retóricas em Notícias. *Revista elingUP* (5). Disponível na internet em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/article/view/2541> (acedido a: 13.02.2019)
- OLIVEIRA, F.; CUNHA, L. F.; SILVANO, P. 2010. Relações Retóricas em Textos: A contribuição do aspeto. *Estudos Linguísticos* (5): 277-292.
- PANG, B.; LEE, L. 2008. Opinion mining and sentiment analysis. *Foundation and Trends in Information Retrieval* 2(1-2): 1-135.
- RAPOSO, E. B. P. 2013. Advérbio e Sintagma Adverbial. In Paiva Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*, vol. 2. Cap. 33. (pp. 1569-1686). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, M. 2018. UM SINGULAR, DOIS PLURAIS? A alteração de timbre da vogal tónica na formação dos plurais metafónicos do PE. In *Revista elingUP* 7(1): 10-28. Disponível na Internet em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP> (acedido a 30.04.2019)
- RIO TORTO, G. 2006. Para uma gramática do Adjectivo. *Alfa: Revista de Linguística*. Vol. 50 (2): 103-129.
- SILVA, F.; PURIFICAÇÃO, S.; LEAL, A.; OLIVEIRA, F. 2015. Marcas linguísticas da apreciação crítica. In: E. Ferreira, F. Viegas, J. P. Aldo, L. Redes, P. Ferreira, T. Cunha (orgs.). *Atas do 11.º Encontro Nacional da APP - Literatura e Gramática. Um diálogo infinito*, Lisboa: Associação de Professores de Português.
- SILVA, F.; PURIFICAÇÃO, S.; LEAL, A.; OLIVEIRA, F.; BRAZDIL, P.; CORDEIRO, J.; OLIVEIRA, D. 2018a. Análise de sentimento em artigos de opinião. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* (13): 79-114.

- SILVA, F.; LEAL, A.; PURIFICAÇÃO, S.; FERREIRA, I.; OLIVEIRA, F. 2018b. Crítica cinematográfica em blogues e jornais: análise linguístico-textual. In Veloso, João; Guimarães, Joana; Silvano, Purificação & Silva, Rui (orgs.). *A Linguística em diálogo. Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP.
- SILVA, P. N. 2012. *Tipologias Textuais Como Classificar Textos e Sequências*. Almedina.
- SILVANO, P. 2010. *Temporal and Rhetorical Relations: The Semantics of Sentences with Adverbial Subordination in European Portuguese*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SILVANO, P. 2013. A semântica das frases com subordinação adverbial: o contributo das relações retóricas. In: *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL. pp. 595-614. Disponível na internet em: <https://apl.pt/atas-2/> (acedido a: 03.04.2019)
- SILVANO, P.; OLIVEIRA, F.; SORAIA, A. 2018. A Relação Retórica De Elaboração: Subtipos E Caracterização Semântica. In Veloso, João; Guimarães, Joana; Silvano, Purificação & Silva, Rui (orgs.) *A Linguística em diálogo. Volume comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP.
- SOMASUNDARAN, S.; WIEBE, J.; RUPPENHOFER, J. 2008. Discourse level opinion interpretation. In *Proceedings of COLING* (8): 801-808.
- SOMASUNDARAN, S.; NAMATA, G.; WIEBE, J.; GETOOR, L. 2009. Supervised and unsupervised methods in employing discourse relations for improving opinion polarity classification. In *Proceedings of the ENMLP*: 170-179.
- SOUSA, S. 2007. Contributos para o estudo das construções refutativo-rectificativas em PE. In *Textos seleccionados do XXII Encontro Nacional da APL*, Lisboa: APL, pp. 435-449.
- TABOADA, M. 2008. *The SFU Review Corpus*. Simon Fraser University.
- TABOADA, M. 2011. Stages in an online review genre. In *Text & Talk* 31 (2): 247–269.
- TABOADA, M. 2016. Sentiment Analysis: An Overview from Linguistics. Disponível na internet em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-linguistics-011415-040518> (acedido a: 03.05.2019).
- TABOADA, M.; BROOKE, J.; TOFILOSKI, M.; VOLL, K.; STEDE, M. 2011. Lexicon-Based Methods for Sentiment Analysis. *Computational Linguistics* 37(2): 267-307.

- TABOADA, M.; MANN, W. C. 2006. Rhetorical Structure Theory: Looking Back and Moving Ahead. In *Discourse Studies* 8 (3): 423-459.
- TABOADA, M.; VOLL, K. D.; BROOKE, J. 2008. Extracting sentiment as a function of discourse structure and topically. *Technical Report* 20. Simon Fraser University.
- TABOADA, M.; GONZÁLEZ, M. L. A. 2012. Discourse markers and coherence relations: Comparison across markers, languages and modalities. *Linguistics and the Human Sciences* 6 (1-3): 17-41.
- TABOADA, M.; TRNAVAC, R. 2013. *Nonveridicality and Evaluation Theoretical, Computational and Corpus Approaches*. Brill Academic.
- THOMPSON, G.; ALBA-JUEZ, L. 2014. *Evaluation in Context*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- TOPA-BRYNIARSKA, D. 2017. *La critique de cinéma comme activité rhétorique*. *Cognitive Studies/Études Cognitives*. Disponível na Internet em: <https://ispan.waw.pl/journals/index.php/cs-ec/article/viewFile/cs.1456/3063> (acedido a: 22.04.2018)
- TRNAVAC, R.; TABOADA, M. 2012. The contribution of nonveridical rhetorical relations to evaluation in discourse. *Language Sciences* 34 (3): 301-318.
- TRNAVAC, R.; TABOADA, M. 2014. Discourse relations and affective content in the expression of opinion in texts. In G. Kotzoglou et al. (eds), *Selected Papers of the 11th International Conference on Greek Linguistics*. Rhodes, Greece. 1705-1715.
- TRNAVAC, R.; DAS, D.; TABOADA, M. 2015. *Discourse relations and evaluation*. Disponível na internet em: https://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Trnavac_Das_Taboada_Corpora.pdf (acedido a: 12.12.2018).
- VELOSO, R.; RAPOSO, E. B. P. 2013. Adjetivo e Sintagma Adjetival. In Paiva Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*, vol. 2. Cap. 31. (pp. 1359-1493). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VIEU, L.; BRAS, M.; ASHER, N.; AURNAGUE, M. 2005. Locating adverbials in discourse. *French Language Studies* (15): 173–193. Cambridge University Press.
- WIEBE, J. M.; BRUCE, R.; MARTIN, M.; WILSON, T.; BELL, M. 2004. Learning Subjective Language. *Computational Linguistics* 30 (3): 277-308.